



## Tudo é possível? Uma ética para a civilização tecnológica

**Nathalie Frogneaux**  
Um futuro hipotecado

**Jelson Roberto de Oliveira**  
A heurística do temor e o despertar  
da responsabilidade

**Helder Carvalho**  
Uma filosofia para compreender  
a crise ambiental

E mais:

>> **Alex Villas Boas**  
Drummond e a “re-significação” de  
Deus na poesia

>> **Castor Ruiz**  
*Homo sacer*. O poder soberano  
e a vida nua

# Tudo é possível? Uma ética para a civilização tecnológica

Há 32 anos era lançada uma obra fundamental para a filosofia, cuja abordagem é das mais atuais e inquietantes: *O princípio responsabilidade*, de Hans Jonas (1903-1993). Inspirada pela importância desse escrito, a IHU On-Line entrevistou pesquisadores sobre o legado jonasiano.

A autonomia deve fundamentar o agir humano frente aos poderes ilimitados que a ciência confere à humanidade, observa o filósofo **Laurenço Zancanaro**, da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Entretanto, completa, Jonas não se opõe à tecnologia, mas propõe uma ética que atente para a antecipação dos riscos e o cuidado.

**Jelson Roberto de Oliveira**, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, examina a heurística do temor e fala sobre o tom antecipador e “primazia do mau prognóstico” como característicos desse expediente.

**Helder Buenos Aires de Carvalho**, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, nomeia a filosofia jonasiana como chave para compreender a crise ambiental. Com seu imperativo ético, assinala, o princípio responsabilidade afirma o valor indiscutível da vida dos humanos e não humanos, além de reiterar a liberdade e autonomia do sujeito contemporâneo.

A filósofa **Nathalie Frogneaux**, da Universidade Católica de Louvain (Louvain-la-Neuve), exorta para a necessidade de abdicarmos da “festa frívola” e da ideologia do progresso que embalam o egoísmo moderno, caso contrário estaremos “hipotecando nosso futuro”. A relevância interdisciplinar de Jonas, com o debate entre saberes que pode ser estabelecido a partir de seu pensamento é o tema de **Robinson dos Santos**, da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. A reformulação do imperativo categórico e a reabilitação da natureza, abordada por **Lilian Godoy**, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG complementa o debate.

O teólogo **Alex Villas Boas** analisa Carlos Drummond de Andrade e a “re-significação” de Deus na poesia.

**Augusto de Sá Oliveira**, professor na Faculdade 2 de Julho (F2J/Bahia) e pesquisador do Grupo Cepos, da Unisinos, é autor do artigo intitulado *O Paraíso é aqui! Ou o refúgio privilegiado de uma “gente diferenciada”*.

**Carla Simone Rodeghero**, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e **Lucília de Almeida Neves Delgado**, da Universidade de Brasília - UnB, antecipam aspectos que irão abordar em suas conferências no **Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira**, ciclo que continua e conclui nesta semana no Instituto Humanitas Unisinos - IHU e no PPG em História da Unisinos.

O PPG em Filosofia da Unisinos promove, em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos - IHU, o ciclo **Giorgio Agamben: “O Homo Sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana”**. O coordenador do evento, **Castor Ruiz**, professor e pesquisador do PPG em Filosofia, expõe os principais pontos a serem discutidos na segunda etapa do Ciclo a ser realizada nesta semana.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

## Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da Revista IHU On-Line: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Rafaela Kley e Stefanie Telles. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 4121.



LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



Ministério  
da Cultura



## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 07 | Nathalie Frogneaux: Um futuro hipotecado

PÁGINA 11 | Jelson Roberto de Oliveira: A heurística do temor e o despertar da responsabilidade

PÁGINA 16 | Helder Carvalho: Uma filosofia para compreender a crise ambiental

PÁGINA 19 | Lilian Godoy: A reformulação do imperativo categórico e a reabilitação da natureza

PÁGINA 22 | Lourenço Zancanaro: Por uma ética do cuidado e da responsabilidade

PÁGINA 25 | Robinson dos Santos: A relevância interdisciplinar de Jonas

### B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 29 | Alex Villas Boas: Drummond e a “re-significação” de Deus na poesia

» Coluna do Cepos

PÁGINA 34 | Augusto de Sá Oliveira: O Paraíso é aqui! Ou o refúgio privilegiado de uma “gente diferenciada”

» Destaques On-Line

PÁGINA 36 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 40 | Castor Ruiz: *Homo sacer*. O poder soberano e a vida nua

PÁGINA 43 | Carla Simone Rodeghero: Nacionalismo e antiamericanismo: a legalidade e a política externa norte-americana

PÁGINA 46 | Lucília de Almeida Neves Delgado: O Jango da memória e o Jango da História

PÁGINA 49 | André Azevedo: Adam Smith, os sentimentos morais e a acumulação da fortuna material

» IHU Repórter

PÁGINA 54 | Cristina Trisch



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

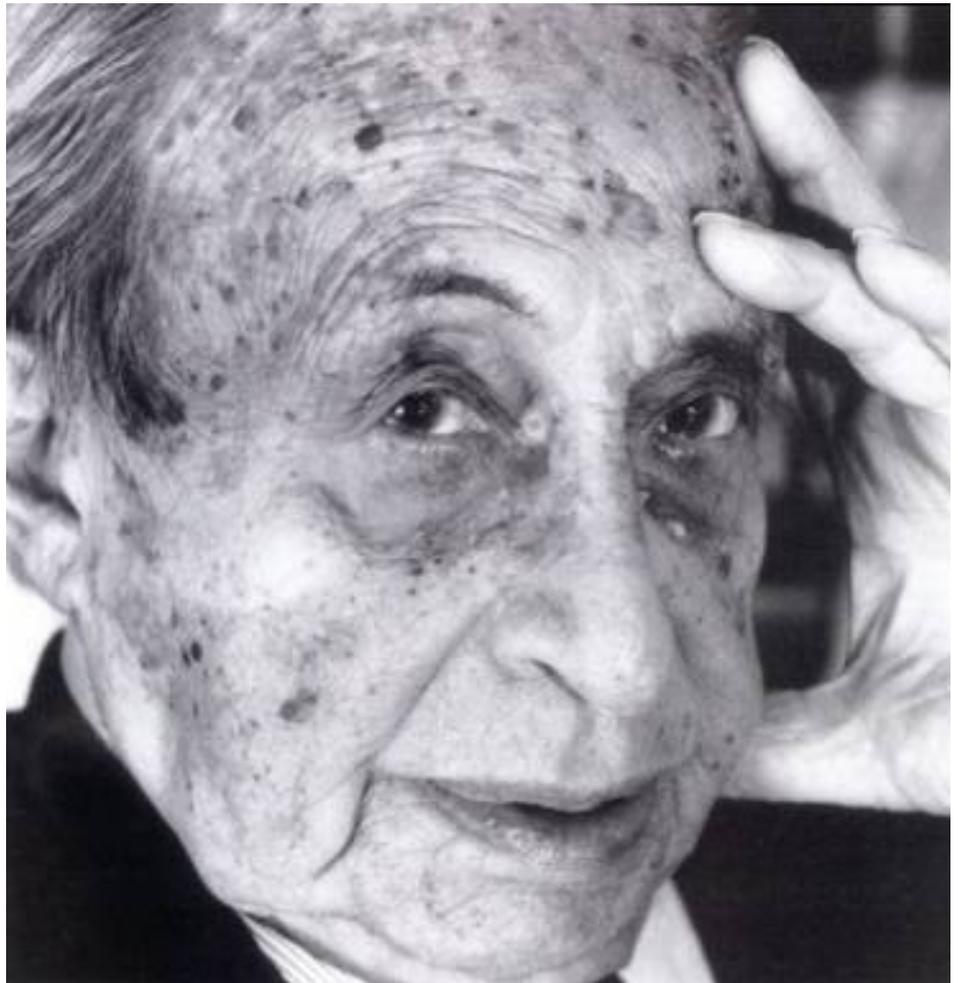
## Tema de Capa

## Biografia

Hans Jonas (1903-1993) foi um filósofo alemão. É conhecido principalmente devido à sua influente obra *O princípio responsabilidade* (publicada em alemão em 1979, e em inglês em 1984). Seu trabalho concentra-se nos problemas éticos sociais criados pela tecnologia. Jonas quer sustentar que a sobrevivência humana depende de nossos esforços para cuidar de nosso planeta e de seu futuro. Formulou um novo e característico princípio moral supremo: “Atuar de forma que os efeitos de suas ações sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana genuína”.

Embora se tenha atribuído a *O princípio responsabilidade* o papel de catalisador do movimento ambiental na Alemanha, sua obra *O fenômeno da vida* (1966) forma a espinha dorsal de uma escola de bioética nos Estados Unidos. Profundamente influenciado por Heidegger<sup>1</sup>, esta obra tenta sintetizar a filosofia da matéria com a filosofia da mente, produzindo um rico entendimento da biologia, em busca de uma natureza humana material e moral.

1 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNty>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)



A biologia filosófica de Hans Jonas tenta proporcionar uma concepção una do homem, reconciliada com a ciência biológica contemporânea.

Também escreveu abundantemente sobre gnosticismo, pelo que é igualmente conhecido, interpretando a religião como um ponto de vista existencial filosófico. Jonas foi o primeiro autor a escrever uma história detalhada do antigo gnosticismo. Além disso, foi um dos primeiros autores a relacioná-lo com questões éticas nas ciências naturais. A filosofia de Jonas foi influenciada pela filosofia de Alfred North Whitehead<sup>2</sup>.

2 Alfred North Whitehead (1861-1947): filósofo e matemático britânico. Renomado pesquisador na área da filosofia da ciência, principalmente no que diz respeito aos fundamentos da matemática. Juntamente com Bertrand Russell, escreveu *Principia Mathematica*. É também o desenvolvedor da chamada teologia

### Trajatória

Jonas nasceu na cidade de Mönchengladbach, em 10 de maio de 1903. Estudou filosofia e teologia em Friburgo, Berlim e Heidelberg, e finalmente se doutorou em Marburg, onde fez estudos sobre Martin Heidegger e Rudolf Bultmann<sup>3</sup>. Lá conheceu Hannah

do processo. (Nota da IHU On-Line)

3 Rudolf Karl Bultmann (1884-1976): teólogo luterano alemão nascido em Wiefelstede, Oldenburg, que propôs uma interpretação do Novo Testamento da Bíblia apoiada em conceitos de uma filosofia existencialista. Iniciou como professor sobre sua especialidade, o Novo Testamento (1916), em Breslau, Giessen e Marburg. Nessa cidade tomou contato com Martin Heidegger e a filosofia existencialista, que influenciou seu pensamento posterior. Morreu em Marburg, então Alemanha Ocidental. Seu primeiro livro foi *Jesus* (1926) e e sua mais famosa obra foi *Das Evangelium des Johannes* (1941). Na edição número 114, de 06-09-2004, publicamos na editoria Teologia

Arendt<sup>4</sup>, quem também estava fazen-

Pública um debate sobre a obra Teologia do Novo Testamento, com a participação de Nélío Schneider e Johan Konings, disponível para download em <http://bit.ly/qH9MxQ> (Nota da IHU On-Line)

4 Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera económica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal (Lisboa: Tenacitas. 2004) e O Sistema Totalitário (Lisboa: Publicações Dom Quixote.1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12- 2005, sob o título Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX, disponível para download em <http://bit.ly/qMjoc9> e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975, disponível para download em <http://bit.ly/rt6KMg>. Nas Notícias do Dia de 01-12-2006 você confere a entrevista Um pensamento e uma presença provocativos, concedida com exclusividade por Michelle-Irène Brudny em 01-12-2006, disponível para download em <http://bit.ly/o0pntA> (Nota da IHU

do doutorado, iniciando uma amizade que duraria o resto de suas vidas.

Em 1933, Heidegger uniu-se ao partido nazista, algo que Jonas tomou pessoalmente, já que era de origem judia e sionista. O fato de o grande filósofo cometer tal ato político fez Jonas questionar o valor da filosofia.

Deixou a Alemanha e foi para a Inglaterra nesse mesmo ano e de lá viajou para a Palestina em 1934. Em 1940 retornou à Europa para participar do exército britânico, que havia formado uma brigada especial para judeus alemães que quisessem lutar contra Hitler. Foi enviado à Itália, e até o final da guerra à Alemanha. Assim cumpriu sua promessa de somente retornar à sua terra se fosse como um soldado de um exército vitorioso. Durante a guerra escreveu numerosas cartas, tanto filosóficas como amorosas, a Lore, com quem se casaria em 1943.

Imediatamente após a guerra, voltou a Mönchengladbach, para buscar a sua mãe, porém descobriu que ela havia sido enviada a câmaras de gás de

On-Line)

Auschwitz. Sabendo disto, rechaçou a ideia de viver outra vez na Alemanha. Retornou à Palestina, e tomou parte na guerra árabe-israelense de 1948. Apesar disso, sentiu que seu destino não era ser um sionista, mas ensinar filosofia. Jonas deu aulas na Universidade Hebraica de Jerusalém, brevemente, antes de mudar-se para a América do Norte. Em 1950 foi para o Canadá, ensinando na Universidade de Carleton, e de lá se mudou para Nova York, em 1955, onde viveu o resto de seus dias. Trabalhou para a Nova Escola de Investigações Sociais entre 1955 e 1976, e morreu em 5 de fevereiro de 1993, aos 89 anos.

#### Edições em português

*Ética, medicina e técnica.* [S.l.]: Vega, 1994

*O princípio responsabilidade.* [S.l.]: Contraponto Editora, 2006

*O princípio da vida: fundamentos para uma biologia filosófica* [S.l.]: Vozes, 2004

## 30 de agosto

### Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira

### Apresentação da pesquisa “História e Memória de João Goulart” - 9h

### Profa. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado - UNB

### Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## Um futuro hipotecado

Abdicar da “festa frívola” e da ideologia do progresso que embalam a sociedade moderna egoísta é imprescindível para que tanto a humanidade quanto o planeta onde vive continuem a existir, pondera Nathalie Frogneaux

POR MÁRCIA JUNGES

“**C**ontinuamos ainda hoje muito míopes nas nossas escolhas e prisioneiros da ideologia do progresso de uma humanidade que se considera soberana”. A constatação é da filósofa francesa Nathalie Frogneaux, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line** sobre o legado de Hans Jonas. Na verdade, continua, “se Jonas teve a intuição do perigo tecnológico que ameaçava a humanidade futura, ele constata também que esta intuição é rara e dificilmente partilhável”. A partir dessas constatações, a filósofa questiona como se pode “agir de maneira descentralizada e não egocêntrica ou etnocêntrica? Como não optar em função de nossa única época? Como operar esta inversão do olhar e, assim, de levar em consideração os que não nos são contemporâneos, pelos que, no entanto, somos responsáveis? Como renunciar ao que Jonas chama de ‘festa frívola’ de nossa época para optar por um comportamento mais responsável (e, sem dúvida, menos dispendioso), mas também menos arrogante, mais descentralizado?” Frente a tantas dúvidas, uma coisa é certa: “Não podemos hipotecar o futuro dos humanos que está por vir”.

Nathalie Frogneaux leciona na Universidade Católica de Louvain (Louvain-la-Neuve), na Bélgica, no Instituto Superior de Filosofia. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais são os principais desafios à ética formulada por Hans Jonas?**

**Nathalie Frogneaux** - Vou responder mais amplamente a partir d’*O princípio responsabilidade*, e, sem querer ser exaustiva, gostaria de salientar quatro desafios principais. A conscientização da crise tecnológica e seus riscos ecológicos, a dimensão ética de nossas ações coletivas, uma remodelação do político e, sobretudo, o sentimento de uma responsabilidade amplificada inédita.

O primeiro desafio é a tomada de consciência diante de uma ameaça global que se esconde atrás da ideologia de uma vida mais confortável. Se recolocarmos a ética da responsabilidade no contexto dos anos 1970, seu desafio era uma conscientização da situação de urgência na qual a humanidade se encontrava em razão das escolhas científico-tecnológicas da sociedade ocidental. Jonas vislumbra antecipadamente que estas escolhas

serão logo seguidas pelo conjunto da população mundial. O caráter precoce e radical de sua conscientização desta crise, ligada a um sistema tecnológico cumulativo, caracteriza certamente o princípio responsabilidade. O primeiro desafio seria então de fazer compartilhar uma intuição impopular e que ia a contracorrente na sensibilidade e no otimismo do momento: a saber, a inversão possível da utopia científico-técnica, ocidental moderna em catástrofe para a humanidade inteira. Jonas pensa esta perversão de um ideal, enquanto que a época é ainda voltada aos desafios “melhoristas” e ligados ao progresso de nossas condições de vida, como a conquista do espaço ou a oposição entre capitalismo e comunismo. Neste sentido, Jonas desenvolve um pensamento global: este desafio diz respeito a todos nós, pois somos todos potencialmente vítimas destas ameaças ecológicas. Se insisto na intuição de Jonas, é porque ele não distingue nem um pouco os tipos de riscos tec-

nológicos (intrusão das técnicas no seio da matéria e mesmo dos organismos vivos) riscos ecológicos consecutivos (esgotamento dos recursos pelo superconsumo, poluição, mudanças climáticas, etc.). Todas estas distinções, que se tornaram evidentes hoje, somente serão possíveis mais tarde. Da mesma forma, ainda marcado pela oposição entre o comunismo e capitalismo, deixa ocultada a convivência entre tecnologia e economia para salientar o salto da ciência na era tecnológica.

### **Novo imperativo categórico**

O segundo desafio do princípio responsabilidade é certamente mais o de ligar esta constatação da crise tecnológica e ecológica a um desafio ético, do que aos enredos políticos ou à gestão das ações coletivas. Efetivamente, a responsabilidade de nossas ações coletivas deve ser carregada por cada indivíduo: somente uma ética em nível universal será capaz de evitar um

risco global. Enquanto que as questões éticas ligadas ao multiculturalismo emergiam, enquanto que o liberalismo parecia ser uma solução eficaz para conciliar as diversas concepções da vida boa, Jonas salientava a necessidade de garantir as condições de possibilidade deste debate. Neste sentido, pode-se ver a ética da responsabilidade como uma metamoral, pois ela diz respeito à condição de possibilidade de todas as éticas (mesmo a de Kant<sup>1</sup>). Esta condição é a de uma humanidade livre e responsável. O segundo desafio é, então, a radicalidade desta ética que traz um novo imperativo categórico: que uma humanidade seja feita.

O terceiro desafio seria a articulação entre a ética e o político ou a remoralização do político que corresponde ao destaque do rebaixamento ético de toda política. Um valor deve ser compartilhado por todos, independentemente das escolhas históricas e das opções particulares: o da existência humana como tal e que não deve ser melhorado. A humanidade não é um fato, mais um valor do qual continuamos responsáveis em razão do nosso poder sobre ela. Porém, esta humanidade é a condição de possibilidade de todas as opções políticas.

### Responsabilidade ontológica

O quarto desafio, que é em realidade o centro da ética e da responsabilidade 1 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

## “O segundo desafio é a radicalidade desta ética que traz um novo imperativo categórico: que uma humanidade seja feita”

bilidade, consiste em redefinir o conceito e dar-lhe um valor ontológico. Ser responsável não se limita mais à sua dimensão civil (reparar os danos causados ao outro) ou penal (sofrer uma pena pelas regras infringidas). Jonas define a responsabilidade como o dever de conformar os atos a uma humanidade futura digna deste nome. Trata-se então de inverter o sentido temporal da responsabilidade do passado para o futuro e mesmo um futuro desconhecido por definição, uma vez que ele é marcado por inovações radicais. É preciso assim levar em conta todas as consequências e os desafios de sua ação: previstos, previsíveis, voluntários, involuntários ou secundários, mas também imprevisíveis e diversos. A dificuldade assim levantada é então de experimentar-se como responsável dos efeitos imprevisíveis de nossas ações coletivas sobre gerações que não nos são contemporâneas. Assim, Jonas entende situar a responsabilidade ao nível ontológico.

Em efeito, uma humanidade digna deste nome é necessariamente uma humanidade livre de suas escolhas e de seus atos e, então, responsável. Não uma humanidade que resultaria de nossas escolhas contemporâneas e seria delas finalmente o objeto, mas uma humanidade que seja o autêntico sujeito de sua existência como nós fomos. Mas estas constatações e as consequências que delas resultam estão longe de ser evidentes. Na verdade, se Jonas teve a intuição do perigo tecnológico que ameaçava a humanidade futura, ele constata também que esta intuição é rara e dificilmente partilhável. Então, ele se dá a tarefa de mobilizar de uma parte este sentimento de crise e, de outra parte, um sentimento de responsabilidade e de fazê-lo ser

partilhado pelo maior número de pessoas, principalmente pela intermediação dos especialistas científicos e dos políticos.

### IHU On-Line - Quais são os aspectos mais atuais do princípio responsabilidade desse filósofo?

Nathalie Frogneaux - Eu levantaria dois. Primeiramente, um aspecto atual consiste sem dúvida na articulação entre os primeiros desafios descritos na minha resposta precedente. Estamos sempre diante de um problema irresoluto de mobilizar o *sentimento* de uma responsabilidade amplificada. Como agir de maneira descentralizada e não egocêntrica ou etnocêntrica? Como não optar em função de nossa única época? Como operar esta inversão do olhar e, assim, de levar em consideração os que não nos são contemporâneos, pelos que, no entanto, somos responsáveis? Como renunciar ao que Jonas chama de “festa frívola” de nossa época para optar por um comportamento mais responsável (e, sem dúvida, menos dispendioso), mas também menos arrogante, mais descentralizado? Nós constatamos que mais de trinta anos após a redação d’*O princípio responsabilidade* uma dificuldade continua imutável: como passar da constatação da urgência e da necessidade de modificar radicalmente nosso comportamento, ao sentimento de responsabilidade que mobilizará esta mutação para que ela seja carregada por cada um. Jonas tinha, por assim dizer, antecipado a dificuldade de fazer carregar, por cada um no centro de uma cultura democrática, uma mudança radical de comportamento e de perspectiva, mas, também, a impossibilidade de fazer passar esta mudança por uma política autoritária. Hoje, é ainda a articulação entre pressão política e econômica - mas também a resistência político-econômica - e convicção individual que coloca o problema. Além disso, estamos diante da questão de encontrar os meios que mobilizam o sentimento de ameaça iminente.

### Humanidade míope

Jonas preconizava, em efeito, de tirar as lições de catástrofes locais para evitar uma catástrofe global. Mas as catástrofes em escala reduzida (Cher-

nobl, Kathrina e mesmo Fukushima) não parecem suficientes para induzir uma mudança radical de rumo nas nossas escolhas e nossos comportamentos. Continuamos, ainda hoje, muito míopes nas nossas escolhas e prisioneiros da ideologia do progresso de uma humanidade que se considera soberana. Todavia, para Jonas, a humanidade é o que deve ser e todas as épocas e as culturas devem assumir suas fraquezas e suas ambiguidades, em todos os contextos.

Uma outra dimensão atual d'O princípio *responsabilidade* é certamente nossa capacidade de levar em conta nossa postura de guardião. Verdade seja dita, somos seres dotados de uma responsabilidade, quer dizer que não podemos fazer tudo do que somos (tecnológica e economicamente) capazes. Não podemos tratar a humanidade futura como o objeto de nossas escolhas. Não podemos hipotecar o futuro dos humanos que está por vir. Para Jonas, a maior responsabilidade que pode pesar sobre nós é a de que nenhuma vítima possa mais nos acusar de sua inexistência. Mas como sentir-se implicado pelas gerações que ainda não nasceram e o nascimento das quais dependem de nós? Como podemos nos sentir interpelados por elas?

**IHU On-Line - O que é o dualismo gnóstico ao qual Jonas se refere?**

**Nathalie Frogneaux** - Em sua tese de doutorado sob a direção de Bultmann e Heidegger, Jonas evidenciou o princípio gnóstico que permitia pela primeira vez reunir conceitualmente estes mitos e movimentos sectários abundantes, cuja unidade não havia jamais sido estabelecida por nenhum pesquisador. Todavia, o que dá razão aos heresiólogos que falaram em todos os casos de pensamento gnóstico, seja ele iraniano ou sírio-egípcio, é um dualismo radical que corta o homem do mundo e que opera um corte no próprio homem. Dois princípios opostos se afrontam: que o mal seja de toda eternidade o antagonismo do bem ou que ele seja derivado por emanações sucessivas. Enquanto que o homem se crê da mesma natureza que o mundo, ele aprende que ele não é nada dele. Gnosis significa conhecimento,

**“Efetivamente, a  
responsabilidade de  
nossas ações coletivas  
deve ser carregada por  
cada indivíduo:  
somente uma ética em  
nível universal será  
capaz de evitar um risco  
global”**

e o conhecimento prevalece sobre a fé (*pistis*). Somente a conscientização deste erro lhe permite ser salvo. Trata-se então de um dualismo que faz do homem um estranho no mundo corporal e material, pois o primeiro é espiritual e bom enquanto que o segundo é essencialmente mau e corrompido. Entretanto, Jonas traz o diagnóstico deste dualismo como uma tentação constante de nosso espírito que retorna regularmente na história para fazer do homem um exilado que se ignora como tal. A Antiguidade tardia (séculos II e III) foi um momento forte deste dualismo, mas a ruptura moderna inaugurada por Bacon<sup>2</sup> e Descartes<sup>3</sup> resulta desta mesma tendência, assim como o coração do século XX com suas filosofias da existência ou o niilismo fundamental que desabrocha nas tecnociências. Como sua amiga Hannah Arendt, Jonas combate a ideologia do “tudo é possível”.

<sup>2</sup> Francis Bacon (1561-1626): político, filósofo e ensaísta inglês. Sua principal obra filosófica é o *Novum Organum*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Por que Jonas procura resolver o dualismo, pensando na dignidade do homem no mundo em que se encontra?**

**Nathalie Frogneaux** - Para resolver o dualismo radical do tipo gnóstico, ou seja, a ruptura no homem, mas também entre o homem e o mundo. Trata-se de resolver a ruptura entre o corpo e o espírito ao mesmo tempo em que reencontrar a comunhão entre a natureza e o humano. A ação é sensata se nós somos comensuráveis com o mundo, o que recusavam os gnósticos que condenavam todo comércio com o mundo optando por uma moral seja libertina ou ascética. Jonas entende assim replicar o dualismo radical mostrando que o homem está e é do mundo, que é um ser natural e vivo, mesmo se ele ocupa uma posição de exceção. A dignidade humana passa pelo fato de que a liberdade continua em uma comum medida com seu corpo e seu mundo no seio do qual se depreende sua atividade.

**IHU On-Line - Para Jonas, a pior consequência do dualismo homem/mundo é o niilismo. Nesse sentido, como podemos compreender a crítica empreendida pelo filósofo ao niilismo e ao ceticismo moral?**

**Nathalie Frogneaux** - Jonas salienta que todas as filosofias que concebem o homem como um forasteiro, um estrangeiro que ignora sua origem autêntica para corromper-se em um mundo que não é o seu e o conduz para a inautenticidade, pensam os valores e as normas como criações puramente subjetivas (e definitivamente arbitrárias). Entretanto, é a articulação entre os fins presentes na natureza e os valores carregados humanamente que nos garantem contra a escolha niilista do suicídio coletivo.

**IHU On-Line - É correto afirmar que Jonas propõe uma crítica radical à metafísica moderna? Por quê?**

**Nathalie Frogneaux** - Sim, está correto e é ao menos sobre dois pontos principais. Jonas é crítico da modernidade quando afirma que a ética está ligada ao ser, ou seja, na sua recusa de separar o ser e o dever-ser. Ele recusa, assim sendo, a separação inaugura-

da por Hume e ratificada por Kant da separação entre o ser e o valor. Para ele, os valores encontram suas justificativas no ser através dos fins. Os valores reconhecidos subjetivamente se baseiam efetivamente sobre os fins objetivamente presentes no ser, uma vez que o vivo se caracteriza pela perseverança no ser, ou seja, a atividade permanente de se manter no ser recusando o não ser que sem cessar o ameaça de morte.

Além disso, Jonas recusa-se a conceber, à moda dos modernos, o medo como somente paralisante e mau conselheiro. Com sua heurística do medo, tão atacada e seguidamente mal compreendida, ele retoma com uma ambivalência deste sentimento descrito por Aristóteles na *Poética*: pois pelo medo se apresenta como Janus Bifronte. Ele é tanto *phobos*, um medo paralisante, como *éléos*, um medo mobilizador que impulsiona à preservação contextual e à ação avisada. É evidentemente esta segunda que deve ser mobilizada diante da ameaça.

**IHU On-Line - Hans Jonas é apontado como o filósofo da liberdade. Qual é o embasamento dessa classificação e qual é a importância da liberdade dentro de sua filosofia?**

**Nathalie Frogneaux** - A liberdade constitui para ele uma ligação entre ser e dever-ser na natureza através do vivo. A obra na qual ele estabele-

## “Como sua amiga Hannah Arendt, Jonas combate a ideologia do ‘tudo é possível’”

ce esta ligação é intitulada em alemão *Organismus und Freiheit, Organismo e Liberdade*, e recebeu uma nova edição sob o título escolhido pelos editores *Das Prinzip Leben, O Princípio vida*. Foi mais judicioso, a meu ver, de intitulá-lo *Das Prinzip Freiheit, O princípio liberdade*. A liberdade é o que desperta no seio da matéria inorgânica ou morte e parece procurar-se pouco a pouco do unicelular até as formas mais complexas da vida como afirmação do vivo por ele próprio. Mas com o homem, a liberdade ultrapassa um teto qualitativo, pois ela cessa de ser um princípio de afirmação de si (*orexis* como diria Aristóteles, *conatus* em Spinoza) para se tornar uma força ambivalente. Ela pode então não somente afirmar, mas também negar a vida, perseverar em seus fins ou negá-los, uma vez que pode doravante se arrasar. Esta questão permeia toda biologia filosófica de Jonas, *The Phenomenon of Life*, mas é também o rebaixamento de sua ética da responsabilidade, uma vez que o princípio responsabilidade põe o imperativo categórico que impõe que as

forças negadoras sejam secundárias em relação à obrigação que tem o homem de afirmar-se no ser.

## **IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Nathalie Frogneaux** - Parece-me que, sejam quais forem as dimensões ultrapassadas ou aproximativas das análises da tecnologia e da crise ecológica de Jonas no final dos anos 1970, sua ética da responsabilidade, sua análise do gnosticismo, sua biologia filosófica e as análises de nosso tempo escondem instituições e uma força de análise que estamos longe de ter esgotado. É, sem dúvida, mais ao desdobramento destas intuições do que à crítica de suas análises que devem trabalhar hoje seus comentadores. Ele próprio reconhecia, aliás, no final de sua vida, os limites de seu trabalho e afirmava que lhe era necessário passar a missão. Uma coisa me parece em todo caso evidente: é que Jonas ia às questões essenciais com a preocupação de propor uma filosofia nutrida pela história e tradição, no objetivo de pensar seu tempo.

Além disso, parece-me urgente repensar a perseverança no ser que ele descreveu tão bem na sua biologia como desejo (*orexis* ou *conatus*), afim de que sua ética da responsabilidade não seja unicamente recebida sob a única perspectiva da austeridade.

**01 de setembro**

**Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira**

**A política diplomática Norte-Americana no contexto da Legalidade**

**Profa. Dra. Carla Simone Rodeghero - UFRGS**

**Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**

## A heurística do temor e o despertar da responsabilidade

Tom antecipador e “primazia do mau prognóstico” são característicos dessa heurística, afirma Jelson Roberto de Oliveira. Jonas acusa Kant de ter permanecido num modelo antropocêntrico de ética, por reconhecer a natureza como campo eticamente neutro e porque sua ética se limita ao âmbito humano

POR MÁRCIA JUNGES

Um dos conceitos mais interessantes e polêmicos da obra de Hans Jonas. Trata-se da heurística do temor, erroneamente traduzida do alemão como heurística do medo, acentua o filósofo Jelson Roberto de Oliveira. “Trata-se de uma opção ética pelo mau prognóstico, de um antídoto contra a esperança sem sentido que pode afetar a ação humana no mundo. Em vez das probabilidades otimistas e idealistas, Jonas propõe utilizar-se o medo como forma de aprendizado e fazer da projeção da possibilidade da previsão negativa como condição para alterar a atitude do ser humano frente à natureza. Para o autor, é preciso utilizar as predições e os presságios apontados pelos saberes científicos modernos como forma de antecipação das condições desastrosas previstas caso o ser humano não altere as suas ações, em sentido de fomentar a responsabilidade”. E completa: “Trata-se de uma tomada de consciência do perigo, do risco do mal que adviria do uso perigoso do poder da técnica. Como a ameaça ambiental é geralmente imperceptível ou, pelo menos, de difícil acesso para o cidadão comum, a heurística poderia contribuir para revelar a real possibilidade do perigo e serviria de convocação. O temor tem, portanto, um tom antecipador e é a “primazia do mau prognóstico” que despertaria no ser humano a responsabilidade. O pesquisador fala também sobre a crítica de Jonas ao marxismo e a Kant. “Para Jonas o marxismo é um tipo utópico de proposta política que não se deu conta dos limites das condições materiais. Ao ser embasado numa esperança redentora através do materialismo, leu errado os limites da tolerância da natureza e da sua oferta”. Sobre o filósofo de Königsberg, Jelson assinala: “Em Kant, Jonas reconhece um vazio ético no que tange ao problema dos riscos de extinção do homem, de alteração de sua essência, de cuidado com a natureza, de uma marca profundamente antropocêntrica da ética, de uma ausência do problema do futuro e das exigências que ele traz em termos de garantia de sua factibilidade”. As informações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Graduado em Filosofia, especialista em Sociologia Política e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, Jelson Roberto de Oliveira é doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR com a tese *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011), *A solidão como virtude moral em Nietzsche* (Curitiba: Champagnat, 2010) e *Ética de Gaia: ensaios de ética socioambiental* (São Paulo: Paulus, 2008). Leciona na Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O que é a heurística do medo, de Hans Jonas?**

**Jelson Roberto de Oliveira** - Um primeiro ponto que deveríamos nos ater diz respeito à tradução desse conceito *Heuristik der Furcht* por heurística do medo. A palavra medo tem uma posição negativa na língua portuguesa que não traduz bem o alemão *Furcht*, que seria melhor traduzido por *temor*,

que daria a ideia não de um medo passivo, mas de um receio fundado, de um medo acompanhado de respeito frente à força do mal eminente. Tem a ver com escrúpulo e com zelo e menos com a perturbação mental provocada por algo estranho e perigoso, como um sentimento desagradável frente ao desconhecido.

Dito isso, podemos afirmar que

esse é um dos conceitos mais interessantes e, por isso mesmo, mais polêmicos da obra jonasiana. Trata-se de uma opção ética pelo mau prognóstico, de um antídoto contra a esperança sem sentido que pode afetar a ação humana no mundo. Em vez das probabilidades otimistas e idealistas, Jonas propõe utilizar o medo como forma de aprendizado e fazer da projeção

da possibilidade da previsão negativa como condição para alterar a atitude do ser humano frente à natureza. Para o autor, é preciso utilizar as previsões e os presságios apontados pelos saberes científicos modernos como forma de antecipação das condições desastrosas previstas caso o ser humano não altere as suas ações, em sentido de fomentar a responsabilidade. Catástrofes e calamidades serviriam, portanto, de mote para refletir e vislumbrar os desastres futuros que podem levar à extinção da própria humanidade. Esse prognóstico negativo não é um mero pessimismo ou um procedimento puramente instrumental. Mas a heurística do temor não deve ser entendida como uma palavra última da nova ética da responsabilidade proposta por Hans Jonas. Aliás, muitas confusões apareceram entre os intérpretes justamente por causa dessa má compreensão do conceito. A heurística, como hipótese adotada provisoriamente na forma de uma diretriz moral da qual se aprende tendo em vista a descoberta que se faz a partir dos eventos que despertam o temor, é um passo considerado indispensável na reelaboração do agir moral.

### Tomada de consciência

Como princípio prático da sua ética, a heurística do medo remete à ideia de que o uso desse sentimento de preservar-se frente à ameaça possível. Quanto mais investirmos no conhecimento e na divulgação desse temor, mostrando as reais possibilidades e o quão terrível pode ser a ameaça, mais seria despertado o temor das pessoas e mais elas estariam dispostas a alterar as causas dessa ameaça. Para isso, a heurística também seria um princípio de conhecimento, porque sua efetividade e eficácia estariam ligadas justamente ao conhecimento (ou, se quisermos, à tomada de consciência em relação às causas, ou aos agentes e motivos geradores da crise, no sentido de domínio dos conhecimentos científicos que ajudam a realizar o diagnóstico e o prognóstico, bem como da reflexão ética a respeito da ação humana no mundo). Trata-se de uma tomada de consciência do perigo, do ris-

## “Não há abundância, portanto, quando a Terra é reconhecida em seus limites”

co do mal que adviria do uso perigoso do poder da técnica. Como a ameaça ambiental é geralmente imperceptível ou, pelo menos, de difícil acesso para o cidadão comum, a heurística poderia contribuir para revelar a real possibilidade do perigo e serviria de convocação. O temor tem, portanto, um tom antecipador e é a “primazia do mau prognóstico” que despertaria no ser humano a responsabilidade.

Obviamente a polêmica do conceito logo salta aos olhos. Poderíamos resumir-la em duas perspectivas: uma primeira, que remete ao fato de que talvez seja problemático que uma ética do porte proposto por Hans Jonas necessite se fundamentar numa objeção adversária, ou seja, na representação de um perigo exterior pela via de um sentimento que altere e mobilize o sentido ético dos sujeitos; e uma segunda, que diz respeito ao fato de que, talvez, frente ao medo do absurdo fim (extenuado em vista do benefício de uso heurístico do temor) a consequência pode não ser a mudança das ações, mas justamente, pela gravidade do prognóstico, o despertar de um sentimento contrário, do tipo “por que mudar a minha atitude se tudo vai acabar mesmo”; ou ainda: ao exacerbar com vivacidade o perigo, ele pareça tão exagerado que soe justamente como impossível de acontecer realmente, porque tal perigo não tem nenhuma semelhança com a experiência real de mundo das pessoas. Seria, então, essa representação do medo algo inerte? Talvez, mas aqui incorremos no erro de interpretar, mais uma vez, o conceito como fundamento último. Jonas é claro: a heurística do temor é um antídoto contra as profecias de salvação (muitas vezes anunciadas, hoje em dia, pela boca daqueles que esperam da ciência, mais uma vez, uma solução milagrosa para os problemas ambientais que nos afetam, en-

quanto cruzam os braços para atitudes urgentes que indiquem a responsabilidade com o meio ambiente) e não um pessimismo em relação do futuro.

A “profecia da desgraça” não é a mesma coisa que a heurística do temor. Pessimista, diz Jonas, é a posição daqueles que julgam o existente tão ruim que não mereça ser considerado do ponto de vista do risco de sua extinção.

### IHU On-Line - De que forma esse conceito se relaciona com a utopia da abundância, a que o autor se refere?

**Jelson Roberto de Oliveira** - O diagnóstico de Hans Jonas remete ao imenso poder humano representado pelo advento da técnica e à promessa de felicidade escondida sob o afã do progresso infinito e da esperança utópica por ele prometido. Para isso, o autor passa em revisão os ideais utópicos que encontraram na técnica e nos seus utensílios, a promessa de bem-estar. A abundância de recursos e de possibilidades oferecidas pela natureza torna-se, assim, o alvo da crítica jonasiana, de tal forma que poderíamos afirmar que o princípio de responsabilidade aparece como antinomia dessa promessa, cujo maior prejuízo revela-se como dano à natureza. O que fundou a promessa da abundância natural em benefício do bem-estar absoluto e infinito do homem no mundo é a ideia de que a natureza era inviolável e, mais ainda, doadora de forças, energia e matérias-primas infinitas e ilimitadas para a construção da felicidade pela via do progresso tecnológico. As éticas do passado e os saberes disponíveis em outros tempos não foram capazes, por erros de interpretação da história evolutiva da vida, de diagnosticar de forma correta os limites da natureza em fornecer as bases dessa abundância desejada. O que descobrimos - agora já como dano e como prejuízo inalterável e, segundo muitos, irreversível - é que a oferta de alimentos, matérias-primas e energia por parte da natureza não é ilimitada, mas justamente o contrário. As condições materiais que fundaram as utopias de tipo desenvolvimentista, marxista, liberal, progressista, político-revolucionárias

ou conservadoras (tanto faz, todas acreditaram na utopia da abundância), revelam-se agora como excessivas no que tange ao desgaste dos recursos. Não há abundância, portanto, quando a Terra é reconhecida em seus limites. Só poderíamos falar de abundância em sentido fraco, na medida em que reconhecêssemos a urgência do uso responsável desses recursos. A abundância é do tamanho da nossa responsabilidade!

#### **IHU On-Line - Nesse aspecto, como compreender a crítica ao marxismo que advém da filosofia de Jonas?**

**Jelson Roberto de Oliveira** - Para Jonas o marxismo é um tipo utópico de proposta política que não se deu conta dos limites das condições materiais. Ao ser embasado numa esperança redentora através do materialismo, leu errado os limites da tolerância da natureza e da sua oferta. É a determinação material da proposta marxista que está em jogo. Portanto, por creditar à determinação material as benesses da sua proposta utópica, o marxismo acabou dando de ombros para a responsabilidade, por não ter se dado conta desses limites. Se, como afirma Jonas nas primeiras linhas do capítulo intitulado *A crítica da utopia marxista*, do seu *O princípio responsabilidade*, “a primeira condição da utopia é a abundância material, de modo a satisfazer as necessidades de todos; a segunda condição é a facilidade em adquirir essa abundância” na busca do lazer, alcançado pelo conforto promovido pelo acesso aos bens de consumo que tornam a “abundância” algo rapidamente acessado pela maior parte da sociedade, mesmo a parcela proletária, então essa foi a viseira vestida pelos marxistas.

Se o lazer, chamado por Jonas de “essência formal da utopia”, remete à liberdade da servidão do trabalho, então não é estranho reconhecer nessa a chave de entrada no modelo proposto por Marx. A “radicalização da técnica” oferece a possibilidade (ainda que ilusória) para o alcance dos bens de consumo em cujo seio vem, embrulhados, os ideais essenciais do lazer e do conforto associados à felicidade. O marxismo, então, constituiu-se como

“agressão intensificada” à natureza na medida em que se estabeleceu sobre essas bases. Esqueceram-se, os marxistas, de perguntar: até onde a natureza pode suportar? E dessa resposta dependeria todo o futuro dessa proposta. Marxismo e liberalismo, proletários ou burgueses, países desenvolvidos ou subdesenvolvidos igualam-se quanto à gravidade dessa pergunta e à urgência dessa resposta. Nesse sentido, a crítica de Jonas não é uma crítica política efetivada como crítica a um regime político-econômico, mas, antes, uma crítica ao ideal que serviu de motor para a maioria dos regimes políticos e ao erro a que estiveram submetidos.

#### **IHU On-Line - Como analisa a herança kantiana no pensamento desse autor?**

**Jelson Roberto de Oliveira** - Jonas reconhece em Kant um modelo exemplar do modo de pensamento ético vigente no Ocidente. Nesse sentido, trata-se, mesmo, de um *reconhecimento*, no sentido de dar aceitar a importância e o prestígio dessa filosofia. Mas isso não o impede (como jamais é o caso na filosofia!) de mostrar o quanto a tese kantiana é insuficiente para dar conta da nova realidade. Insuficiente, quer dizer, não significa que Jonas afirme a não validade da ética kantiana. O que ele propõe é um novo modelo ético em função dos novos saberes, frente aos quais a ética não pode mais fechar os olhos. Como se ampliaram o conhecimento científico e o poder de intervenção da técnica, é necessário e urgente que também a ética alargue a sua perspectiva de análise. É preciso superar limite da visão existente no século XVIII, o século do Iluminista, que fundou muitas das teorias da liberdade e da abundância, a despeito da responsabilidade.

O imperativo categórico de Kant seria limitado à perspectiva do conhecimento e ao tamanho da técnica existentes em seu tempo. Em Kant, Jonas reconhece um vazio ético no que tange ao problema dos riscos de extinção do homem, de alteração de sua essência, de cuidado com a natureza, de uma marca profundamente antropocêntrica da ética, de uma ausência do problema do futuro e das exigências que

ele traz em termos de garantia de sua factibilidade.

#### **IHU On-Line - Qual é o fundamento da rotulação antropocêntrica da filosofia de Jonas se pensarmos nessa herança kantiana?**

**Jelson Roberto de Oliveira** - Jonas acusa Kant de ter permanecido num modelo antropocêntrico de ética, por reconhecer a natureza como um campo eticamente neutro e porque sua ética esteve limitada ao âmbito humano, tratando da relação ser humano/ser humano. Essa crítica parte da concepção de que a ética kantiana (como modelo daquilo que Jonas chama, em termos gerais, de éticas tradicionais) esteve reservada ao âmbito da “cidade”, ou seja, do artefato criado pelo ser humano e dele dependente. A ética seria a reflexão para a vida dentro dos muros da cidade, que foi erguida, no geral, de costas para a natureza, como uma forma de proteção e esconderijo, de conforto e segurança no meio do reino natural. Isso se deu porque a natureza foi tida sempre como um campo selvagem, violento, inimiga que ou cuidava de si mesma, ou era cuidada por “Deus”, ou melhor: que fosse mesmo reprimida ou domesticada, com vistas ao seu enfraquecimento. Frente à natureza, o homem se comportava como detentor de uma arma de domínio e exploração (com vistas à domesticação e usufruto das condições materiais): a razão amplamente elogiada e examinada na teoria kantiana. Com racionalidade, o ser humano quis decifrar e inventar formas de domínio da natureza sem que, em algum momento, tenha se colocado o problema das consequências negativas que adviriam desse processo. A partir da cidade, o ser humano iria à natureza pela via do domínio e da exploração, sem se dar conta do tamanho do seu impacto e sem prever (como prognóstico negativo) o que poderia acontecer depois de sua passagem.

Kant, então, formulou uma ética centrada na “cidade”, na qual o ser humano deveria construir uma vida feliz a partir do reconhecimento de si mesmo como “reino dos fins”. Nenhuma perspicácia de longo alcance, nenhum conhecimento para além do

âmbito da *urbes*, nenhuma preocupação para além do âmbito imediato e presente da ação: Kant foi reducionista e seu imperativo categórico recusou os saberes que se revelavam como braço humano que se alongava para além do domínio da cidade, atingindo de forma catastrófica a natureza como um todo.

### IHU On-Line - Em que aspectos é possível aproximar a ética da responsabilidade de Jonas e a ética da amizade, de Nietzsche?

**Jelson Roberto de Oliveira** - Apenas num ponto de vista generalista: ambos os conceitos e autores servem de crítica à modernidade e aos grandes valores éticos da modernidade. Nietzsche criticou Kant pela via da crítica a Schopenhauer<sup>1</sup> no que tange ao seu projeto crítico que, segundo o filósofo de Sils Maria, acabou deixando entrar pela porta dos fundos aquilo que tentara expulsar pela porta da frente: ou seja, ao tentar criticar a razão metafísica, reconhecendo seu limite no que tange ao conhecimento de uma verdade última do mundo, Kant acabou, segundo Nietzsche<sup>2</sup>, colocando-se num

1 Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

2 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulada Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. Confira, também, a

lugar seguro e inquestionável. Jonas também critica os limites da ética kantiana, mas obviamente por outros motivos. Isso posto, é preciso reconhecer que, no que tange a Kant, Nietzsche e Jonas estão em lugares infinitamente distantes quanto aos motivos dessa crítica. Mesmo assim, ambos elaboram sua filosofia como uma crítica às éticas tradicionais e também como crítica ao modelo de racionalidade eleito como paradigma no Ocidente. Ambos são grandes críticos dos ideais modernos.

### IHU On-Line - Poderia contextualizar a compreensão do conceito de vida por Hans Jonas?

**Jelson Roberto de Oliveira** - A questão da vida é central no pensamento de Hans Jonas, seja em termos absolutos seja quando pensamos no fundamento da sua ética da responsabilidade. Esse problema remete à sua obra *Princípio Vida* e se relaciona diretamente ao problema da relação entre necessidade e liberdade. Se a tradição moderna ligou a primeira à natureza e a segunda apenas ao reino da racionalidade, Jonas, como resultado de suas pesquisas em torno de uma filosofia da biologia, chega à afirmação de que a liberdade é uma característica presente em todo o mundo orgânico - e não apenas no humano. O que ele pretende é superar o dualismo ontológico reinante na filosofia e na ciência ocidental moderna que não passaram de um erro de avaliação a respeito do fenômeno da vida por limitarem-se a uma leitura materialista da vida, deixando para a religião o problema do espírito e a dimensão interior que marca a história da vida. Para Jonas, por estarem presentes também no homem, as características espirituais só podem ter

entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche* não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche* e a questão da biopolítica, parte integrante do *Ciclo de Estudos Filosóficos da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. Na edição 330 da Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://migre.me/Jzvq>. (Nota da IHU On-Line)

derivado das demais formas de existência orgânica. Ou seja, o homem seria apenas um resultado do progresso que liga o “primitivo” ao “evoluído”, vindo a representar, pela consciência e pela busca da verdade, o degrau mais elevado desse desenvolvimento. Não é possível mais pensar segundo esse dualismo: o homem não está separado e desligado das demais formas de vida, mas justamente se liga a elas pelo processo evolutivo. Essa foi, segundo ele, a maior consequência filosófica do darwinismo.

### Metabolismo inicial

Jonas precisa voltar, então, ao problema da origem da vida que, segundo ele, fora esquecido pela ciência moderna, cujo modelo mecanicista buscou na natureza apenas as estruturas já prontas, presentes no mundo e nele em funcionamento, atendo-se ao desafio da explicação da matéria e do movimento. Por isso, ao se perguntar sobre a origem, a ciência moderna logo se deu conta de seu limite e passou a reconhecer a origem e a existência como estados anteriores e posteriores de um mesmo substrato, como diferenças meramente cronológicas. Não há causa diferente do efeito. A organização tardia não passou de um resultado da instabilidade primordial de todo ser orgânico e é nesta etapa que deve ser reconhecida e buscada uma explicação para a origem do espírito. É como prolongamento desse estado inicial, portanto, que o espiritual deve ser entendido. Por isso, ao perguntar sobre a origem do espírito do homem, é preciso reconhecer necessariamente que ele já é antecipado nas formas mais primordiais da vida. Essa é a consequência mais radical do darwinismo. Para ele, é pela via da hereditariedade que cada “pequeno passo do acaso” acumula “informações” que se manifestam, através do tempo, em “grandes e completos genótipos” até alcançar a sua plenitude na forma de vida humana. É no metabolismo inicial dos seres que Jonas reconhece o primeiro gesto de liberdade da vida: “esse tema, comum a toda a vida, buscaremos acompanhá-lo através do crescente desenvolvimento das capacidades e

funções orgânicas: metabolismo, movimento e apetite, sensação e percepção, imaginação, arte e conceito - uma escala ascendente de liberdade e risco que culmina no ser humano”, escreve o autor no seu *Princípio Vida*.

**IHU On-Line - Qual é a maior contribuição desse pensador para a construção de uma ética da responsabilidade?**

**Jelson Roberto de Oliveira** - Acredito que a proposta ética de Jonas não esconde suas dificuldades quando pensamos nos seus fundamentos. Mesmo assim, o tamanho, a originalidade e a coragem que ela guarda, é incomparável. É justamente pela grandiosidade e pela urgência do projeto que esses problemas aparecem. Devemos evitar, a meu ver, dois extremos: recusar o modelo em função de seus limites; exacerbar seus méritos fechando os olhos para esses problemas. Jonas conseguiu condensar, em seus escritos, um dos problemas mais fundamentais de nosso tempo: a relação entre o afã da técnica, o poder do homem e as consequências no campo da natureza. Ética, técnica e natureza se articulam numa obra de grandeza inegável, cujo impacto foi (é) muito relevante nos anos posteriores à sua publicação até os nossos dias.

Gosto de pensar que Jonas está enfrentando um problema que esteve alheio da filosofia. E o faz com a no-

breza de um filósofo que acumulou, na própria vida, conhecimento e vivência suficiente para se tornar eloquente e fecundo. Trata-se de um convite para que a responsabilidade guie as ações humanas e conduza a sociedade tecnológica para um uso responsável do poder oferecido pela técnica.

Seu livro, assim, é um marco para o pensamento da responsabilidade num âmbito novo e muito grande do ponto de vista do poder de impacto desse poder. Dando-se conta de que “a promessa da tecnologia moderna se converteu em ameaça”, Jonas faz uma experiência que o conduz a resultados realmente impressionantes do ponto de vista ético e filosófico.

O novo modelo ético sugerido (na forma de uma convocação, que é como as teses éticas geralmente se apresentam) parte, em primeiro lugar, do indeferimento da superioridade da racionalidade técnica humana sobre os demais seres vivos, o que significa uma recusa da superioridade do *homo faber* (homem que faz) cujo entusiasmo incoerente subjuga o *homo sapiens* (homem que pensa). Em segundo lugar, da supressão da fronteira entre a “cidade” ou o Estado (o mundo da *pólis*) e a “natureza”, já que uma e outra estão confundidas no mundo contemporâneo, já que “o natural foi tragado pela esfera do artificial”. Do primeiro caso nasce a necessidade de refletir sobre a técnica como uma vocação hu-

mana, mas despi-la desse infinito impulso e desse cego triunfo. Da segunda negação advém a exigência de que a ética pense a conservação do mundo físico de forma a garantir a existência da própria vida no futuro. E não há outra exigência mais grave, urgente e imperiosa para a ética do que a vida.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Jelson Roberto de Oliveira** - Só queria dizer que Jonas coloca a ética no campo de uma futurologia, como possibilidade de criação e de alteração do futuro mesmo, hoje fornecidas pela técnica moderna. A perspectiva do futuro, presente em sua proposta, nos remete à urgência de fazermos uma escolha quanto à possibilidade de existir, quanto àquilo que queremos ser e ao mundo no qual queremos viver. É a ética e não a técnica (muito menos essa ideologia da técnica usada pelos tecnocratas a serviço das grandes corporações) que deve nos ajudar a chegar a uma resposta para essas questões.

#### LEIA MAIS...

>> Jelson Roberto de Oliveira já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira:

- Desolação no Paraná. Terra da soja, cana-de-açúcar, pinus e eucaliptos. Entrevista publicada em 29-03-2007 e disponível em <http://bit.ly/pGqlrk>

## CICLO DE ESTUDOS: PERSPECTIVAS DO HUMANO

DATA DE INÍCIO: 16/08/2011

DATA DE TÉRMINO: 25/09/2011

INFORMAÇÕES EM [HTTP://MIGRE.ME/5uPKG](http://migre.me/5uPKG)

## Uma filosofia para compreender a crise ambiental

Com seu imperativo ético, o princípio responsabilidade de Hans Jonas afirma o valor indiscutível da vida dos humanos e não humanos, observa Helder Carvalho, além de afirmar a liberdade e autonomia do sujeito contemporâneo

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** filosofia de Hans Jonas tem o mérito de tocar diretamente num nervo exposto da cultura contemporânea: a conexão da crise ambiental pela qual passa o mundo com a ação humana e o lugar que a técnica moderna ocupa na modelagem dessa ação”. A afirmação é do filósofo Hélder Buenos Aires de Carvalho, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Segundo ele, “o costumeiro é pensar que a técnica é sempre algo que produz o bem, que traz benefícios para nossa vida, como se fosse algo divino, sem a mácula do pecado”. A reflexão de Jonas, continua, “busca lembrar ao homem que ele tem um papel significativo nas transformações ambientais do mundo e que o poder que adquiriu com o desenvolvimento da técnica - e seu uso desmesurado - precisa ser modulado eticamente, a partir de um referencial não mais antropocêntrico, mas biocêntrico, pois carrega consigo também a possibilidade do mal extremo”.

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, Helder Buenos Aires de Carvalho é especialista em História da Filosofia Contemporânea e Pesquisa Educacional pela mesma instituição. cursou mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG com a tese *Hermenêutica e Filosofia Moral em Alasdair MacIntyre*. É pós-doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Professor do departamento de Filosofia da UFPI, é autor de *Tradição e racionalidade na filosofia de Alasdair MacIntyre* (2ª ed. Teresina: EDUFPI, 2011). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Qual é a atualidade da filosofia de Hans Jonas?

**Helder Buenos Aires de Carvalho** - A filosofia de Hans Jonas tem o mérito de tocar diretamente num nervo exposto da cultura contemporânea: a conexão da crise ambiental pela qual passa o mundo com a ação humana e o lugar que a técnica moderna ocupa na modelagem dessa ação. O costumeiro é pensar que a técnica é sempre algo que produz o bem, que traz benefícios para nossa vida, como se fosse algo divino, sem a mácula do pecado. Sua reflexão busca lembrar ao homem que ele tem um papel significativo nas transformações ambientais do mundo e que o poder que adquiriu com o desenvolvimento da técnica - e seu uso desmesurado - precisa ser modulado eticamente, a partir de um referencial não mais antropocêntrico, mas biocêntrico, pois carrega consigo também a possibilidade do mal ex-

tremo. Noutras palavras, que a crise ambiental pela qual passamos tem também um elemento ético significativo, vinculado ao modo como o homem compreendeu até agora a si mesmo e a natureza, bem como à forma como tem exercido esse poder tecnológico; que uma não compreensão ética da técnica, um esquecimento de que ela também é um dado humano, portanto, maculado pela finitude, pode conduzir a uma catástrofe.

### IHU On-Line - Como o conceito do princípio responsabilidade dialoga com a liberdade e autonomia do sujeito contemporâneo?

**Helder Buenos Aires de Carvalho** - Se contemporaneamente pensamos a liberdade e autonomia como constitutivos fundamentais do sujeito humano, dando-lhes uma plasticidade muito maior do que havia sido concebido até agora pelo que Hans Jonas chama

de ética tradicional, essa liberdade e autonomia, na verdade, aumentam a responsabilidade pelos seus atos. Anteriormente não se pensava essa autonomia em termos tão extensos; o homem era visto em suas limitações frente à presença avassaladora do cosmos e do mundo natural. O princípio responsabilidade, em Jonas, é justamente a afirmação da liberdade e autonomia que o homem contemporâneo assumiu, tanto em relação a si mesmo como em relação ao mundo natural, de um modo radical, dado que ele chegou à condição de ser capaz até mesmo de destruir toda a vida no planeta Terra. Penso que o esforço teórico de Jonas é justamente articular de forma radical essa autonomia e liberdade que o homem contemporâneo adquiriu, com a quase onipresença da técnica em sua vida, numa reflexão ética que o leve a repensar quem ele quer ser, sua participação na vida do planeta como

um todo, sua responsabilidade com a manutenção da vida, pois passou a ser efetivamente um dos feitores do mundo, não mais apenas um vassalo deste ou dos deuses.

**IHU On-Line - Quais as aproximações da filosofia de Jonas e de Alasdair MacIntyre?**

**Helder Buenos Aires de Carvalho** - MacIntyre<sup>1</sup> e Jonas são pensadores bastante diferenciados, vinculados inicialmente a tradições teóricas aparentemente distantes, como a alemã continental e a analítica anglo-saxã. Entretanto, ambos compartilham certas referências importantes para pensar o agir humano em sua complexidade ontológica e aporte ético. A avaliação crítica da modernidade filosófica e seus efeitos é um ponto de partida comum entre eles; ambos compartilham a avaliação de que grande parte de nossos problemas fundamentais, hoje, são o resultado das escolhas filosóficas feitas nos albores e na continuidade do mundo moderno. O nihilismo e a decadência que se apresentam na experiência moral contemporânea são valorizações que ambos identificam como produtos dos equívocos cometidos a partir do modo de pensar da modernidade e que precisamos reavaliá-los para encontrar saídas. Jonas e MacIntyre são também críticos da democracia liberal e de sua alternativa marxista, pela incapacidade crônica destes dois modelos políticos de responder aos desafios globais que se colocam atualmente pela ecologia. A falta de representatividade dos modelos democráticos liberais, a redução crescente da participação política dos cidadãos, o individualismo destruidor de valores comuns, a ilusão da tecnocracia como panaceia universal a todos os males, o mergulho dos socialismos marxistas em totalitarismos reais, a predominância de uma racionalidade instrumental em todas as esferas da vida humana, tudo isso são objetos da crítica dos dois filósofos.

<sup>1</sup> Alasdair MacIntyre: professor de filosofia na Vanderbilt University, EUA e autor de *Marxism and Christianity* e *Against the Self-Images of the Age*. É autor também do importante livro *After Virtue*, publicado em 1981, pela primeira vez, e que foi traduzido no Brasil sob o título *Depois da Virtude* (Bauru: Edusc, 2001). (Nota da IHU On-Line)

## “Como reverter essa invasão indevida da racionalidade tecnocientífica no mundo da vida sem perder os benefícios que essa mesma forma de racionalidade nos proporciona?”

### Revisão do antropocentrismo

Ambos buscam encontrar alternativas para essa falta de opção no mundo contemporâneo, pois nem o capitalismo das sociedades liberais nem a planificação das sociedades comunistas se mostraram eficientes e consistentes para responder ao desafio ético de uma sociedade que possa pensar a vida aqui e agora, bem como no futuro. Tanto Jonas como MacIntyre tematizam a animalidade do homem e sua dependência da natureza como um todo, vendo isto como um indicativo fundamental da necessidade de se rever o antropocentrismo que caracterizou a eticidade tradicional. O reconhecimento da fragilidade e da dependência do humano em relação ao mundo natural, de tal modo que o homem não possa olhar mais a natureza como um outro a ser domesticado, mas como parte de si mesmo e ele mesmo como parte dela, é um ponto de convergência de suas filosofias. Além disso, por serem diferenciadas, isto é, Jonas propugna uma ética principialista, do dever, e MacIntyre uma ética das virtudes, do caráter, elas podem convergir como complementares, na medida em que o princípio de responsabilidade defendido por Jonas pode ser pensado também como uma virtude fundamental para se buscar saídas para os nossos problemas. Responsabilidade não é apenas uma imposição jurídico-formal ou um dever ser ancorado ontologicamente na vida como tal, mas também é um

modo de ser do agente moral, um elemento constitutivo da agência, de sua identidade como humano.

**IHU On-Line - Pensando nas teorias morais desses dois filósofos, quais seriam os grandes desafios éticos da técnica contemporânea?**

**Helder Buenos Aires de Carvalho** - Não dá para detalhar aqui esses desafios éticos, pois que o emprego da tecnocracia na vida humana é bastante extenso e cheio de novidades no tocante à geração de questões éticas. Mas eu penso que Jonas e MacIntyre estão profundamente preocupados com a racionalidade instrumental que invadiu a vida humana em todas as suas esferas; e é aqui que reside o desafio fundamental para nós: como reverter essa invasão indevida da racionalidade tecnocientífica no mundo da vida sem perder os benefícios que essa mesma forma de racionalidade nos proporciona? Para Jonas, o grande desafio é como fazer com que a técnica volte a ser um instrumento para o homem e seus fins éticos, não o homem estar a serviço da racionalidade da técnica, esta autonomizando-se cada vez mais e enfraquecendo o universo ético da vida humana. Para MacIntyre, o esvaziamento valorativo promovido pelo fracasso do projeto iluminista em fundamentar racionalmente a moralidade abriu espaço para a colonização do mundo da vida pela racionalidade instrumental, fazendo com que as virtudes deixassem de ser centros morais para a identidade do agente moral e se reduzissem a fragmentos psicológicos de indivíduos separados e anteriores à vida social. O problema que se coloca para ele é que a mudança necessária para mudar isso passa por um reposicionamento da racionalidade ética no modo de agir e pensar contemporâneos, de modo que racionalidade dos fins, a racionalidade ética, não seja sobreposta ou dominada pela racionalidade dos meios, própria da racionalidade instrumental ou técnica. E isso tudo implica, na ótica dos dois filósofos, enfrentar uma mudança não só de natureza cognitiva, espiritual, mas também social e econômica profunda, o que é obviamente uma tarefa de gerações e bastante cheia de

empecilhos.

**IHU On-Line - Em que sentido a ética da responsabilidade de Jonas serve como base para a construção de uma teoria que dê conta da questão ambiental contemporânea?**

**Helder Buenos Aires de Carvalho -** A questão ambiental contemporânea não pode ser compreendida adequadamente apenas como um problema de natureza biológica, de sobrevivência de algumas espécies, entre elas a humana, ou econômica, como se fosse resultante de algum modelo produtivo ineficiente ou fracassado. É justamente porque ela é resultante da intervenção humana de forma bem sucedida, pelo fato preciso de ter sido escandalosamente eficiente, que a compreensão adequada dela deve incluir a dimensão ética da responsabilidade tal como indicada por Jonas. Qualquer teoria que se proponha a dar conta da questão ambiental em sua plenitude não pode deixar de lado a responsabilidade humana na origem e na condução dela. A responsabilidade que os humanos adquiriram com o poder proporcionado pela tecnociência assumiu uma proporção tal que ela se tornou impensável a partir dos parâmetros da ética tradicional. A ética da responsabilidade de Jonas é uma base importante para dar conta da questão ambiental porque aponta para fatores

**“O princípio de responsabilidade, em Jonas, é justamente a afirmação da liberdade e autonomia que o homem contemporâneo assumiu, tanto em relação a si mesmo como em relação ao mundo natural”**

absolutamente ineludíveis que a constituem. A crítica ao antropocentrismo e o reconhecimento da amplitude da responsabilidade humana não só com o presente, mas com o futuro, são componentes filosóficos importantes para se buscar soluções e alternativas para a manutenção e qualidade de vida como um todo no planeta, não só para nós, mas para as gerações futuras e os outros seres vivos.

**IHU On-Line - Nesse sentido, o princípio de responsabilidade poderia ser pensado como um imperativo ético? Por quê?**

**Helder Buenos Aires de Carvalho - O**

princípio de responsabilidade proposto por Jonas é seguramente um imperativo ético, no sentido forte da palavra “imperativo”, na medida em que ele é a expressão da afirmação de um valor moral fundamental: a vida, não só a vida humana, mas a vida como tal, incluindo humanos e não humanos. E é um imperativo ético fundamental porque visa garantir a própria possibilidade da vida ética dos indivíduos humanos, qualquer que seja a configuração que ela assuma no futuro; é como que uma condição de possibilidade de toda e qualquer moralidade particular: sem a garantia de que haja vida humana no futuro, não haverá a possibilidade de qualquer ética, pois a ética, embora não antropocêntrica, é antropológica, no sentido de que, sem a vida humana e a liberdade que lhe é própria, não haverá ética. Se não nos colocarmos esse dever ético fundamental, de garantir a vida humana autêntica agora e no futuro, não haverá viabilidade para qualquer formulação ética particular. A preservação da vida é um imperativo ético que se coloca como exigência do próprio ser do humano, cuja vida biológica não pode ser separada da vida como um todo no planeta, ao mesmo tempo em que adquiriu a possibilidade de destruí-la, de dar fim a ela, alcançando o voo dessa mesma vida biológica, como que ilusoriamente querendo se apartar dela.

**8 de setembro**

**Ciclo de Estudos: Perspectivas do Humano**

**O fazer filosófico e a praxis política desde**

**Ignacio Ellacuría**

**Prof. Dr. José Mora Galiana - Universidad Pablo Olavide,**

**Sevilla - Espanha**

**Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**

## A reformulação do imperativo categórico e a reabilitação da natureza

A partir do pensamento de Kant, Hans Jonas expande o agir moral para “uma vida autenticamente humana na Terra”, e devolve importância à natureza no debate filosófico. De acordo com Lilian Godoy, a reflexão ética é o maior legado de Jonas

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** natureza já se faz presente nas primeiras publicações de Jonas - posteriores à sua reflexão inicial sobre a gnose - quando ele percebe a necessidade de se voltar para a questão do organismo, dando os primeiros passos em direção à filosofia da biologia ou à sua biologia filosófica. Nesse sentido, entre outras coisas, pode-se atribuir a Jonas o mérito de estar entre aqueles que restituíram à natureza a sua relevância como tema filosófico, devolvendo à natureza a dignidade perdida desde a emergência da ciência moderna, quando a natureza deixou de ser vista como ameaça (como era vista pelos primeiros humanos), para ser reduzida (desde a modernidade) a mero objeto a ser conhecido (matematicamente) e dominado em proveito do homem”. É o que diz a filósofa Lilian Godoy, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. A pesquisadora explica, também, a reformulação do imperativo categórico kantiano proposta por Jonas e aponta a reflexão ética como a de maior importância desse pensador para nossos dias.

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, Lilian Godoy é mestre e doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG com a tese *Hans Jonas e a responsabilidade do homem frente ao desafio biotecnológico*. Atualmente, leciona na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Confira a entrevista.

**HU On-Line - Qual é a importância do pensamento de Hans Jonas no contexto da filosofia contemporânea?**

**Lilian Godoy** - O pensamento de Hans Jonas, infelizmente ainda muito pouco conhecido no cenário intelectual brasileiro, é de extrema relevância, não só no contexto filosófico, mas para nossa situação contemporânea, de modo geral. Sobretudo porque, tendo sido aluno de filósofos importantes como Edmund Husserl<sup>1</sup> e Martin Heidegger e colega de outros tantos pensadores de destaque entre os quais Hannah

<sup>1</sup> Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e epoché. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da IHU On-Line)

Arendt, Jonas, ao longo de sua vida, participou ativamente de importantes eventos históricos do século XX (segunda grande guerra, independência de Israel, primórdios das discussões sobre temas ligados à bioética, realizadas no famoso *Hastings Center*), os quais tiveram uma indiscutível repercussão nos diferentes momentos de sua obra.

Desse modo, explica-se que, partindo de seus estudos iniciais sobre a gnose, durante os anos 1950, em função de sua experiência como soldado, Jonas tenha se dedicado a refletir sobre temas ligados à vida, que irão constituir a sua “filosofia da biologia” ou “biologia filosófica”. Já nos anos 1970, como integrante do *Hastings Center*, explica-se porque ele tenha direcionado sua reflexão para os problemas éticos levantados por nossa civilização tecnológica. E, sem sombra

de dúvidas, é precisamente a sua reflexão ética a que maior importância tem para o contexto atual.

**IHU On-Line - A partir da obra desse pensador, como analisa a responsabilidade do homem frente ao desafio biotecnológico?**

**Lilian Godoy** - Em sua obra mais importante e mais conhecida - *O princípio responsabilidade*, cujo subtítulo é “Uma ética para a civilização tecnológica” - Jonas analisa a situação em que se encontra nossa civilização (sobretudo a ocidental), partindo da constatação de que, em função dos avanços tecnológicos alcançados, o agir humano sofreu uma profunda alteração, dado que os efeitos de nossas ações, antes restritos, agora foram significativamente ampliados tanto na dimensão espacial quanto na tempo-

ral. Por esse motivo, nenhuma das éticas da tradição filosófica nos fornece elementos para pensar essa nova configuração da ação humana. Daí, para dar conta dessa nova situação, ele percebe a necessidade de também o conceito de responsabilidade ser ampliado espaço-temporalmente. Sendo assim, ele propõe uma reformulação do mais célebre imperativo moral, o imperativo categórico kantiano, para elaborar o seu princípio de responsabilidade, cuja formulação principal é a seguinte:

*“Age de tal modo que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida autenticamente humana na Terra” (PR p. 40).*

Com base nesse princípio, portanto, é possível confrontar os principais desafios colocados pela nova biotecnologia à nossa geração. Pois, em função das inúmeras possibilidades trazidas pela descoberta da técnica do DNA recombinante, tornou-se um enorme problema ético pensar até que ponto é possível aceitar que sejam feitas combinações genéticas, sobretudo para além dos fins terapêuticos, sem alterar, com isso, a nossa própria condição humana. O que Jonas nos fornece, portanto, é um parâmetro para pensar a aceitabilidade de tais modificações: somos hoje, mais do que nunca, responsáveis pela *permanência de uma vida autenticamente humana na Terra*.

**IHU On-Line - Quais são os principais impasses éticos contemporâneos relacionados à biotecnologia?**

**Lilian Godoy** - Antes de tudo, cabe frisar que existem diversas definições de biotecnologia. Para efeito dessa reflexão, o ponto de partida pode ser a definição estabelecida em 1992, pela *Convenção sobre diversidade biológica* da ONU, segundo a qual: “Biotecnologia significa qualquer aplicação tecnológica que use sistemas biológicos, organismos vivos ou derivados destes, para fazer ou modificar produtos ou processos para usos específicos.” Assim, já nos primórdios da civilização humana, a biotecnologia foi utilizada, especialmente na fabricação de alimentos como queijos, iogurtes, cervejas, vinhos, etc.

Por isso, quando se discutem os impasses éticos colocados pela bio-

## “Ele propõe uma reformulação do mais célebre imperativo moral, o imperativo categórico kantiano, para elaborar o seu princípio de responsabilidade”

tecnologia, o que está em questão são as possíveis aplicações da técnica do DNA recombinante, sobretudo aquelas dirigidas direta ou indiretamente aos seres humanos e, mais especificamente, aquelas que ultrapassam os fins terapêuticos e se voltam principalmente para o melhoramento genético (eugenia positiva) e para mutações genéticas (projeto pós-humano). Justamente porque são esses dois usos aqueles que mais podem afetar a nossa descendência e comprometer a *permanência de uma vida autenticamente humana na Terra*.

**IHU On-Line - Em que aspectos é possível aproximar o princípio de universalização da ética do discurso de Habermas e o princípio da responsabilidade de Jonas?**

**Lilian Godoy** - Embora tanto o princípio de universalização da ética do discurso de Habermas quanto o princípio da responsabilidade de Jonas tenham em comum uma certa filiação ao imperativo categórico kantiano: o primeiro fazendo uma reformulação linguístico-pragmática e o segundo fazendo uma ampliação (espaço-temporal) de seu antecessor, é muito difícil tentar uma aproximação entre eles. Sobretudo porque foram concebidos em contextos filosóficos muito distintos e visaram responder a preocupações éticas inteiramente di-

ferentes. Habermas<sup>2</sup>, ao lado de Apel<sup>3</sup>, buscava sustentar contemporaneamente uma ética cognitivista pós-convencional, no interior de uma Teoria da Argumentação, partindo de sua Teoria do Agir Comunicativo. Enquanto Jonas, como já dito acima, buscava encontrar uma ética capaz de responder às inquietações de nossa civilização tecnológica.

Entretanto, se alguma semelhança pode ser apontada entre os dois, ela é o fato de que ambos incluem, em suas respectivas formulações, a preocupação com os efeitos e as consequências das ações, para além dos próprios agentes envolvidos, coisa que o imperativo categórico de Kant, por razões internas à sua concepção ética, não fazia.

**IHU On-Line - A partir das teorias de Jonas e Alasdair MacIntyre, como percebe a ambiguidade do progresso?**

**Lilian Godoy** - Embora tanto Jonas quanto MacIntyre sejam críticos da condição humana contemporânea, eles divergem tanto no foco da crítica, quanto na solução apontada. MacIntyre focaliza especialmente sua reflexão nos problemas das filosofias moral e política modernas, as quais - segundo entende - encontram-se enormemente fragmentadas e inflacionadas. A solução que propõe é examinar a questão não do ponto de vista liberal, mas preferencialmente do ponto de vista da concepção moral e política aristotélicas. Assim, a tarefa que ele se dá em *Após a virtude* é explicar o aspecto problemático do discurso mo-

<sup>2</sup> Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br), editoria Notícias do dia, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Karl-Otto Apel (1922): filósofo alemão que combina as tradições filosóficas analítica e continental. Professor emérito da Universidade de Frankfurt am Main. (Nota da IHU On-Line)

ral da sociedade atual e reabilitar o que ele considera como uma alternativa esquecida: a racionalidade teleológica da ética aristotélica da virtude. Em outros termos, MacIntyre sugere como solução aos problemas atuais, uma volta à tradição, para recuperar a ética das virtudes.

Jonas, por seu turno, como já mencionado acima, faz um diagnóstico da situação contemporânea a partir do extraordinário avanço tecnológico alcançado por nossa civilização e, justamente por essa situação que ele avalia como inédita, ele considera impossível encontrar na tradição, como o faz MacIntyre, respostas aos nossos problemas éticos mais cruciais. Daí que ele assume em seu *O princípio responsabilidade*, a difícil tarefa de propor uma ética (também inédita) destinada exclusivamente à nossa civilização tecnológica.

Com relação às ambiguidades do progresso, poderíamos considerar que, no pensamento de MacIntyre, elas surgem particularmente em sua crítica ao individualismo, típico do liberalismo, por prejudicar nossas análises e decisões sobre importantes questões de nosso tempo. E no de Jonas, em sua análise da civilização tecnológica e em sua crítica à utopia, quando fica nítido que o progresso, de um lado, responde a inúmeras necessidades e anseios da espécie humana, mas, de outro, compromete a continuidade da vida humana e da vida em geral e, assim, o futuro de nosso planeta.

**IHU On-Line - Com vistas a esse cenário, em que medida a filosofia de Hans Jonas fundamenta uma ética ambiental, ou uma ética da natureza?**

**Lilian Godoy** - Quando Jonas nos propõe o seu princípio responsabilidade (em suas 4 diferentes formulações), ele expressa, nitidamente, a sua pro-

**“O que Jonas nos fornece, portanto, é um parâmetro para pensar a aceitabilidade de tais modificações: somos hoje, mais do que nunca, responsáveis pela permanência de uma vida autenticamente humana na Terra”**

funda preocupação com relação à vida futura na Terra, mais exatamente, o que ele chama de vida “autenticamente humana”.

Numa passagem particularmente significativa, ele nos diz:

*“O futuro da humanidade é o primeiro dever do comportamento humano coletivo na era da civilização técnica, que chegou a ser ‘onipotente’ de modo negativo. Não está aqui explicitamente incluído o futuro da natureza como condição sine qua non; mas ademais, independentemente disso, o futuro da natureza é de sua responsabilidade metafísica, uma vez que o homem não só se converteu em um perigo para si mesmo, mas também para toda a biosfera”* (PV, p. 245; PR, p. 227).

Esse trecho evidencia que a preservação da biosfera é condição *sine qua non* da continuidade da vida em geral e da humana em particular. Além disso, no texto intitulado “Hans Jonas e a responsabilidade como fundamento para uma ética para a natureza”,

apresentado no último encontro da Anpof (outubro de 2010), procurei mostrar que o tema da natureza não surge no pensamento jonasiano como um apêndice ou uma descoberta tardia motivada pelos dramáticos acontecimentos que, em seu tempo, já prenunciavam os problemas ambientais que hoje testemunhamos. Ao contrário, a natureza já se faz presente nas primeiras publicações de Jonas - posteriores à sua reflexão inicial sobre a gnose - quando ele percebe a necessidade de se voltar para a questão do organismo, dando os primeiros passos em direção à filosofia da biologia ou à sua biologia filosófica. Nesse sentido, entre outras coisas, pode-se atribuir a Jonas o mérito de estar entre aqueles<sup>4</sup> que restituíram à natureza a sua relevância como tema filosófico, devolvendo a ela a dignidade perdida desde a emergência da ciência moderna, quando a natureza deixou de ser vista como ameaça (como era vista pelos primeiros humanos), para ser reduzida (desde a modernidade) a mero objeto a ser conhecido (matematicamente) e dominado em proveito do homem.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Segundo Lories e Depré (p. 16, § 2 e p. 19, § 2), os demais pensadores seriam o francês Maurice Merleau-Ponty e o inglês Alfred North Whitehead que, na virada entre a primeira e a segunda metade do século XX, chamaram a atenção para a necessidade de se retomar natureza como tema de reflexão filosófica. A trajetória de Jonas se faz, porém, sem influência dos demais, uma vez que ele é despertado para a relevância da temática muito antes, em função de sua ativa participação na segunda grande guerra. Ademais, Jonas conheceu posteriormente a filosofia de Whitehead, mas, até onde se sabe, não se pode dizer o mesmo com relação à obra do filósofo francês. De modo que, a reflexão jonasiana é inteiramente independente do que era produzido por outros filósofos nesse mesmo âmbito. (Nota da entrevistada)

<sup>5</sup> Razão pelo qual, segundo Jonas, a Filosofia da natureza foi a que mais sofreu com a autonomização das ciências particulares e a que mais evidentemente foi excluída da esfera do pensamento contemporâneo. (Nota da entrevistada)

**www.ihu.unisinos.br**

## Por uma ética do cuidado e da responsabilidade

Autonomia deve fundamentar o agir humano frente aos poderes ilimitados que a ciência confere à humanidade, adverte Lourenço Zancanaro. Entretanto, Hans Jonas não se opõe à tecnologia, mas propõe uma ética que atente para a antecipação dos riscos e o cuidado

POR MÁRCIA JUNGES

A constatação da vulnerabilidade do mundo, da natureza e da vida humana compõe o grande legado de Hans Jonas, aponta o filósofo Lourenço Zancanaro na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Frente a essa fragilidade, “a única saída é o cuidado, a responsabilidade. Ao cuidarmos das gerações presentes, também estaremos cuidando das futuras”. Assim como Kant, Jonas também aposta na autonomia como norte para o agir: “Somos autônomos para buscar o melhor e este deve ser sempre mais desejável que o pior. A autonomia é tomar posse da realidade como algo que precisa ser cuidado diante do excesso de poderes que a ciência nos dá. Somos chamados a deliberar sobre os novos poderes que a tecnologia nos fornece”. Zancanaro esclarece que Jonas não se contrapõe à tecnologia ou à ética: “Uma boa ética pode fazer uma boa ciência e isto está no âmbito da deliberação em relação ao nosso poder”. A ética jonasiana é baseada nos limites, no cuidado, renúncia, previsão, prevenção e antecipação dos riscos “ante a possibilidade dos efeitos tecnológicos conduzirem o planeta a consequências imprevisíveis”.

Lourenço Zancanaro é graduado pelas Faculdades Associadas do Ipiranga, especialista em Estudos Brasileiros pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Filosofia Brasileira pela Universidade Estadual de Londrina - UEL e mestre em Filosofia Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas. cursou doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, com a tese *O conceito de responsabilidade em Hans Jonas. Autor de Bioética - estudos e reflexões 3* (Londrina: CEFIL, 2002), leciona na UEL. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como analisa a importância do legado filosófico de Hans Jonas?**

**Lourenço Zancanaro** - Hans Jonas é um filósofo que pensa a ética a partir das exigências do nosso tempo. Não critica a ética tradicional, apenas mostra que esta não deixou, nem poderia ter deixado, regras para as modalidades inteiramente novas do poder tecnológico, já que sempre analisou a ação humana voltada para o “agir próximo”. Sua preocupação se limitava à discussão da “qualidade do ato moral momentâneo” e não da previsão ou do tempo das gerações futuras agora ameaçadas pelo progresso técnico.

É uma reflexão sobre a ética dos limites, do cuidado, da renúncia, da previsão, da prevenção, da antecipação dos riscos, ante a possibilidade dos efeitos tecnológicos conduzirem

o planeta a consequências imprevisíveis. A obra *“The imperative of responsibility” - In search of an ethics for the technological age* é básica para a compreensão do tema da responsabilidade.

### **Influências e “fenômeno da vida”**

Sua trajetória filosófica recebe influência heideggeriana, além do liame entre os estudos históricos, especialmente a gnose, em seguida a filosofia da biologia e, finalmente, a ética de responsabilidade. O objeto de análise será a magnitude das consequências dos processos tecnológicos potencializados que afetam o agir. Parte da constatação de que “se a natureza do agir mudou, também deverá haver mudanças na ética”. Portanto, o entendimento objetiva a investigação

do conceito de responsabilidade, seu significado para as tarefas atuais da humanidade, cada vez mais influenciadas pelas transformações tecnológicas que criam diuturnamente novos “espaços de ação”. Chama a atenção para os exageros do poder ilimitado da moderna tecnologia, defende a existência de uma eticidade para o mundo da natureza e declara que o fenômeno da vida necessita ser colocado novamente no seu lugar de honra.

O novo princípio de responsabilidade terá como objeto concreto de entendimento a possibilidade de perpetuação indefinida da humanidade no futuro que poderá estar comprometida pela degradação do meio ambiente, pelos perigos da energia nuclear, pelos avanços e possibilidades da engenharia genética e da biotecnologia. A humanidade encontra-se diante da “ameaça”

dos novos poderes que ultrapassam a legislação e as prescrições morais. É esse vácuo que necessita ser preenchido pela reflexão, um vazio ético que é, para Jonas, “o vazio do atual relativismo dos valores”.

O excesso de poder da tecnologia se converteu em ameaça e perigo porquanto sua consistência está associada à ideia de “promessa, utopia, sucesso e bem-estar”. A utopia acompanha a técnica porque ela revela poder, onipotência e dominação. Os êxitos e os grandes avanços “afetaram a própria natureza humana” onde o “medo” e o “perigo” levantam a possibilidade de uma catástrofe. Portanto, se o homem tem “poder” e se este foi possível pelo avanço do conhecimento científico, a ética fundada na doutrina do ser abre espaço para dizer “não” ao “não ser” e isto significa “sim à vida”. Jonas deixou-nos um legado importante: o mundo é vulnerável, a natureza é vulnerável assim como a vida humana. Diante da vulnerabilidade a única saída é o cuidado, a responsabilidade. Ao cuidarmos das gerações presentes, também estaremos cuidando das futuras.

#### **IHU On-Line - Quais são as suas maiores contribuições para o campo da educação?**

**Lourenço Zancanaro** - No campo da educação, a teoria da responsabilidade ajudará a levantar questões que poderão contribuir para a filosofia da educação. Não obstante, não poderá referir-se à escola como a única responsável pelo sucesso ou fracasso da vida em sociedade. A educação perfaz a totalidade das ações, desde aquelas veiculadas pelos meios de comunicação, das ações públicas dos legisladores, do respeito intersubjetivo dentro do espaço público e da responsabilidade paterna como arquétipo de toda a responsabilidade.

Posto que a tarefa da educação no seu sentido amplo é dar uma formação global de conhecimentos que auxiliam a gestão da vida no mundo, a ética de responsabilidade poderá ser um bom instrumento na valorização da vida, do meio ambiente e de tudo que deve existir. Nesse sentido, as “obrigações” partem exatamente deste contexto e da análise das ações presentes. A responsabilidade para com o futuro terá como causa

## **“Nossa relação com o mundo deve ser de complementaridade”**

o apelo da situação presente. Se tivermos um “poder” de qualquer tipo, deste originar-se-á uma “obrigação” com o futuro. Não podemos comprometer o futuro, dando prioridade ao “pior” sobre o “melhor”, ao mais “ínfimo” sobre o mais “elevado”.

#### **IHU On-Line - Em que medida o princípio de responsabilidade é, também, uma proposição que dialoga com a autonomia do ser humano?**

**Lourenço Zancanaro** - O imperativo da responsabilidade - “Age de tal maneira que o efeito das tuas ações não coloque em risco a possibilidade de vida no futuro” - representa o que há de mais fundamental na reflexão bioética. Somos autônomos para buscar o melhor e este deve ser sempre mais desejável que o pior. A autonomia é tomar posse da realidade como algo que precisa ser cuidado diante do excesso de poderes que a ciência nos dá. Somos chamados a deliberar sobre os novos poderes que a tecnologia nos fornece. Portanto, a autonomia tem o sentido de deliberação sobre o uso das tecnologias, no sentido de análise das consequências futuras do seu uso. Jonas não é contra a tecnologia, nem muito menos a ética: uma boa ética pode fazer uma boa ciência e isto está no âmbito da deliberação em relação ao nosso poder.

#### **IHU On-Line - Poderia comentar a proximidade entre o pensamento desse filósofo com o sistema kantiano, na medida em que Jonas postula um “imperativo ambiental”?**

**Lourenço Zancanaro** - Referindo-se aos antigos imperativos, Hans Jonas destaca o kantiano - “Age de tal maneira que possas também querer que a máxima do teu agir se converta em lei universal da natureza” -; faz isso tecendo algumas observações.

A afirmação kantiana “que possas” expressa a razão, de acordo consigo mesma. Numa comunidade de seres racionais, a ação deve ser tal que, sem se

contradizer, deixe-se apresentar como prática universal dessa comunidade. Para Jonas, a proposição “não é moral, mas lógica”. O “poder-querer” ou o “não poder-querer” exprime mais “compatibilidade (ou incompatibilidade) lógica, e não aprovação (ou desaprovação) moral”. Tal formulação é incompatível com o propósito da nova ética onde a esfera da ação não é mais o agir individual, mas coletivo. Considera que sua proposição não contém nenhuma autocontradição, pois está orientada para o domínio da esfera pública, onde os efeitos últimos das ações podem colocar em risco a possibilidade de vida futura.

O imperativo de Jonas não contém contradição de ordem racional porque está adaptado ao agir coletivo. A moralidade do querer consiste efetivamente em exercer um poder sobre aquilo que está em nossas mãos. Em Jonas está o caráter público e objetivo da responsabilidade direcionada à existência concreta contra a escolha privada e subjetiva em Kant. Em Kant, a universalização é hipotética; em Jonas, a responsabilidade é com as “políticas públicas” e o bem comum. Sêve lembra que, em Jonas: “A política é o coração da ética de responsabilidade porque está endereçada muito mais à política pública que a conduta privada”. Todavia essa discussão mereceria um debate maior.

#### **IHU On-Line - Quais podem ser as relações a serem estabelecidas entre ética ambiental e responsabilidade antropocósmica?**

**Lourenço Zancanaro** - A ética tradicional está fundada em injunções que colocam em evidência os fundamentos e obrigações que justifiquem a obediência em princípios, tais como: “Ama teu próximo como a ti mesmo; não consideres jamais o próximo como um meio, mas como um fim em si”, Jonas mostra, ao apresentar a ideia de uma “natureza estável”, onde tudo o que era bom para o homem devia ser aceito sem dificuldade. A responsabilidade humana estava igualmente definida, a partir da condição dada pela natureza. A essência constante estabelecida pela natureza colocava o homem numa condição de dependência, a obrigação estava direcionada ao aperfeiçoamento da potencialidade natural, e os projetos,

definidos de acordo com a norma eterna. A essência constante é um traço característico para a ação do homem metafísico que não pode ser considerado objeto de transformação pela técnica e, muito menos, objeto de responsabilidade futura. Resumimos a questão em três aspectos fundamentais.

Jonas mostra que as proposições do agir próximo são insuficientes e pergunta pelo seu significado moral ante as enormes transformações tecnológicas. Pela sequência de certos desenvolvimentos provocados pelo poder, a natureza do agir humano se transformou. Diante disso, faz-se necessário buscar novas vias interpretativas sobre as consequências desses poderes não mais restritos ao espaço da pólis, e limitados ao tempo futuro enquanto eternidade, mas como possibilidades a longo prazo. Esse entendimento requer adaptação aos novos tempos, uma vez que a ampliação do poder tecnológico modificou a natureza do agir. O argumento que exige transformação da ética está nos novos significados dos objetos culturais para o homem. Se são poderosos e causaram transformações na natureza do agir, logo o argumento é procedente.

### Resignação

A visão “antropocêntrica” caracteriza-se pelo significado efetivo da reciprocidade do homem a partir das suas

**“Chama a atenção para os exageros do poder ilimitado da moderna tecnologia, defende a existência de uma eticidade para o mundo da natureza e declara que o fenômeno da vida necessita ser colocado novamente no seu lugar de honra”**

necessidades. Além do mais, ele é possuidor de uma essência constante que não pode ser considerada objeto de transformação. Finalmente, o espaço da ação no agir próximo é determinado pela ideia de perfeição quase imediata. A longo prazo, as consequências eram abandonadas ao “acaso, ao destino, à providência”. A ética se ocupava com “as situações repetitivas típicas da vida pública e privada”. Nesse contexto situa-se o conceito de “homem bom”, que respondia com virtude e sabedoria às situações próximas da vida pública e

privada, de um lado, e, de outro, resignava-se ante o desconhecido. Mandamentos e máximas preocupavam-se com o imediato da ação e revelavam o campo de ação da moralidade, enfatizando a práxis cotidiana, o alcance imediato, e excluindo a previsão a longo prazo. “A moralidade ficava restrita ao estreito campo da ação”.

**IHU On-Line - A partir da filosofia de Jonas, quais são as principais dificuldades em se propor uma ética dentro da civilização tecnológica em que vivemos?**

**Lourenço Zancanaro** - Uma das principais dificuldades da teoria da responsabilidade está na sua fundamentação a partir da metafísica, especialmente quando recorre a pré-modernos. Fundar uma ética a partir do ser SER ou do ponto de vista metafísico ainda não foi suficientemente aprofundado e é o ponto onde são feitas as maiores críticas a ele. Todavia, Jonas faz isso propositadamente para chamar a atenção dos modernos sobre o quanto a vida foi banalizada e, sobretudo, de quanto deixamos de ser pastores do ser. A vida é tudo o que temos. O excesso de poder e a onipotência que a ciência nos dá poderão colocar em risco nossa existência e também a da natureza. Por isso a responsabilidade é com a vida, com sua continuidade para sempre. Nossa relação com o mundo deve ser de complementaridade.

8 DE SETEMBRO

IHU IDEIAS

VOZES DA LEGALIDADE: POLÍTICA E IMAGINÁRIO NA ERA DO RÁDIO (LIVRO)

PROF. DR. JUREMIR MACHADO DA SILVA - JORNALISTA, ESCRITOR E HISTORIADOR

INFORMAÇÕES EM [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

## A relevância interdisciplinar de Jonas

Debate entre saberes pode ser estabelecido a partir do pensamento desse filósofo, e questionamentos e objeções apontados por Karl-Otto Apel e Paul Ricoeur suscitam a ampla investigação que merece ser feita sobre sua obra, frisa Robinson dos Santos

POR MÁRCIA JUNGES

Um autor influente para a “geração que hoje se identifica fortemente com as questões ambientais, com o tema do desenvolvimento sustentável e a incógnita do futuro da civilização. Sua relevância extrapola, portanto, o âmbito de estrita discussão filosófica e sua obra abre-se para o debate de alcance interdisciplinar”. A afirmação é do filósofo Robinson dos Santos, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo o pesquisador, “semelhante a Heidegger, em Jonas não se trata de uma mera satanização da técnica enquanto tal. Os artefatos em si não são tão importantes, mas, novamente, é o fenômeno da técnica, o significado que ela assume, que praticamente hoje se (con)funde com a própria essência do homem, que deve ser objeto de reflexão filosófica”.

Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo - UPF, onde cursou mestrado em Educação, Robinson dos Santos é doutor em Filosofia pela Universidade de Kassel, na Alemanha, com a tese *Moralität und Erziehung bei Kant* (Kassel: Kassel University Press, 2007). Coordenador e professor do curso de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, é autor de *Saber e compromisso: Florestan Fernandes e a escola pública* (Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2002) e um dos organizadores de *Ética para a civilização tecnológica: em diálogo com Hans Jonas* (São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2011). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Quais são as principais contribuições de Hans Jonas à filosofia contemporânea?

**Robinson dos Santos** - Essa pergunta não é tão simples de se responder. Penso até que pode ser apenas parcialmente ou provisoriamente respondida. Isso porque se parte de uma suposição, qual seja, a de que estaríamos já em condições de avaliar de modo cabal *quais* seriam efetivamente as contribuições de Jonas à filosofia contemporânea. E, em se tratando de um autor contemporâneo, cuja obra recém principia a ser compilada em uma edição crítica<sup>1</sup> e que, portanto, ainda necessita ser lida, analisada e interpretada - algo que exige tempo! -, pode-se considerar que esta tarefa está apenas iniciando. Todavia, gostaria de salientar que isso traz apenas uma dificuldade para um juízo cabal e não uma impossibilidade de se falar

<sup>1</sup> Trabalho em parceria das editoras alemãs *Rombach* e *Wissenschaftliche Buchgesellschaft*; confira em <http://bit.ly/qi52wz> (Nota do entrevistado)

a respeito de suas ideias. Feita essa ressalva, poderíamos falar a respeito da ressonância ou repercussão que sua obra da maturidade *O princípio de responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* causou, sobretudo na Europa do pós-guerra. Jonas influenciou uma geração que hoje se identifica fortemente com as questões ambientais, com o tema do desenvolvimento sustentável e a incógnita do futuro da civilização. Sua relevância extrapola, portanto, o âmbito de estrita discussão filosófica e sua obra abre-se para o debate de alcance interdisciplinar. Concretamente, no âmbito da filosofia o foco de seus trabalhos está em três áreas: metafísica, filosofia da natureza e ética. Mas seus escritos transitam em áreas como a teologia, biologia e medicina também.

### IHU On-Line - Além de Kant, quais foram as grandes influências filosóficas desse pensador?

**Robinson dos Santos** - Do ponto de

vista da gênese de sua obra, é possível afirmar que houve várias influências. Estas podem ser consideradas desde os pensadores clássicos, como Aristóteles<sup>2</sup>, Agostinho<sup>3</sup> e Kant, por exemplo, até os interlocutores que com ele tiveram um contato mais próximo e, em alguns casos, privaram de sua amizade, como Hannah Arendt, Karl Jaspers<sup>4</sup>, o teólogo e orientador de seu

<sup>2</sup> **Aristóteles de Estagira** (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> **Aurélio Agostinho** (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **Karl Jaspers** (1883-1969): filósofo existen-

doutorado Rudolph Bultman. A fenomenologia de Husserl também foi uma grande fonte de inspiração do pensamento jonasiano. Um mestre que decisivamente influenciou muito Jonas foi Martin Heidegger, que foi seu professor e interlocutor ao longo de toda sua formação, mas com quem Jonas não conseguiu mais reestabelecer a amizade após o envolvimento daquele com o nacional-socialismo.

### IHU On-Line - Qual é a influência do conceito heideggeriano de técnica na filosofia de Jonas?

**Robinson dos Santos** - Sem dúvida há uma influência de Heidegger não apenas presente no conceito de técnica. A preocupação é bastante próxima quanto ao que Heidegger chama de “questão da técnica”, isto é, quanto ao significado que ela assume na vida humana. E, semelhante a Heidegger, em Jonas não se trata de uma mera santização da técnica enquanto tal. Os artefatos em si não são tão importantes, mas, novamente, é o fenômeno da técnica, o significado que ela assume, que praticamente hoje se (con)funde com a própria essência do homem, que deve ser objeto de reflexão filosófica. Além disso, o próprio conceito de responsabilidade, amparado por Jonas numa ontologia, isto é, numa doutrina do ser, é marcado pelo conceito heideggeriano de *Dasein* (ser-aí) e os conceitos relacionados a ele como *Sorge* (cuidado), a imagem do homem como “pastor do ser”.

### IHU On-Line - Em que aspectos o pensamento deste filósofo transcende e rompe com a herança kantiana?

cialista alemão. Acreditava que a filosofia não é um conjunto de doutrinas, mas uma atividade por meio da qual cada indivíduo pode se conscientizar da natureza de sua própria existência. Escreveu vários livros sobre os grandes filósofos do passado. Escreveu *Filosofia* (1932), *O alcance perene da filosofia* (1948) e *O caminho para a sabedoria* (1949). Jaspers começou a ensinar Psiquiatria na universidade de Heidelberg em 1913 e se tornou professor de Filosofia em Heidelberg, em 1921. Em 1948, passou a ensinar Filosofia na universidade de Basileia, na Suíça. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na IHU On-Line 49ª edição, de 24-02-2003, disponível para download em <http://bit.ly/9m0DBP> e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003, disponível em <http://bit.ly/cexldt>. (Nota da IHU On-Line)

## “O que pretendo apontar é que o problema do antropocentrismo que ele supõe presente nas éticas da tradição não é efetivamente superado em sua proposta”

**Robinson dos Santos** - Primeiramente, deve-se esclarecer o que se entende aqui como herança kantiana. Se entendermos esta “herança” relacionada à obra como um todo, tem-se uma perspectiva determinada para avaliar. Se por “herança” entendermos algo especificamente relacionado com a ética kantiana, por exemplo, teremos outra perspectiva. Vou optar pela segunda perspectiva, isto é, a relação da ética de Jonas com a ética kantiana. A relação de Jonas com Kant neste aspecto é, a meu ver, bastante ambígua e, a julgar pelas leituras feitas até o momento, me arrisco a afirmar que é, até mesmo, bastante superficial. Jonas não faz uma interpretação sistemática dos escritos de filosofia moral de Kant. Em determinados momentos tem-se a nítida impressão de que ele quer um rompimento ou uma “correção” e, deste modo, uma superação da ética kantiana, mas essa impressão se desfaz em algumas passagens na medida em que ele mesmo assume uma postura nitidamente kantiana e se beneficia, por exemplo, da formulação do imperativo categórico e assume o princípio de universalização de máximas. Jonas envolve-se igualmente em dificuldades com a sua acusação de antropocentrismo, por exemplo. Se o ser humano é, em última instância, aquele que está encarregado de zelar pela vida, pelo futuro da natureza e da humanidade, a ética continua fortemente ancorada numa compreensão do que é (e do que deve ser) o ser humano. É claro que sua visão privilegia não mais apenas a vida humana, mas a vida desde uma

perspectiva ampla, isto é, no conjunto da natureza. Isso está claro em suas preocupações. O que pretendo apontar é que o problema do antropocentrismo que ele supõe presente nas éticas da tradição não é efetivamente superado em sua proposta.

### IHU On-Line - Gostaria de destacar outros aspectos?

**Robinson dos Santos** - Gostaria de salientar aqui alguns aspectos problemáticos que merecem ser amplamente investigados ainda. Dois interlocutores contemporâneos dedicaram em suas reflexões um espaço para a ética da responsabilidade de Jonas. Refiro-me a Karl-Otto Apel e Paul Ricoeur<sup>5</sup>. Eles levantam algumas questões e objeções a Jonas que, em meu modo de entender, não podem ser ignoradas por quem quer se dedicar à interpretação da ética jonasiana. O primeiro destaca um problema bastante significativo relativamente à fundamentação do imperativo da responsabilidade: quando Jonas formula o princípio de que se deve agir de tal modo que os efeitos da ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a terra, está pressuposto para Jonas que aquilo que pode ser considerado uma autêntica vida humana já esteja presente, isto é, já esteja realizado para nós. Deste modo, sabendo em que consiste uma autêntica vida humana, saberemos como preservá-la ou preservar as con-

<sup>5</sup> Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na edição 49 da Revista IHU On-Line, de 24-02-2003, disponível para download em <http://bit.ly/9m0DBP> e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003, disponível para download em <http://bit.ly/cexldt>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória sobre Ricoeur*, em função de seu falecimento. Confira o material em <http://bit.ly/aXJH1>. A formação de Ricoeur se dá em contato com as ideias do existencialismo, do personalismo e da fenomenologia. Suas obras importantes são: *A filosofia da vontade* (primeira parte: O voluntário e o involuntário, 1950; segunda parte: *Finitude e culpa*, 1960, em dois volumes: *O homem falível e A simbólica do mal*). De 1969 é *O conflito das interpretações*. Em 1975 apareceu *A metáfora viva*. O sentido do trabalho filosófico de Ricoeur deve ser visto em uma teoria da pessoa humana; conceito - o de pessoa - reconquistado no termo de longa peregrinação dentro das produções simbólicas do homem e depois das destruições provocadas pelos mestres da “escola da suspeita”. (Nota da IHU On-Line)

**“Quem deve efetivamente responder pelos malefícios que andam de mãos dadas com os progressos da técnica?”**

dições que garantam sua continuidade. Apel, com razão, considera isso problemático. Com base em quê podemos afirmar que aquilo que denominamos uma autêntica vida humana já esteja realizado entre nós? Isso equivaleria a sustentar que somos o que há de melhor que a humanidade poderia fazer de si mesma. Há uma presunção bastante forte nisso. Outro ponto que levanta Ricoeur é a questão de determinação do alcance temporal da responsabilidade. Ele está de acordo que quanto mais aumenta nosso poder, mais aumenta a responsabilidade que temos, na mesma proporção. No entanto, ao ampliar a responsabilidade para o infinito, esse cálculo traz um problema para a imputação da responsabilidade. Quem deve efetivamente responder pelos malefícios que andam de mãos dadas com os progressos da técnica? Na medida em que a responsabilidade se dilui e todos se tornam responsáveis por tudo, ninguém é responsabilizado por nada. Sobre isso não temos muitos elementos em Jonas (ao menos nos textos que até o momento temos acesso) para dar uma resposta concreta. Mas aqui seria preciso ainda esclarecer de modo pormenorizado (algo que fica como tarefa para a pesquisa) a distinção entre a responsabilidade *ex post facto*, isto é, sobre o que foi feito (imputação) e a responsabilidade, que é aquela que Jonas pretende defender, do que *tem de ser feito*. Essas objeções e questionamentos (tomei aqui apenas dois aspectos particulares) e tantos outros, ao contrário do que possa parecer, demonstram que a ética de Jonas merece ser amplamente investigada. Eu não me arriscaria, portanto, a apresentar já conclusões definitivas sobre ela.

## **Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011**



**Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material**

**Palestrante: Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo - Unisinos**

**Data de início: 29 de agosto de 2011  
Data de término: 07 de novembro de 2011**

**Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU**

**Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

**B.**

**Destques da Semana**

# Teologia Pública

## Drummond e a “re-significação” de Deus na poesia

Recursividade marca a relação e encontro entre Teologia e Poesia, dando novos significados ao mundo, menciona Alex Villas Boas. Drummond tornou-se agnóstico, e enxergava a transcendência na imanência

POR PATRICIA FACHIN E MARCIA JUNGES

**P**ara Carlos Drummond de Andrade, a transcendência só poderia existir na imanência, “como salto qualitativo do existir diante da ‘pedra’ da impossibilidade. Aqui talvez seja o ponto mais próximo da poesia com a mística, de encontrar um Mistério em todas as coisas e que oferece sentido a todas elas”. A declaração é do teólogo Alex Villas Boas, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, ao refletir acerca de sua obra *Teologia e Poesia - A busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico* (Sorocaba: Create Editora / São Paulo: Loyola, 2011). Expulso do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, por “insubordinação mental”, uma vez que escrevia suas poesias nas aulas de ensino religioso, Drummond jamais escondeu a decepção pela injustiça a que fora submetido. Em 1941, afirma em uma entrevista: “Perdi a Fé. Perdi tempo. Sobretudo, perdi a confiança na justiça dos que me julgavam”. Conforme Villas Boas, a partir da obra drummondiana, pode-se dizer que “poesia é uma expressão externa do processo interno da reinvenção de si mesmo. Re-significar Deus é próprio da poesia humana. Re-significar a vida é próprio da poesia de Deus. Re-significar o mundo é próprio do encontro dessas duas poéticas”. Contudo, alerta: “Drummond não quis recriar a imagem de Deus; preferiu morrer como agnóstico dizendo que isso era tarefa para os teólogos, mas antecipa o trabalho destes em muito com sua poesia mística do cotidiano em nos poetar quem Deus não é”. E que não se busque na claridade a resposta enigmática da vida. As pedras, pondera Villas Boas, são inerentes à vida, presentes “em estruturas rígidas da sociedade, camufladas de tal modo que o acento da culpa não é dado pelo fato de a pedra estar no caminho, mas recai exclusivamente sobre o indivíduo a responsabilidade de ter topado com ela”.

Graduado em teologia pelo Instituto Superior de Teologia João Paulo II e pela Universidade Presbiteriana Machenzie, Alex Villas Boas é mestre em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção com a dissertação *O sentido da vida na trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade - reflexão teológica a partir da antropologia contida na obra drummondiana*. Atualmente cursa doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e leciona em algumas instituições, como o Instituto de Teologia João Paulo II, o Centro Universitário Assunção - Unifai/Brasil e a Escola Dominicana de Teologia, EDT. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Que relações percebe entre teologia e a obra poética de Drummond?**

**Alex Villas Boas - Drummond!** fez uma

1 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. Confira a edição 232 da Revista IHU On-Line, de 20-08-2007, intitulada Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo, disponível em <http://migre.me/qR6O>. (Nota da IHU On-Line)

experiência de Deus ainda muito novo, e passou por uma amarga expulsão do Colégio Anchieta. O que mais fascinava Drummond no Colégio eram os jesuítas, pela sua aura de intelectualidade em sua busca de conhecimento. O jovem Drummond, ou Carlito, como era chamado, mergulhou no universo jesuíta, aceitando plenamente os valores e as normas do colégio e da instituição, bem como do catolicismo, comungan-

do e confessando quase diariamente. Dedicava-se exemplarmente à sua vida intelectual, chegando a ganhar em 1918 várias medalhas de “general” por destaque nos estudos. Entretanto, por um desentendimento com um professor de gramática, é expulso do colégio por “insubordinação mental”, porque escrevia poesias nas aulas de ensino religioso, que era quando mais se sentia inspirado. Tal expulsão o aba-

lou profundamente. Perto dos 17 anos, Drummond declara: “Perdi a Fé. Perdi tempo. Sobretudo, perdi a confiança na justiça dos que me julgavam” [entrevista em 1941 à Revista Academia]. O jovem Drummond viveu uma época difícil em que o cristianismo era marcado por grave acento racionalista que nem mesmo a Companhia de Jesus conseguiu escapar. Neste momento, o jesuíta é muito mais reconhecido por “homem de estudo”, como disse o padre Joseph de Guibert em sua *La Spiritualité de la Compagnie de Jésus* (1953), do que como um místico. Consequentemente *Perinde ac cadaver* (obedece como cadáver) de Santo Inácio<sup>2</sup>, que deve ser visto como uma docilidade à ação do Espírito, foi visto como intolerância e autoritarismo. Drummond escreve isso em um poema chamado *Recusa*, no livro *Boitempo*, quando ruminava os acontecimentos do passado, já em fase idosa. E ainda lembrava dessa expressão e de tudo que o marcou.

### Um possível jesuíta

Em uma entrevista, próximo de sua morte, chegou a dizer que, se não tivesse sido expulso do Colégio, teria sido jesuíta (MORAES NETO, 2007). Se seria, ou não, é outra coisa, mas essa afirmação ao final da vida não me parece gratuita, e pode revelar muito o drama vivido entre um desejo e sua impossibilidade, por uma injustiça. Tudo isso marca profundamente a visão de Drummond sobre Deus. A poesia irônica de Drummond tem em sua raiz uma alteração de percurso da “devoção à decepção”, de sua poesia devota, como escreveu em *Retiro Espiritual*: “a santidade é meu destino”. Seus primeiros escritos são no Colégio Anchieta e falam sobre Deus, fé, esperança e tudo isso se encaminha para uma experiência de derrota, uma derrota, porém, não marcada pela sua incapacidade pessoal - pois era jovem exemplar no colégio jesuíta - mas sim pela falta da liberdade que lhe foi dada e pelo sentimento de justiça que

2 Inácio de Loyola (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, conhecida como os Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da IHU On-Line)

## “Em uma entrevista, próximo de sua morte, chegou a dizer que, se não tivesse sido expulso do Colégio, teria sido jesuíta”

lhe foi negada. No momento em que isso acontece na vida de Drummond, Deus é visto como a razão de seu viver, na imitação da vida dos santos e da vida de Cristo (lia a *Imitação de Cristo* diariamente). Porém, para o poeta, desde sua expulsão a autonomia da vontade humana e a soberania da vontade de Deus entram num erosivo processo de ruptura quando os que agiram em nome da vontade de Deus também carregaram o signo da injustiça em sua vida, exigindo do poeta a re-significação de Deus e da razão de seu viver. Aqui nasce a percepção poética de Drummond em que coloca na ironia toda a contradição entre o discurso e o vivido. A mesma classificação que alguns deram a Jorge Luiz Borges<sup>3</sup>, eu daria à Drummond, de um teólogo ateu. A poesia drummondiana experimenta o que diz, como a Teologia jamais deveria se esquecer, pois sempre será legítima como ato segundo de uma relação teologal primeira.

### IHU On-Line - Em que sentido os poemas de Carlos Drummond de Andrade podem ser compreendidos como um pensamento poético teológico?

Alex Villas Boas - Talvez não seja exatamente nas poesias quanto no pensamento poético de Drummond. Há na

3 Jorge Luiz Borges (1899-1986): escritor, poeta e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os “delírios do racional” (Bioy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou a cultura dos Pampas argentinos, em contos como *O morte*, *O homem da esquina rosada* e *O sul*. Sobre Borges, confira a edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luiz Borges*. A virtude da ironia na sala de espera do mistério, disponível para download em <http://bit.ly/plwnqh>. (Nota da IHU On-Line)

metapoética não religiosa de Drummond uma *mística poética* de uma *teologia atea*, de um dizer Deus pelas avessas, que se recusa a enxergar a causa de todas as coisas em uma “ordem” estabelecida por um “deus” em um mundo tão fora de ordem. Mas que ainda assim procura enxergar a beleza de cada coisa e de cada pessoa, e até mesmo enxergar em tudo isso uma centelha de mistério, sem se sentir na obrigação de nomeá-Lo, mas apenas poetizar. Carlos Drummond de Andrade, esse grande teólogo ateu de um Deus metafísico que tudo vê e nada sente e que não anuncia a Sua morte mas exorciza seus fantasmas, traz aquelas imagens de Deus que se apresentam na vida das pessoas como uma grande pedra em seus caminhos. A poesia de Drummond ajuda a se desprender de imagens inadequadas de Deus. “Crer em Deus”, em Drummond, significava ser conivente com a condenação do mundo, com a hipocrisia estabelecida nas relações, com a usura, a subserviência, com um ufanismo cego pelo dogmatismo e pela autoridade e, acima de tudo, com a insensibilidade da dor humana. Qualidades essas que não ajudavam o mundo a ser melhor e que eram alimentadas a partir de um imaginário religioso. Drummond não quis recriar a imagem de Deus; preferiu morrer como agnóstico dizendo que isso era tarefa para os teólogos, mas antecipa o trabalho destes em muito com sua poesia mística do cotidiano em nos poetar quem Deus não é.

### Educação para o silêncio

Essa poesia drummondiana vem ao encontro da percepção de Karl Rahner<sup>4</sup>

4 Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principiais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line n.º. 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://migre.me/11DTa>, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner, disponível

que vê a poesia como preparação para a escuta da palavra<sup>5</sup>. Se para este teólogo iniciano a pregação da Palavra cumpre sua tarefa ao sinalizar “exteriormente” o que o Espírito opera interiormente, esta *palavra* para Rahner não é qualquer palavra, mas uma palavra *poética*. Porque para “para poder ouvir a palavra do Evangelho”, é necessário 1) que o ser humano tenha ouvidos abertos para “ouvir o inominável” e a poesia educa para o silêncio contemplativo da palavra, para aquilo que ela quer dizer além do que já disse; 2) de capacidade de ouvir as palavras que toquem ao “centro” do ser humano, portanto precisa aprender a ouvir as “proto-palavras” ou “palavras primordiais” [Urworte] [que escapam a toda definição] do coração” e é próprio da poesia ser a palavra “certeira” porque brota de uma “veneração do coração”; 3) ouvir a palavra que “une”, que “reconcilia” e “liberta o individual de sua ilhada solidão”, e é a palavra poética, enquanto palavra autêntica que penetra o interior do humano, fala humanamente, de modo familiar a ele, fala conhecendo sua dor e seu íntimo e, por isso, está unida ao que ouve; e 4) descobrir o mistério inefável “em meio a cada palavra”, de perceber a Palavra que se fez carne na realidade humana. Saber ouvir essa palavra na realidade humana é estritamente “graça da fé”, mas é a gracio-

para download em <http://migre.me/11DTu>. No dia 28-04-2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro Curso Fundamental da Fé, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na IHU On-Line n.º 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://migre.me/11DTM>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no IHU On-Line n.º 97, de 19-04-2004, sob o título Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos, disponível em <http://bit.ly/ml-SwUc>. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTW>. Os Cadernos Teologia Pública publicaram o artigo Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://migre.me/11DUa>. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, disponível para download em <http://migre.me/11DUj>. (Nota da IHU On-Line)

5 Cf. RAHNER, *Ibidem*, Das Wort der Dichtung und der Christ, op. cit., 1967, p. 442-447. (Nota do entrevistado)

## “A poesia educa para o silêncio contemplativo da palavra, para aquilo que ela quer dizer além do que já disse”

sidade da poesia que pode ajudar a ler o profundo do humano, como “finitude de um mistério infinito”, que é seu interior. A sensibilidade para a *palavra poética* é um “pressuposto para ouvir a palavra de Deus”, a “poesia fundamental da existência eterna”, pois a “palavra divina leva já em si, o ser mais íntimo da palavra poética”.

### IHU On-Line - Qual é o sentido da vida na obra de Drummond?

Alex Villas Boas - É consensual que Drummond tem ao menos três grandes fases em sua trajetória poética. Uma poesia irônica, em que a vida não faz muito sentido, e na ironia parece o poeta tentar nos mostrar que é possível se acomodar com uma vida sem sentido. Depois vem a fase de sua poesia social, em que o poeta se une ao *Sentimento do Mundo* que se pode falar de uma apreensão do sentido, como um exercício de consciência que o poeta toma das coisas, dos demais e de si mesmo, num indisfarçável sentimento de indignação, que brota do choro das crianças e do clamor silenciado dos corpos mortos numa época em que “a vida é sem importância”, para um compromisso com essa vida que todos fingem não ver. Mas o poeta itabirano também tem suas decepções profundas com o cenário político de sua época, ao que passa, então, para sua poesia metafísica. Esta é o resultado de uma redescoberta “antieuclediana”, que foge do encadeamento lógico da sociedade para uma outra lógica que emerge da consciência da impossibilidade e da fragilidade. Pois, se a “pedra” da impossibilidade é um enigma indecifrável, o “humano milagre do amor” é que permite a fragilidade reinventar a existência o “*amor de todos/ofertando o sentimento/ de que o mundo tem sentido*”, e que

a própria busca é o sentido da vida, a “*humana condição no eterno jogo/ sem sentido maior que o de jogar*”. O amor é “*que à vida imprime cor, graça e sentido*”. Sendo o amor que confere sentido à vida, é ele que permite “Nascer de Novo”:

*Eis que um segundo nascimento,  
não adivinhado, sem anúncio,  
resgata o sofrimento do primeiro,  
e o tempo se redora.*

*Amor, este o seu nome.*

*Amor, a descoberta*

*de sentido no absurdo de existir.*

### IHU On-Line - Como Deus se manifesta na obra de Drummond?

Alex Villas Boas - O problema de Drummond é com a teodiceia, com a ideia de que a vontade de Deus rege um mundo perfeito que não se verifica, sobretudo em um período político delicado como o que se seguiu após as duas guerras mundiais e a Guerra Fria. Se “Deus” pode se manifestar, será afirmando o absurdo da vida, e que, apesar desta condição, há um mistério que permite a vida ainda encontrar sentido. Drummond não nomeia Deus, também não mata; apenas acolhe essa misteriosa capacidade de encontrar um sentido na vida e, de modo especial, na experiência de amar. A maior experiência de amor do poeta foi com sua filha.

### IHU On-Line - Que relações com o sagrado podem ser observadas nas obras do “poeta das sete faces”?

Alex Villas Boas - *Sete Faces* diz respeito à antropologia drummondiana, o ser *gauche*. O poema de Sete Faces, por exemplo, contém 7 estrofes e revela a identidade múltipla de um ser fragmentado, em que cada estrofe revela um aspecto do *gauche*: o ser de desejo, o que se envolve com a massa, o homem sério e de respeito, o da revolta com Deus, aquele que se acha superior ao mundo dos comuns num momento, mas que logo volta a pisar no mesmo solo. Sete pode ser a ironia da criação, pois tem a ideia de perfeição tirada das obras do Criador, mas perfeição que não se verifica. Suas faces são os fragmentos que se chocam

com alguma pedra de impossibilidade. A ironia é portadora da contradição que afeta o poeta, e ele pode usar de ironia porque não mais acredita na veracidade de como as coisas lhe foram passadas: não acredita mais em sonhos, na sociedade, na sua pátria ou no amor. A ironia traz à luz o que a hipocrisia dessa “vida besta” tenta camuflar, enganando uns aos outros.

A “pedra” drummondiana é sentimento de impossibilidade e fragilidade que fragmenta o ser em “cacos” de ser ao se chocar com ela, vive fragmentado, ama fragmentado, sofre cada fragmento de seu ser. Essa “pedra” é inerente à vida, sim, mas também está presente em estruturas rígidas da sociedade, camufladas de tal modo que o acento da culpa não é dado pelo fato de a pedra estar no caminho, mas recai exclusivamente sobre o indivíduo a responsabilidade de ter topado com ela. A contradição do discurso sobre Deus revela, na verdade: 1) Deus surdo ao seu clamor: “*Meu Deus, porque me abandonaste*” e; 2) insensível à fraqueza humana [“*se sabias que eu não era Deus/se sabias que eu era fraco*”]. 3) Deus é distante, fica no alto, no “alto do morro” onde se dirige a procissão de romeiros que sobem a ladeira. Na visão *gauche*, há uma estranha relação entre o indivíduo e Deus: este tem a predominância da vontade sobre todas as coisas, mas ao mesmo tempo parece não conseguir que ela se realize resultando numa “*tristeza de Deus*”, quando Ele se pergunta: *Por que fiz o mundo?*, e responde a si: “*Não sei*”. Na antropologia drummondiana, o *gauche*, aquela característica do sujeito moderno de ser “torto”, desajustado aos princípios de seu tempo, que anda na contramão da história, na sua *esquerda*, tem sede de Deus e O procura, mas não entende por que Deus não se deixa alcançar ou não o auxilia em seu desejo de ir para o céu e O abandona na contradição humana de seu drama e sua fraqueza, e sua poesia parece querer mostrar que há qualquer coisa muito torta em tudo isso, o que faz o indivíduo reinventar a própria vida.

IHU On-Line - Como aparece a metafísica na dialéti-

## “Não é com claridade que se obtém a resposta enigmática da vida”

ca “eu/mundo” da poesia de Drummond?

Alex Villas Boas - Essa dialética é proposta pelo professor Affonso Romano Sant’anna<sup>6</sup> (*Drummond: Gauche no Tempo*, 1972), utilizando uma linguagem heideggeriana, apresenta a poesia de Drummond como “projeto poético-pensante”, em três momentos: 1) *Eu maior que o Mundo* [poesia irônica]; 2) *Eu menor que o Mundo* [poesia social] e; 3) *Eu igual ao mundo* [poesia metafísica], posição básica da obra que apresenta um vasto sistema de oposições (claro/escuro; província/metrópole; essência/aparência; vida/morte...) como modelo fundamental. Então, na primeira fase, o poeta fica no seu canto, estranhando esse mundo maluco. Num segundo momento, na sua poesia social, quando o sofrimento

<sup>6</sup> Affonso Romano de Sant’Anna (1937): poeta, jornalista brasileiro. Nos anos 1960, participou dos movimentos que transformaram a poesia brasileira, interagindo com os grupos de vanguarda e construindo sua própria linguagem e trajetória. Também data desta época sua participação nos movimentos políticos e sociais. Como poeta e cronista, foi considerado pela revista Imprensa, em 1990, um dos dez jornalistas que mais influenciam a opinião de seu país. Dirigiu o Departamento de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na década de 1970, organizou a “Expoesia”, evento que reuniu 600 poetas num balanço da poesia brasileira e trouxe ao Brasil conferencistas estrangeiros como Michel Foucault. Como jornalista trabalhou nos principais jornais e revistas do país: *Jornal do Brasil*, *Senhor*, *Veja*, *Isto É* e *O Estado de São Paulo*. Foi cronista da *Manchete* e do *Jornal do Brasil*. Está no *Jornal O Globo* desde 1988. Foi considerado pelo crítico Wilson Martins como o sucessor de Carlos Drummond de Andrade, no sentido de desenvolver uma “linhagem poética” que vem de Gonçalves Dias, Bilac, Bandeira e Drummond. De sua obra, composta por cerca de 30 livros de ensaios, poesia e crônicas, destacamos *Que fazer de Ezra Pound?* (São Paulo: Imago, 2003), *Desconstruir Duchamp* (Rio de Janeiro: Vieira & Leme, 2003) e *A cegueira e o saber* (Rio de Janeiro: Rocco, 2006). Sant’Anna esteve presente na Unisinos, participando do Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Nesta ocasião, o jornalista foi entrevistado pela IHU On-Line, com o título “Pensar que o artista é mais livre que um engenheiro é uma temeridade”. A entrevista pode ser conferida na edição 220, de 21 de maio de 2007 (<http://bit.ly/nniq8h>). (Nota da IHU On-Line)

do mundo o desloca de seu canto, ele percebe a grande impossibilidade da mudança apenas pela boa vontade dos ideais e se recolhe ao perceber a insignificância do indivíduo. Na relação “eu igual ao mundo” da poesia metafísica, há uma verdadeira busca de sabedoria do poeta, mais serena talvez, relacionando o universal dentro do indivíduo. Assim, identifica no indivíduo os ideais de seu tempo, ainda que desfigurados entre os fatos rotineiros, perquirindo metafisicamente o presente numa memória da memória, como elemento conformador de sua consciência, ao perguntar pelos outros do passado, mas indagando de si mesmo, num reprocessamento da existência para reincorporar um tempo morto num tempo vivo. Num balanço que faz dos anos, não se sente habilitado a “julgar a vida” nem a si mesmo. De toda a caminhada trilhada pelo poeta na vida, a única coisa de que tem certeza que carrega consigo é que: “*De tudo quanto foi meu passo caprichoso/na vida, restará, pois o resto se esfuma/uma pedra que havia no meio do caminho*”. Um “não” insensível que se manifesta nas coisas, dando a impressão de um “sem sentido”.

### Viagem pelo tempo

Por isso mesmo há de se visitar o passado para entender melhor seu futuro e, na sua condição de um desafio que resiste, não é com claridade que se obtém a resposta enigmática da vida. Tampouco há de se render às mais espessas trevas, mas é um olhar “opaco” que o poeta lança para as coisas, um olhar de “desencantamento” do mundo, que detém na dificuldade, no escurecimento e no obstáculo, entrelaçando a melancolia, o fechamento e a recusa simples, como forma de refutação frente aos entraves do mundo. Há um recolhimento da utopia para um volta à memória, uma procura do presente no passado, a fim de saber o que poderá se projetar também no futuro, não se iludindo com o que não será, e, assim, longe de um ilusório “vão desenho” de si mesmo, pode-se amar o futuro. Para o poeta, a viagem pelo tempo empreende uma pergunta pelo que permanece no tempo. O po-

eta se põe em trânsito, mas não quer se apressar para não chegar despreparado, e se põe a ruminar o tempo. Ao resistir o tempo da vida que se esvai, obriga-se a conviver com o elemento mortal, implícito na própria vida. Não é ignorar a morte que permite à vida ser melhor vivida, mas também a admissão da morte é parte da vida. É importante “saber ser” e “não ser”, pois há momentos em que o “mundo não tem sentido” e momentos em que “tudo tem sentido”. A falta de sentido é devido à falta do amor que torna pesada a mais ínfima pena. É aí, portanto, que se deve empenhar a luta da paixão pela vida contra a apatia de não amar, a luta de *Eros* contra *Tanathos*.

**IHU On-Line - Que relação pode ser estabelecida entre transcendência e imanência na obra desse poeta?**

**Alex Villas Boas** - Para o poeta, só há transcendência na imanência como salto qualitativo do existir diante da

## “O poeta se põe em trânsito, mas não quer se apressar para não chegar despreparado, e se põe a ruminar o tempo”

“pedra” da impossibilidade. Aqui talvez seja o ponto mais próximo da poesia com a mística, de encontrar um Mistério em todas as coisas e que oferece sentido a todas elas. A teologia patrística entendia que a encarnação do Verbo era uma *comunicatio idioma-rum*, uma comunicação do modo de ser de Deus na pessoa de Jesus, de modo que Nele se podia enxergar Deus. A mística da poesia capta o “idioma de Deus” como inspirador de uma experiência de sentido. A mística re-vela Deus e o poeta esconde Deus para ser encontrado. A pesquisa em teologia e em literatura permite recuperar duas

grandes questões fundantes do cristianismo: a mistagogia como modo de conhecer a Deus pessoalmente e a consciência coletiva, de uma responsabilidade pelo mundo como “irmão de todos”.

Poesia é uma expressão externa do processo interno da reinvenção de si mesmo. Re-significar Deus é próprio da poesia humana. Re-significar a vida é próprio da poesia de Deus. Re-significar o mundo é próprio do encontro dessas duas poéticas. Poesia é capacidade de escuta dos apelos do coração e da realidade. Teologia é escuta da poesia de Deus que sabe escutar o coração humano. E a Teologia pode reconciliar-se com a Poesia, quando o sonho de ambas é o de uma nova humanidade. A poética ajuda a mística permanecer encarnada no tempo presente e a reinventá-lo. A mística ajuda a poesia permanecer escutando o Mistério, quando o sentido se esvai. É necessário saber voar, mas todo voo que não aterrissa não nos parece ser uma boa viagem.

12 DE SETEMBRO

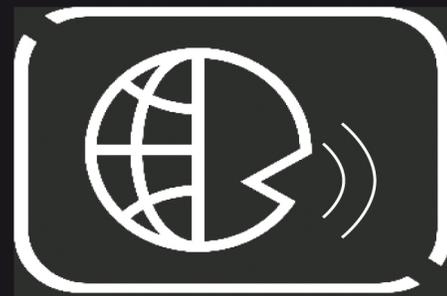
TÓPICOS ESPECIAIS II: GIORGIO AGAMBEN: “O HOMO SACER I, II, III . A

EXCEÇÃO JURÍDICA E O GOVERNO DA VIDA HUMANA”

O ESTADO DE EXCEÇÃO COMO PARADIGMA DE GOVERNO

PROF. DR. CASTOR BARTOLOMÉ RUIZ - UNISINOS

INFORMAÇÕES EM [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)



## O Paraíso é aqui! Ou o refúgio privilegiado de uma “gente diferenciada”

POR AUGUSTO DE SÁ OLIVEIRA\*

A Baía de Todos os Santos - BTS, a maior do litoral brasileiro, está inserida no Recôncavo baiano com aproximadamente 1.100 km<sup>2</sup> de superfície e 200 km de perímetro. Com seu conjunto de 35 ilhas e ilhotas, é também onde deságua o rio Paraguaçu, entre outros de menor importância. Sua orla ainda hoje é recoberta por densos manguezais e, outrora, seu entorno foi de densa Mata Atlântica. Integra ainda a Baía, o forte de Santo Antônio da Barra, na ponta do padrão (local conhecido pelo turismo carnavalesco como Farol da Barra), o forte do Mar ou São Marcelo, que se encontra dentro das águas e é o único de planta circular no país (onde esteve preso o líder farroupilha Bento Gonçalves, que de lá escapou com a colaboração baiana) e a ilha de Itaparica, a maior e mais importante da Baía. Berço da colonização lusa nas Américas, povoada por várias aldeias Tupinambá, antes que os portugueses aqui chegassem, em 1º de novembro de 1501 (dia de Todos os Santos), e

pensassem estar diante da “visão do Paraíso”, conforme a feliz expressão do historiador Sérgio Buarque de Holanda.

Embora já bastante degradada pela exploração capitalista a que está submetida, a Baía de Todos os Santos ainda conserva boa parte do patrimônio natural que deixou os portugueses extasiados. Se no passado sua ocupação se fez em torno dos ciclos econômicos do pau-brasil, cana de açúcar, pesca da baleia, produção de fumo, farinha de mandioca e indústria têxtil, no presente o território é responsável pela maior parte do PIB baiano, através da indústria petrolífera e petroquímica, possuindo o maior complexo petroquímico do Hemisfério Sul. Entretanto, toda a sua beleza natural e sua importância sócio-histórica não são suficientes para impedir que a Baía de Todos os Santos esteja a tornar-se um “paraíso” privado, apropriado com exclusividade por uma “gente diferenciada”, um grupo social res-

\* O autor é professor do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e Propaganda & Marketing, da Faculdade 2 de Julho (F2J/Bahia), membro do Cepos, mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, ambos da Universidade Federal da Bahia - UFBA. E-mail: <augusto.sa2009@yahoo.com.br>.

trito que pode ser qualificado como bandidos que “usam *black tie*”.

A Operação Alquimia, deflagrada em 18 estados pela Receita Federal, Polícia Federal e Ministério Público Federal contra um esquema de sonegação fiscal que desviou dos cofres públicos a importância em torno de 1 bilhão de reais, teve início em 2002. Em linhas gerais, tratava-se de um esquema em que empresas “legalmente” constituídas criavam empresas de fachada, com uso de “laranjas”, para importação e exportação de produtos químicos. As primeiras compravam matérias-primas junto às últimas, que, por sua vez, não recolhiam os impostos devidos. Quando efetivamente autuadas pela fiscalização do poder público, as empresas de fachada “quebravam”, o patrimônio delas “desaparecia” e a União e os estados ficavam com o prejuízo. A continuidade do “negócio” era mantida com a abertura de novas empresas de fachada. O resto são detalhes que a mídia oligopolista já divulgou.

Chama a atenção, entre os inúmeros bens que foram apreendidos como garantia de ressarcimento dos valores aos cofres públicos, uma ilha de 20 mil metros quadrados, avaliada em 15 milhões de reais, com várias casas de alto padrão de qualidade, lanchas, oito jet skis, triciclos e equipamentos como cais, piscina e quadra poliesportiva. Localização da ilha? Baía de Todos os Santos. Proprietário? De acordo com reportagem do jornal A Tarde, um empregado da Sasil, que pediu para

não ser identificado, confirmou que a ilha pertence ao empresário Paulo Sérgio Costa Pinto Cavalcanti.

Em 1990, naquela que ficou conhecida como a “tragédia de Santo Amaro” (a cidade da família Veloso, para os não baianos), no Recôncavo baiano, 16 pessoas morreram e 30 fi-

**“No presente o território é responsável pela maior parte do PIB baiano, através da indústria petrolífera e petroquímica, possuindo o maior complexo petroquímico do Hemisfério Sul”**

caram com sequelas graves (cegueira, entre outras), após ingerirem cachaça contaminada com metanol. Edivaldo Gomes Sales, o Sofia, comerciante distribuidor de cachaça no Recôncavo, adquiriu 19 bombonas de álcool etílico e recebeu entre elas uma de metanol, que, inadvertidamente, foi utilizada

na confecção da cachaça distribuída. O metanol, se ingerido, provoca a morte. Quem vendeu as 19 bombonas foi a empresa Sasil Ltda., a mesma da Operação Alquimia. O nome título da operação da Polícia Federal que alcança agora Paulo Cavalcanti, o qual ficou conhecido na Bahia como “Paulinho Metanol”, soaria cômico aos baianos, caso não houvesse uma tragédia por trás. O empresário foi um dos denunciados por homicídio culposo, embora não se tenha conhecimento de punição a qualquer dos envolvidos no caso. Permanece, sobretudo em Santo Amaro, o sentimento de indignação pela impunidade diante da tragédia.

Em 2007, a Operação Jaleco Branco, da Polícia Federal, criada para desarticular uma organização criminosa montada para fraudar licitações públicas, com prejuízo estimado aos cofres públicos em 630 milhões de reais, prendeu, entre outros, o ex-deputado e ex-presidente do Esporte Clube Bahia, Marcelo Guimarães. Na ocasião, a PF descobriu que o empresário era proprietário de uma ilha, avaliada por corretores em 6 milhões de reais, excluídas as benfeitorias: duas mansões, barco, cais, entre outros equipamentos. Para ela, o imóvel foi comprado com recursos obtidos pela organização criminosa. Localização da ilha? Baía de Todos os Santos.

Pela importância política, econômica e cultural que tem na história do Brasil, a Baía de Todos os Santos não pode se tornar um refúgio privilegiado para esta “gente diferenciada”!



## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 23-08-2011 a 26-08-2011.**

**Estatuto da diversidade sexual**

Entrevista especial com Maria Berenice Dias, presidente da Comissão da Diversidade Sexual - OAB

Confira nas Notícias do Dia de 23-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/pAYptl>

Segundo assinala a presidente da Comissão da Diversidade Sexual, “o Estatuto será um marco importante em termos de cidadania, em termos de democracia e em termos de igualdade”.

**João Goulart entre a memória e a história**

Entrevista especial com Marieta de Moraes Ferreira, historiadora e professora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro - IFCS/UFRJ

Confira nas Notícias do Dia de 24-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/nlZ0m2>

Conforme avalia a historiadora, “João Goulart estava longe de ser esse político incompetente, desastrado, incapaz de fazer avaliações adequadas sobre a conjuntura”.

**Campanha da legalidade e o processo de democracia**

Entrevista especial com João Trajano Sento-Sé, professor de História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Confira nas Notícias do Dia de 25-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/qrcVWn>

“Brizola foi uma das mais importantes e curiosas lideranças de massa no Brasil do século XX”, constata o professor de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

**Política Nacional de Resíduos Sólidos e a profissionalização dos catadores**

Entrevista Especial com Antonio Cechin, irmão marista, formado em Letras Clássicas e em Direito e ex-professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Confira nas Notícias do Dia de 26-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/rkaez3>

A Política Nacional de Resíduos Sólidos “determina que toda a cadeia de produção ligada aos Resíduos Sólidos deve pertencer de direito e de fato aos Coletivos de Trabalho organizados pelos catadores”, enfatiza o irmão marista, animador da luta dos catadores no Rio Grande do Sul.

### Seminário Observatórios, Metodologias e Impactos nas Políticas Públicas

**Paulo de Martino Januzzi - Secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Soci**

**Data: 27/9/2011**

**Informações em <http://migre.me/5uQ6N>**

## Destaques On-Line - 04-07 a 14-08-2011

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) no período de 04-07-2011 a 14-08-2011.

**Política industrial: “As questões centrais continuam in-tocáveis”**

Entrevista especial com Wilson Cano, economista e professor na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Confira nas Notícias do Dia de 05-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/plx8zU>

“O governo pode elaborar o plano mais inteligente que, obviamente, será inoperante porque quem rege as regras gerais da economia é a política macroeconômica, e não a industrial, a agrícola, a tributária”, afirma o economista.

**Paraísos fiscais: “A sonegação é um descompromisso com uma sociedade mais justa”**

Entrevista especial com Lucídio Bicalho, assessor político do Instituto de Estudos Socioeconômicos - Inesc, de Brasília

Confira nas Notícias do Dia de 08-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/oT8ZU1>

Segundo avalia o assessor político do Inesc, “os paraísos fiscais estimulam o crime ou - no mínimo - a dissimulação de empresas e pessoas ricas. Estimulam a sonegação de impostos e também são refúgios para o dinheiro de origem ilegal”.

**A democracia está sendo transformada pelas redes sociais**

Entrevista especial com Ronaldo Lemos, diretor do Creative Commons Brasil

Confira nas Notícias do Dia de 10-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/oTDrcQ>

“A tecnologia abre o caminho para o compartilhamento de responsabilidades pela tomada de decisões políticas”, assinala o diretor do Creative Commons Brasil.

# Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011

Data de início: 29 de agosto de 2011

Data de término: 07 de novembro de 2011

Informações em  
<http://migre.me/5uQ8c>



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

# Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

<b>Dia 29-8-2011</b>
<p>Evento: Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011 Palestrante: Dr. André Filipe Zago de Azevedo - Unisinos Tema: Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material Horário: 20 às 22h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Maiores informações: <a href="http://bit.ly/ndTF3S">http://bit.ly/ndTF3S</a></p>
<p>Evento: Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira Palestrante: Profa. Dra. Christa Berger - Unisinos Tema: Do rádio à internet: a legalidade e a mobilização popular hoje Horário: 20h Local: Auditório Central - Unisinos Maiores informações: <a href="http://bit.ly/mG3UrL">http://bit.ly/mG3UrL</a></p>
<p>Evento: Tópicos Especiais II: Giorgio Agamben: “O Homo sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana” Palestrante: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz - Unisinos Tema: Homo sacer Horário: 14h às 17h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Maiores informações: <a href="http://bit.ly/qQ7NQP">http://bit.ly/qQ7NQP</a></p>
<b>Dia 30-08-2011</b>
<p>Evento: Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira Palestrante: Profa. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado - UnB Tema: Apresentação da pesquisa “História e Memória de João Goulart” Horário: 9h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Maiores informações: <a href="http://bit.ly/mG3UrL">http://bit.ly/mG3UrL</a></p>
<p>Evento: IHU ideias - Agosto 2011 Palestrante: Profa. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado - UnB Tema: PTB: do getulismo ao reformismo (apresentação do livro) Horário: 17h30min às 19h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Maiores informações: <a href="http://bit.ly/oWxdQv">http://bit.ly/oWxdQv</a></p>
<p>Evento: Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira Palestrante: Profa. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado - UnB Tema: O catolicismo e a conjuntura do governo João Goulart: interações políticas e sociais Horário: 20h Local: Auditório Central - Unisinos Maiores informações: <a href="http://bit.ly/mG3UrL">http://bit.ly/mG3UrL</a></p>

## Homo sacer. O poder soberano e a vida nua

Conforme Castor Ruiz, a vida nua, expulsa da ordem pela exceção da vontade soberana, está condenada ao banimento. Tema será abordado em evento nesta segunda-feira, dia 29

POR CASTOR RUIZ

“O que homo sacer revela é a existência do soberano como figura essencial do direito ocidental e da sua ordem política. O soberano existe porque tem o poder de decretar a exceção do direito, ou seja, suspender o direito para decretar a existência da vida nua. Só um poder soberano, que esteja fora da ordem e acima do direito, tem o poder de decretar a suspensão do direito para os outros”. A afirmação é do filósofo Castor Ruiz, no artigo que escreveu especialmente à IHU On-Line, adiantando aspectos que irá abordar nesta segunda-feira, dia 29-08-2011, no evento Tópicos Especiais II: Giorgio Agamben: “O Homo Sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana”, cujo tema é Homo sacer. A programação completa pode ser conferida em <http://bit.ly/qQ7NQp>.

Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos, Castor Ruiz é graduado em Filosofia pela Universidade de Comillas, na Espanha, mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e doutor em Filosofia pela Universidade de Deusto, Espanha. É pós-doutor pelo Conselho Superior de Investigações Científicas. Escreveu inúmeras obras, das quais destacamos: *As encruzilhadas do humanismo. A subjetividade e alteridade ante os dilemas do poder ético* (Petrópolis: Vozes, 2006); *Propiedad o alteridad, un dilema de los derechos humanos* (Bilbao: Universidad de Deusto, 2006); *Os Labirintos do Poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação* (Porto Alegre: Escritos, 2004) e *Os paradoxos do imaginário* (São Leopoldo: Unisinos, 2003). Leia, ainda, o livro eletrônico do XI Simpósio Internacional IHU: o (des) governo biopolítico da vida humana, no qual Castor contribui com o artigo *A exceção jurídica na biopolítica moderna*, disponível em <http://bit.ly/a88wnF>. Confira o artigo.

A obra de Agamben<sup>1</sup> faz uma incur-são epistêmica no direito e na política pelo viés da vida humana. Ela tenta captar (e capturar) uma tensão muito pouco percebida pela qual o direito e

1 Giorgio Agamben (Roma, 1942) é um filósofo italiano, autor de várias obras, que percorrem temas que vão da [estética](#) à [política](#). Seus trabalhos mais conhecidos incluem sua investigação sobre os conceitos de [estado de exceção](#) e [homo sacer](#). Formado em [Direito](#), em 1965, com uma tese sobre o pensamento político de [Simone Weil](#), participou dos seminários promovidos por [Martin Heidegger](#), no fim dos [anos 1960](#). Em 1974, transferiu-se para Paris, onde ensinou na Universidade de Rennes 2 - Haute Bretagne. No ano seguinte, trabalhou em [Londres](#). Entre 1986 e 1993 dirigiu o [Collège international de philosophie](#) em Paris. De 1988 a 2003 ensinou nas universidades de [Macerata](#) e de [Verona](#). De 2003 a 2009 lecionou [Estética](#) e [Filosofia](#), no [Instituto Universitário de Arquitetura](#) (IUAV) de [Veneza](#). Em seguida, decidiu abandonar a atividade de ensino nas universidades italianas. A sua produção se concentra nas relações entre a filosofia, a literatura, a poesia e, fundamentalmente, a política. (Nota da IHU On-Line)

a política ocidentais existem correlacionadas com a captura da vida humana. Neste ponto, Agamben dissente de Foucault<sup>2</sup> ao afirmar que a biopolítica não é uma característica da modernidade, mas algo inerente à política ocidental desde suas origens. Embora

2 Michel Foucault (15 de outubro de 1926/25 de junho de 1984) foi um importante filósofo e professor da cátedra de [História](#) dos Sistemas de Pensamento no [Collège de France](#) desde 1970 a 1984. Todo o seu trabalho foi desenvolvido em uma arqueologia do saber filosófico, da experiência literária e da análise do discurso. Seu trabalho também se concentrou sobre a relação entre poder e governamentalidade, e das práticas de subjetivação. Foucault é amplamente conhecido pelas suas críticas às instituições sociais, especialmente à [psiquiatria](#), à medicina, às prisões e da evolução da história da sexualidade, as suas teorias gerais relativas à energia e à complexa relação entre poder e conhecimento. Parece então que mais do que em análises da “identidade”, por definição, estáticas e objetivadas, Foucault centra-se na “vida” e nos diferentes processos de subjetivação. (Nota da IHU On-Line)

concorda com Foucault que a modernidade expandiu a biopolítica de forma capilar ao tentar governar de forma útil e produtiva, objetivando-a para tanto como um mero recurso natural.

Agamben afirma esta tese tomando como referência uma figura arcaica do direito romano, *homo sacer*. O *homo sacer* era uma figura jurídico-política pela qual uma pessoa, ao ser proclamada *sacer*, era legalmente excluída do direito (e conseqüentemente da política da cidade). Tal condição de *sacer* impedia que ela pudesse ser legalmente morta (sacrificada), porém qualquer um poderia matá-la sem que a lei o culpasse por isso. O *homo sacer* é a vida abandonada pelo direito. É o

que Walter Benjamin<sup>3</sup> denominou de pura vida nua.

A particularidade do *homo sacer* é que ele é incluído pela exclusão e excluído de forma inclusiva. Esta figura paradoxal captura a vida humana pela exclusão ao mesmo tempo em que a inclui pelo abandono. É uma vida matável por estar fora do direito, mas por isso mesmo ela não pode ser condenada juridicamente. Está exposta à vulnerabilidade da violência por ser desprovida de qualquer direito, sendo que tal vulnerabilidade se deriva de um ato de direito que a excluiu.

O *homo sacer* é um conceito-limite do direito romano que delimita o limiar da ordem social e da vida humana. Nele transparece a correlação entre a sacralidade e a soberania. Ambas são estruturas originárias do poder político e jurídico ocidentais porque revelam os dois personagens que estão fora e acima da ordem: o *homo sacer* e o soberano. O *homo sacer* não só mostra a fragilidade da vida humana abandonada pelo direito, mas também, e mais importante, revela a existência de uma vontade soberana capaz de suspender a ordem e o direito. Tal poder só poder ser exercido desde fora da ordem e além do direito. O que *homo sacer* revela é a existência do soberano como figura essencial do direito ocidental e da sua ordem política. O soberano existe porque tem o poder de decretar a exceção do direito, ou seja, suspender o direito para decretar a existência da

vida nua. Só um poder soberano, que esteja fora da ordem e acima do direito, tem o poder de decretar a suspensão do direito para os outros.

Haveria uma coimplicação originária entre a sacralidade da vida e o poder soberano. Esta coimplicação vai além da origem religiosa de nossas sociedades (do direito e da política), que é inquestionável e muito pouco levada em conta nas nossas sociedades secularizadas. Tal coimplicação manifesta uma cumplicidade persistente entre a exceção soberana e a vida humana. A vida humana é capturada dentro da ordem na medida em que está presa à figura da exceção. Ou seja, a vida humana existe dentro do direito sempre com a ameaça potencial de ser decretada vida nua. A vontade soberana, que tem o poder de decretar a exceção, continua sendo constitutiva da ordem moderna, inclusive do Estado de direito. Tal prerrogativa coloca a vida humana, todas as vidas humanas, sobre a potencial ameaça da exceção. Isso quer dizer que, se por qualquer circunstância, uma pessoa ou um grupo populacional representasse uma ameaça, real ou suposta, para a ordem, eles poderão sofrer a suspensão parcial ou total dos direitos para melhor controle de suas vidas. A política da exceção jurídica foi e continua sendo amplamente utilizada pelo direito para controlar os grupos sociais perigosos para a ordem. A questão é quem tem o poder de decidir quem é perigoso e porque é perigoso. Quem tem poder de decidir a periculosidade de uma vida para a ordem é a vontade soberana. Já que qualquer um pode ser perigoso para a decisão soberana, por qualquer motivo por ela determinado, todos os seres humanos têm sobre si a possibilidade de que lhes seja decretada a exceção, e como tal reduzidos à condição de *homo sacer*.

A vida nua, expulsa da ordem pela exceção da vontade soberana está condenada ao banimento. Ela é uma vida banida e, como consequência, uma vida bandida. A consequência da exceção sobre a vida é o banimento. A vida banida da ordem se torna uma vida bandida. O bando, que também é uma figura jurídica do banimento, se transforma socialmente numa vida ba-

nida. Os banidos são bandidos porque foram expulsos da ordem e sobre eles se decretou uma exclusão inclusiva que os tornou vida nua.

### Caim e o *homo sacer*

Soberano é o que tem poder de vida e morte. A fórmula que identificava o poder soberano por excelência, a do *pater familias, vitae necisque potestas* (poder de vida e morte) é o paradigma da soberania política ocidental. Ele manifesta a implicação da vida nua na ordem soberana. A soberania existe pelo poder que tem sobre a vida nua. Logo toda vida humana incorporada na ordem política existe numa relação de inclusão excludente, pela qual é incluída pelo direito mas poderá ser excluída pela exceção decretada pela vontade soberana. Uma vez que a vontade soberana não pode ser eliminada da ordem social, já que esta se origina daquela, nem o Estado de direito é garantia plena da abolição da vontade soberana, o direito protege a vida parcialmente, pois a cuida ameaçando-a. Nenhuma vida humana está livre da exceção, exceto a vontade soberana, que já é uma exceção soberana. Todas as vidas, em caso de emergência ou necessidade, estão vulneráveis ao estado de exceção. Nessa condição se manifesta a essência constitutiva do direito e da ordem, o poder soberano, e sua violência.

O *homo sacer* do direito romano revela a correlação que une a vontade soberana com a ordem social e a forma como a vida humana é capturada dentro da ordem. A vida humana é sacra entanto está presa à exceção soberana. Tal relação torna a vida intrinsecamente frágil e permanentemente vulnerável. O paradoxal é que tal ameaça provenha daquele que a protege, o direito e a ordem, uma vez que na origem de ambos permanece latente a vontade soberana.

Embora Agamben não faça referência, podemos destacar a emblemática condição da figura de Caim como *homo sacer*. Uma narrativa sagrada que retrata muitos dos elementos político-teológicos do *homo sacer*. A narrativa expõe a tensão que conecta a vida humana com a vontade soberana, neste caso

<sup>3</sup> Walter Benedix Schönflies Benjamin (15 de julho de 1892/27 de setembro de 1940) foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Georg Lukács e Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gerschom Scholem. Conhecido profundo da língua e cultura francesas, traduziu para alemão importantes obras como Quadros Parisienses de Charles Baudelaire e Em Busca do Tempo Perdido de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, contam-se A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica (1936), Teses Sobre o Conceito de História (1940) e a monumental e inacabada Paris, Capital do século XIX, enquanto A Tarefa do Tradutor constitui referência incontornável dos estudos literários. (Nota da IHU On-Line)

divina. Deus é a figura da soberania por excelência: só ele pode ter o poder, a potência efetiva de criar a vida. Daí que toda vontade soberana tenda a incorporar uma forma de poder divino sobre a ordem social. Caim, após matar seu irmão, foi amaldiçoado, sofreu o banimento divino: “agora, és maldito e expulso do solo fértil que abriu a boca para receber de tua mão o sangue do teu irmão” (Gen 4,10). Nele opera o dispositivo da soberania sobre a vida que só Deus tem, mas que a vontade da soberania política também reclama para si. Porém, no caso de Caim, a exceção que o torna banido é decorrente de ter derramado o sangue do irmão. Ele, ao matar o irmão, assumiu para si o poder sobre a vida do outro. Poderíamos dizer que Deus decreta sobre ele uma exceção da exceção, o banimento da soberania, a exclusão inclusiva de toda violência fratricida que opera como vontade soberana contra a vida do outro. Caim, que agiu com a violência do soberano ao condenar seu irmão à morte, colocou-se como tal fora da relação ética da lei, impôs a violência como nova ordem.

Na realidade, o banimento divino dá sequência à decisão soberana já tomada por Caim de colocar-se acima da vida humana. Já que soberano e *homo sacer* estão, por razões opostas acima e fora da lei, Caim ao agir com violência soberana se colocou de fato como soberano da vida acima da lei, neste caso divina. Só que a lei divina é essencialmente ética, não está referida à ordem mas existe na defesa da vida. A lei divina não defende um direito, mas anula a necessidade de qualquer direito, uma vez que se confunde com a ética. Uma ética que dispensa o direito. Nessas circunstâncias Deus o condena a Caim a experimentar

as consequências da vontade soberana que ele decretou, ou seja, a condição de ser *homo sacer*.

Ainda, a narrativa de Caim tem um outro giro inesperado e contraditório para a vontade soberana do direito e a política. Conta a narrativa que Caim tomou consciência de sua culpa, reconheceu sua condição de banimento. O que está retratado exemplarmente no texto quando Caim diz: “Vê, hoje tu me banes do solo fértil, terei de ocultar-me longe de tua face e serei um errante fugitivo sobre a terra: mas o primeiro que me encontrar me matará” (Gen 4,14). Quase todos os componentes do *homo sacer* estão neste versículo. Porém a resposta de Deus a esta nova condição de Caim, a de um soberano banido e arrependido, inverte a lógica da soberania sobre a vida banida, que a inclui pela exclusão. Em vez de manter as consequências do banimento e da exceção sobre Caim, ou seja, a matabilidade de sua vida sem consequências legais ou teológicas, Deus decreta: “Quem matar a Caim será vingado sete vezes. E Deus colocou um sinal sobre Caim a fim de que não fosse morto por quem o encontrasse” (Gen 4,15). Deus decide proteger a vida banida que renunciou a agir com vontade soberana sobre a vida dos outros. Estamos perante uma espécie de nova forma de ordem da vida. Caim, que foi banido por agir com violência soberana, é protegido pela mesma soberania divina que o banuiu. Tem um sinal próprio que protege sua vida. É uma segunda exceção da exceção. Uma exclusão das consequências nefastas do banimento sobre a vida humana de quem renunciou a agir como soberano dos outros. Uma espécie de suspensão da vulnerabilidade da vida humana inerente ao banimen-

to e à exceção. A vontade divina, que é soberana sobre a vida por definição, protege esta em todas as circunstâncias. Protege contra os soberanos que a ameaçam; por isso decretou o banimento de Caim como soberano da violência, mas também protege a vida dos banidos que decidem abandonar sua condição de soberanos dos outros.

Há uma relação explícita e estreita entre a vida humana e a soberania divina, só que ela inverte a lógica da soberania política. Esta protege ameaçando pela exclusão-inclusiva da vida humana, já que a vida dos outros pode se tornar uma ameaça para a ordem. A soberania divina não se sente ameaçada pela vida humana, mas defende a vida humana de todas as ameaças possíveis, inclusive as do soberano. Em ambas soberanias há um vínculo estreito que as conecta com a sacralidade da vida, vínculo amplamente destacado por Agamben. A sacralidade da vontade soberana é decretada para obter o poder de banir as vidas indesejáveis. Porém a sacralidade decretada pela vontade divina é para proteger a vida em todas as circunstâncias possíveis. O *homo sacer* se torna frágil e vulnerável perante a vontade do soberano, porém sua sacralidade garante a defesa de sua vida perante a vontade Divina.

#### LEIA MAIS...

Castor Ruiz já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

- Esquecer a violência: uma segunda injustiça às vítimas; Entrevista especial com Castor Ruiz. Disponível em: <http://migre.me/5A368>.
- Alteridade, dimensão primeira do sujeito. Disponível em: <http://migre.me/5A3cx>.
- A exceção jurídica na biopolítica moderna. Disponível em: <http://migre.me/5A3fp>.

ACESSE A ENTREVISTA DO DIA EM

WWW.IHU.UNISINOS.BR

## Nacionalismo e antiamericanismo: a legalidade e a política externa norte-americana

Na visão de Carla Simone Rodeghero, o principal desdobramento da legalidade é a posse de Jango, que não acontece da forma como seria esperada por Brizola e por aqueles que apoiaram a campanha

POR GRAZIELA WOLFART

Entre vários desdobramentos oriundos da Campanha da Legalidade, em 1961, um deles, segundo a professora Carla Simone Rodeghero, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, é o fato de que “as forças que garantiram a posse do Jango sentiram que tinham a possibilidade de interferir na política nacional. Isso trouxe uma sensação de vitória e essa vitória criava a expectativa de novas conquistas”. Para ela, a Legalidade ajudou a criar uma consciência política no período de 1961 a 1964 e ficou para muitas pessoas que participaram e assistiram como um marco na percepção sobre o mundo. Na entrevista que concedeu por telefone para a **IHU On-Line**, Carla considera a Campanha da Legalidade como “um exemplo de participação política, de sucesso de iniciativa política, que marcou muito aqueles que tiveram atuação política entre 1961 e 1964”. E completa: “para o Rio Grande do Sul, o movimento da legalidade aparece como um momento importante para a constituição de uma consciência política, até para essa ideia de que o Rio Grande do Sul é um estado bastante politizado, para essa imagem que os gaúchos criaram de si”.

Doutora em História, Carla Simone Rodeghero é professora do Departamento e da Pós-Graduação em História da UFRGS. É autora dos livros *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)* (Passo Fundo: Ediupf, 1998) e *Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob o olhar norte-americano (1945-1964)* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007). Tem desenvolvido e orientado pesquisas sobre anticomunismo, ditadura, anistia, memória e história oral. Ela estará na Unisinos participando do Seminário **50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira**, promovido pelo IHU no próximo dia 1º de setembro de 2011. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como a senhora define a política diplomática norte-americana no contexto da Campanha da Legalidade?**

**Carla Simone Rodeghero** - No momento em que acontece o movimento da legalidade, os Estados Unidos estavam inaugurando uma nova política para a América Latina, a Aliança para o Progresso. Tratava-se de uma resposta à Revolução Cubana<sup>1</sup>, marcada pela lógica de que a propagação da revolução na América Latina poderia ser barrada

por ampla ajuda econômica, que mostrasse que a democracia (e, não dito, o capitalismo) poderia garantir crescimento econômico e melhores condições de vida. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos vinham investindo no reerguimento econômico da Europa e países como o Brasil tinham dificuldade em conseguir recursos de programas de governo para governo. Havia, sim, a pressão para que se criassem canais para a entrada de capitais privados norte-americanos, o que foi mais dificultado em alguns momentos (como no segundo governo Vargas) e mais facilitado em outros (durante o governo JK<sup>2</sup>). Sobre

a política externa norte-americana, é preciso dizer ainda que ela era marcada fortemente pelo anticomunismo. Depois de 1959, com Cuba, o olhar norte-americano se dirige com muito mais atenção à sua vizinhança.

**IHU On-Line - Qual a influência norte-americana nos rumos políticos brasileiros a partir do contexto da legalidade e da posse de Jango?**

**Carla Simone Rodeghero** - Realizei uma pesquisa com documentos de

<sup>1</sup> **Revolução cubana:** movimento popular que consistiu na derrubada do governo de Fulgencio Batista pelo movimento de 26 de Julho e o estabelecimento de um novo governo liderado por Fidel Castro, no início de 1959, durante o período da Guerra Fria. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Juscelino Kubitschek de Oliveira** (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido

como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11--2005, A imaginação no poder. JK, 50 anos depois, disponível para download em <http://migre.me/qkeQ>. (Nota da IHU On-Line)

agências diplomáticas norte-americanas que funcionaram no Brasil, onde analisei como os norte-americanos avaliavam as campanhas anticomunistas em curso no Brasil entre 1945 e 1964. Acompanhando esse tema, foi possível perceber a preocupação que os norte-americanos tinham em relação a certas características da política brasileira. Uma delas era a forte presença do Estado na economia. Em muitos momentos fica explícito como os norte-americanos consideravam isso prejudicial para a economia e o desenvolvimento do Brasil, bem como o fato de que não se abriam os mercados, não se criavam as facilidades para que os capitais estrangeiros, no caso os capitais norte-americanos, aqui estivessem presentes. Ainda em 1945, último ano do Estado Novo<sup>3</sup>, e depois no segundo governo Vargas<sup>4</sup>, havia uma dificuldade de entender e aceitar que essa presença do Estado na economia pudesse ser positiva para o Brasil. E isso acabava também sendo visto de

3 O Estado Novo foi um período autoritário da história do Brasil, que durou de 1937 a 1945. Foi instaurado por um golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, tendo a apoiá-lo importantes lideranças políticas e militares. (Nota da IHU On-Line)

4 **Getúlio Dornelles Vargas** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio o IHU promoveu o Seminário Nacional A Era Vargas em Questão - 1954-2004, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios, no Espaço Cultural do IHU. A revista IHU On-Line publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16-08-2004, intitulada A Era Vargas em Questão - 1954-2004, disponível em <http://migre.me/QYAi>, e a edição 112, de 23-08-2004, chamada Getúlio, disponível em <http://migre.me/QYBn>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://migre.me/QYCb>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU Ideias Getúlio, 50 anos depois. O evento gerou a publicação do número 30 dos Cadernos IHU Ideias, chamado Getúlio, romance ou biografia?, também de autoria de Juremir, disponível em <http://migre.me/QYDR>. Vale destacar o Caderno IHU em formação número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola, disponível em <http://migre.me/QYEE>. (Nota da IHU On-Line)

forma negativa pelo fato de que, muitas vezes, a bandeira do nacionalismo era entendida pelos norte-americanos como muito próxima da bandeira do comunismo. Então, acabavam se mesclando “perigos” que os norte-americanos viam em termos de política com as preocupações econômicas. Esses políticos que são herdeiros do getulismo, como foi o caso de Jango e Brizola, carregam - a partir do olhar norte-americano - esses “defeitos” que foram construídos pelo getulismo. Entre esses “defeitos” estão a questão da forte presença do Estado na economia e uma certa tolerância em relação às organizações trabalhistas e sindicais. Essa tolerância faria com que os agitadores comunistas pudessem ter mais espaço de atuação. Quando ocorre o movimento da legalidade e a posse do Jango<sup>5</sup>, os norte-americanos não vão se colocar explicitamente contra a posse, porque é difícil na posição em que estão se colocar contra algo que está na Constituição. No entanto, eles têm muitas desconfianças em relação ao Jango e ao rumo que ele iria dar para seu governo. Esse rumo poderia ser (e o medo era esse) a radicalização daquelas tendências que já vinham do governo de Getúlio Vargas. As desconfianças que Jango herda são extremadas na sua pessoa, e foram manifestadas por aqueles que encabeçaram a tentativa de impedimento da sua posse. Eles consideravam inviável a posse de Jango, pois ele tinha uma história de aproximação com os trabalhadores, uma história de tolerância em relação às manifestações, às greves, à participação de sindicalistas do partido comunista.

#### IHU On-Line - Qual o papel dos militares enquanto atores políticos du-

5 **João Belchior Marques Goulart** (1918-1976): presidente do Brasil de 1961 a 1964. Seu mandato foi marcado pelo confronto entre diferentes políticas econômicas para o país, conflitos sociais, greves urbanas e rurais. Seu governo é usualmente dividido em duas fases: Fase Parlamentarista (da posse em 1961 a janeiro de 1963) e a Fase Presidencialista (de janeiro de 1963 ao Golpe em 1964). Confira nas Notícias do Dia 27-08-2007, do site do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), a entrevista João Goulart e um projeto de nação interrompido, realizada com o historiador Oswaldo Munteal, disponível em <http://migre.me/4rmJ8>. (Nota da IHU On-Line)

#### rante a Campanha da Legalidade?

**Carla Simone Rodeghero** - Se houve, desde o momento em que Vargas assume o poder, em 1930, e ao longo do Estado Novo, um forte apoio militar a ele e à ditadura do próprio Estado Novo, esse apoio começa a diminuir no ano de 1945, com toda a campanha pelo fim deste Estado e com a aproximação mais efetiva de Vargas com os trabalhadores a partir da criação do Partido Trabalhista Brasileiro e do apoio que Vargas recebeu do Partido Comunista. A partir de 1945, começa a ficar bem clara a divisão entre militares: os que veem de forma positiva esse projeto nacionalista e trabalhista de Vargas, e outros que começam a considerar essa aproximação com os trabalhadores e com o comunismo uma coisa negativa. Vão se construindo diferentes grupos políticos entre os militares. A política está entre as forças armadas desde muito antes do golpe. Entre esses militares teremos os pró-Vargas e os contrários a ele. Aqueles contrários a Vargas vão ser próximos do principal partido de oposição, que é a UDN<sup>6</sup> e vão se revoltar em vários momentos; tentarão impedir a posse do JK, e alguns deles irão organizar rebeliões durante o governo de Juscelino e outros, ocupando esse postos nos ministérios militares do governo Jânio, vão tentar impedir a posse deste último. Só que além desses militares, que geralmente são oficiais da alta hierarquia, toda a discussão em torno do projeto de desenvolvimento, da criação da Petrobras, em 1954, vai fazendo com que setores subalternos das forças armadas comecem a se interessar por política e comecem a fazer com que aquelas divisões entre oficiais e subalternos, entre a alta e a baixa hierarquia dentro das forças armadas, comecem a ganhar uma dimensão mais política e não só corporativa. Em 1961, teremos um protagonismo importante de cabos e de sargentos que vão decidir pelo apoio à Constituição. Ou seja, a Constituição diz que o vice-presidente ocupa o lugar do presidente nesses

6 **UDN**: União Democrática Nacional. Foi um partido político fundado no dia 7 de abril de 1945, reunindo diversas correntes que, nos anos anteriores, haviam-se colocado em oposição à ditadura do Estado Novo. (Nota da IHU On-Line)

casos e a Constituição deve ser cumprida. Esses militares subalternos não tomam por acaso essa iniciativa em 1961 em Porto Alegre. Essa iniciativa é resultado de um processo de discussão política que já acontecia dentro das forças armadas e que não atingia esses subalternos, que sempre se sentiram muito desprezados, desvalorizados, e aos poucos começaram a perceber que a sua atuação tinha que ser também política, no âmbito do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e que poderiam, a partir dessa participação, mudar a sua condição como membros das forças armadas.

### **IHU On-Line - Quais os principais desdobramentos ou marcas políticas que o movimento da legalidade deixa no Brasil?**

**Carla Simone Rodeghero** - Os fatos que são conhecidos como movimento da legalidade são as respostas dadas a partir do Rio Grande do Sul, do governador Brizola, à tentativa de impedimento da volta e da posse de João Goulart. Houve muitas facetas nos acontecimentos que marcaram essas duas semanas que foram o movimento da legalidade. A principal faceta é a liderança de Leonel Brizola e da mobilização bastante eficaz que ele inicia e que tem a dimensão da rede da legalidade, das emissoras de rádio que passaram a divulgar os discursos do governador - sempre muito inflamados - em defesa da volta de Jango e em defesa de várias outras bandeiras que faziam parte desse projeto nacionalista, trabalhista, getulista. Uma das outras facetas é a preparação militar em torno do Palácio Piratini e a importância que nessa preparação militar tiveram esses oficiais da Brigada Militar e militares subalternos, tanto da Brigada como das forças armadas e quartéis do Exército, e também de unidades da Aeronáutica. Aí temos a questão da ordem de que o Piratini fosse bombardeado e do protagonismo dos sargentos que, em Canoas, desmontaram as bombas, esvaziaram os pneus dos aviões, impedindo que decolassem. Junto com isso, temos a mobilização popular, porque muitas pessoas passaram a se dirigir às imediações do Palácio Piratini, com cartazes e faixas de apoio à

posse do Jango, à iniciativa de Brizola. Isso também revela que existem setores dentro da sociedade gaúcha que são solidários à proposta do Brizola. Naquele momento, a população na rua foi sensibilizada e conquistada pelo discurso em prol da legalidade. O fato de que Brizola já tinha sido prefeito de Porto Alegre e que já estava, havia alguns anos, como governador do estado facilitou para que ele conseguisse capitalizar apoios conquistados a partir de diversas iniciativas. Por exemplo, Brizola se destacou muito em relação a tudo o que fez pela educação.

**“Naquela época não havia nenhuma liderança com a disposição e com a visibilidade que tinha o Brizola, que pudesse ser escolhido como um líder”**

O principal desdobramento da legalidade, então, é a posse do Jango, que não acontece da forma como seria esperada por Brizola e por aqueles que apoiaram a campanha, já que é uma posse sob o regime parlamentarista, na intenção de diminuir os poderes de João Goulart. Jango aceita o parlamentarismo, como indício de que talvez estivesse mais disposto a negociar do que o próprio Brizola, e se inicia um governo com base na desconfiança, na oposição, tendo que provar que não é o que se imagina que seja. O governo de Jango, para se sustentar e sobreviver dentro do regime que foi imposto, precisava conciliar forças. Por outro lado, aquelas forças que garantiram a posse do Jango sentiram que tinham a possibilidade de interferir na política nacional. Isso trouxe uma sensação de vitória e essa vitória criava a expectativa de novas conquistas.

Outro grande desdobramento do movimento da legalidade é o distanciamento da posição que Jango e Brizola assumem. Logo depois, em novembro de 1962, Brizola será eleito deputado federal pela Guanabara, o estado politicamente mais importante do Brasil naquele momento. E ele se coloca no centro das discussões políticas nacionais. Com isso, os norte-americanos se questionavam, com preocupação, até que ponto a política radical de Brizola estaria conduzindo o governo de Jango. Às vezes eles diziam que Jango era um cara muito fraco, pressionado por Brizola e utilizado pelos comunistas. E, de alguma maneira, ele poderia dar um “golpe branco”, visando mudar a Constituição e garantir sua reeleição e sua permanência no poder. Era algo paradoxal. Em alguns momentos, ele era visto como sendo muito esperto, porque iria conseguir utilizar o apoio de Brizola e dos comunistas para permanecer no poder; e, em outros momentos, ele aparecia como muito fraco, como alguém que estava no poder, fazendo, sem se dar conta, aqueles planos do Brizola e dos comunistas.

### **IHU On-Line - Como compreender que os brigadianos engajados na Campanha da Legalidade viam em Brizola a figura de um líder? Que características de Brizola o constituíam como um líder para esses militares?**

**Carla Simone Rodeghero** - Como a Campanha da Legalidade teve uma dimensão de preparação armada, isso fez com que os brigadianos ficassem muito próximos do Brizola. Eles eram indispensáveis à conquista do que Brizola estava pensando. Talvez a impetuosidade e o carisma de Brizola de propor muitas vezes aquilo que estava longe do alcance tivessem conquistado esses brigadianos. O fato de que Brizola assume como deputado, e não mais num cargo do poder Executivo, é algo que cria mais facilidades para que se expressem e proponham certas coisas. Naquela época não havia nenhuma liderança com a disposição e com a visibilidade que tinha o Brizola, que pudesse ser escolhido como um líder.

**IHU On-Line - Considera a legalidade**

como uma campanha nacionalista?

**Carla Simone Rodeghero** - Sim, por ser uma campanha que defende a posse de um presidente herdeiro de um projeto nacionalista que foi iniciado por Getúlio Vargas.

**IHU On-Line** - Em que medida a Campanha da Legalidade contribui para a constituição e consolidação da democracia no Brasil?

**Carla Simone Rodeghero** - Muita gente fala mal da democracia que tivemos entre 1945 e 1964, que teria sido marcada pelo populismo, pela demagogia, e essa foi uma interpretação muito forte quando aconteceu o golpe e não houve resistência nenhuma. Esses 19 anos talvez tenham sido a primeira experiência de democracia com livre funcionamento dos partidos, da imprensa, do Congresso Nacional, das assembleias legislativas. Construiu-se um mito em torno da Campanha da Legalidade, principalmente a partir de 1979, quando Brizola volta. Temo que as comemorações oficiais do cinquentenário da legalidade simplesmente retomem esse mito, acriticamente.

**IHU On-Line** - Podemos afirmar que o movimento da legalidade ajudou a formar uma consciência política no Brasil? O que resta disso ainda hoje?

**Carla Simone Rodeghero** - A legalidade ajudou a criar uma consciência política no período de 1961 a 1964 e ficou para muitas pessoas que participaram e assistiram como um marco na percepção sobre o mundo. É um exemplo de participação, de sucesso de iniciativa política, que marcou muito aqueles que atuaram entre 1961 e 1964. Deste ano em diante, teremos quase que uma proibição de tocar no assunto e de se referir de forma positiva a essas lideranças e a esse evento que foi a Campanha da Legalidade. Para o Rio Grande do Sul, este movimento aparece como um período importante para a constituição de uma consciência política, e até para essa ideia de que o Rio Grande do Sul é um estado bastante politizado, para essa imagem que os gaúchos criaram de si.

## O Jango da memória e o Jango da História

Lucília de Almeida Neves Delgado considera que o Jango da memória, que inclui o esquecimento, é apresentado como um político píffio, incompetente e demagogo. Já o Jango da História é um político que apresenta uma trajetória consistente, que incluiu vitórias eleitorais expressivas e a participação em cargos

POR GRAZIELA WOLFART

**A**o refletir sobre o episódio da legalidade, é impossível não falar de João Goulart, personagem central do episódio ao lado de Brizola. O ex-presidente é o tema principal da entrevista concedida por e-mail pela professora Lucília de Almeida Neves Delgado, da UnB. Para ela, “Jango foi herdeiro direto de Getúlio Vargas, mas em muitos aspectos diferenciou-se do velho estadista, que paradoxalmente foi também um ditador. Jango bebeu nas águas do getulismo, mas criou sua própria marca, de um trabalhismo mais moderno e arrojado. Penso que ainda precisamos fazer jus à sua memória e à sua trajetória, não de uma forma ufanista e inconsequente, mas sim reconhecendo seus limites e suas qualidades de homem público”. Lucília também fala sobre o PTB, e o coloca como “filho do getulismo, mas um filho que ganhou autonomia de voo à medida que foi se consolidando como partido. O PTB jamais deixou de ser getulista, mas passou a ser mais do que somente getulista. Com o tempo ficou mais trabalhista do que getulista”.

Lucília de Almeida Neves Delgado é professora dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade de Brasília - UNB. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorado em Ciências Humanas/Ciência Política pela Universidade de São Paulo. É autora de, entre outros, *Comando Geral dos trabalhadores no Brasil (1961-1964)* (Petrópolis: Vozes, 1986); e *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)* (São Paulo: Marco Zero, 1989). Lucília estará na Unisinos participando do **Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira**, promovido pelo IHU amanhã, dia 30 de agosto de 2011. Confira a entrevista.

**IHU On-Line** - Como ficou desenhada a figura política de João Goulart na memória e no imaginário social brasileiro?

**Lucília de Almeida Neves Delgado** - Infelizmente, João Goulart, que foi um dos maiores líderes trabalhistas do Brasil, é um grande injustiçado pela História. Deposto por um golpe

político em 1964, teve sua memória estigmatizada e desqualificada pelos militares, que precisavam justificar o rompimento da ordem democrática e sua ascensão ao poder político da nação brasileira por uma via não constitucional e não democrática. Após o golpe de 1964, toda política oficial em relação a João Goulart teve duas

orientações: desqualificação e urdidura do esquecimento. Os jornais, sob censura, foram relegando notícias sobre Goulart a um segundo plano. Parte da intelectualidade de esquerda, com base na teoria do populismo, também considerou Jango um político ou inexpressivo ou pouco competente e, finalmente, segmentos de esquerda que atuaram na luta pela democratização do país, a partir do final da década de 1970, também desconsideraram a importância de Goulart na política brasileira, pois queriam ser identificados como os melhores e talvez os únicos representantes da esquerda na História do Brasil. Só recentemente passamos a verificar um esforço por parte de historiadores e outros intelectuais no sentido de reavaliar a presença de Jango na História do Brasil e de reconsiderar sua importante contribuição como líder trabalhista brasileiro. A mais recente publicação que reavalia a trajetória política de Goulart é a alentada e bem fundamentada biografia escrita por Jorge Ferreira, intitulada: *João Goulart. Uma biografia*. Trata-se de um livro denso, pioneiro como biografia do ex-presidente e muito consistente nas análises que apresenta. Considero também, que o livro de minha autoria, escrito em 1989 e agora lançado em segunda edição pela LTr, também faz jus à importância de Goulart como líder político trabalhista que abraçou a causa do reformismo social.

**IHU On-Line - Existem diferenças entre o Jango da memória e o Jango da História?**

**Lucília de Almeida Neves Delgado** - Claro que sim. O Jango da memória que inclui o esquecimento é apresentado como um político pífilo, incompetente e demagogo. O Jango da História é um político que apresenta uma trajetória consistente, que incluiu vitórias eleitorais expressivas e a participação em cargos como deputado estadual, deputado federal, Ministro do Trabalho, vice-presidente da República, por duas vezes, e, por fim, presidente do Brasil. Além disso, foi presidente do PTB, partido ao qual foi filiado desde tenra idade. Sua coerência como político trabalhista, preocupado com causas sociais, reformistas e nacionalistas,

## “Infelizmente, João Goulart, que foi um dos maiores líderes trabalhistas do Brasil, é um grande injustiçado pela História”

é um marco importante de sua trajetória. Como presidente da República, Goulart governou sob a égide de uma crise institucional profunda. Mesmo assim, fez um governo de importantes realizações. Só a título de registro, podemos lembrar da criação da Eletrobrás, da aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural, da Lei do Décimo Terceiro Salário e da fundação da Universidade de Brasília. Além disso, cabe também registrar a orientação de sua política externa não alinhada, o que era uma ousadia, no tempo da Guerra Fria.

**IHU On-Line - Na trajetória histórica e política do PTB, quais os principais acontecimentos que pontuam o caminho do getulismo ao reformismo?**

**Lucília de Almeida Neves Delgado** - O Partido Trabalhista Brasileiro nasceu ao final do Estado Novo como um partido marcadamente getulista. Sua fundação objetivava também fazer frente à expansão do Partido Comunista quando da redemocratização de 1945. Mas a história do PTB, interconectada à História do Brasil, caminhou na direção da adoção da causa de um reformismo social profundo e de um nacionalismo contundente. Mesmo tendo na pessoa de Getúlio Vargas uma referência genuína, incorporou uma nova liderança trabalhista, que, podemos dizer, avançou à esquerda em relação ao programa fundador do partido.

**IHU On-Line - Como a história do PTB se relaciona com Getúlio Vargas e com o getulismo?**

**Lucília de Almeida Neves Delgado** - O PTB é filho do getulismo, mas um filho que ganhou autonomia de voo à medida que foi se consolidando como partido. O PTB jamais deixou de ser getu-

lista, mas passou a ser mais do de que somente getulista. Com o tempo ficou mais trabalhista do que getulista.

**IHU On-Line - Como a senhora define a relação do movimento sindical com o PTB?**

**Lucília de Almeida Neves Delgado** - Trata-se de uma relação umbilical. Muitos dos mais importantes líderes sindicais do Brasil no período de 1945 a 1964 eram também petebistas. Na verdade, o movimento sindical do Brasil naqueles anos contou também com a atuação de lideranças católicas e comunistas, mas os trabalhistas eram, a bem dizer, hegemônicos, em especial no período imediatamente anterior ao golpe político de 1964.

**IHU On-Line - Quais os principais pontos da evolução programática do PTB?**

**Lucília de Almeida Neves Delgado** - Certamente foi a adoção da bandeira da reforma agrária e demais reformas de base, a defesa do terceiro-mundismo e um forte nacionalismo. Podemos dizer que, com o passar dos anos, o PTB tornou-se referência de um trabalhismo democrático, orientado por profundas preocupações sociais. Com certeza ficou mais próximo da social-democracia do que da liberal-democracia.

**IHU On-Line - Qual era o perfil político-social dos principais dirigentes do PTB?**

**Lucília de Almeida Neves Delgado** - Nos primeiros tempos do partido, eles eram basicamente getulistas. Com o passar do tempo surgiram petebistas mais teóricos e doutrinários. Na sequência, vieram líderes vinculados ao getulismo, mas com marcas mais reformistas e menos anticomunistas. Goulart está incluído neste grupo. Já Brizola pode ser identificado como o mais socialista dos dirigentes do PTB.

**IHU On-Line - Como o catolicismo aparece na conjuntura do governo João Goulart?**

**Lucília de Almeida Neves Delgado** - O catolicismo, no plano internacional, passou por importantes transformações no final dos anos de 1950 e no

decorrer da década de 1960. No Brasil, quando do governo João Goulart, podemos dizer que havia dois grupos no seio do catolicismo. Um mais conservador e outro mais progressista. Os progressistas ganharam força a partir do papado de João XXIII<sup>1</sup> e depois de Paulo VI<sup>2</sup>. O setor mais progressista do catolicismo brasileiro, no início da década de 1960, adotou posições em favor da reforma agrária, da alfabetização universal e da superação do subdesenvolvimento. Esteve ao lado dos movimentos sociais que também abraçavam essas causas. Já o catolicismo mais conservador não apoiava a reforma agrária e nem mesmo a crescente autonomia da sociedade civil. Em 1964, somaram-se aos partidos, militares, organizações sociais e políticos que se uniram para depor João Goulart.

#### IHU On-Line - Após a posse de Jango

**1 Papa João XXIII (1881-1963):** nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da IHU On-Line)

**2 Paulo VI (1897-1978):** Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefiou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da IHU On-Line)

## “Após o golpe de 1964 toda política oficial em relação a João Goulart teve duas orientações: desqualificação e urdidura do esquecimento”

**no regime parlamentarista, qual foi o sentimento da população gaúcha e brasileira?**

**Lucília de Almeida Neves Delgado** - Parte expressiva da população brasileira e, com certeza da população do Rio Grande do Sul, não concordou com a adoção do parlamentarismo, que foi uma solução negociada para garantir a posse de João Goulart na presidência da República, quando da renúncia de Jânio Quadros<sup>3</sup>. A adoção do parlamentarismo foi, a bem dizer, inconstitucional. Sua inadequação extrema à realidade política brasileira era visível.

**3 Jânio da Silva Quadros (1917-1992):** 22º presidente do Brasil, entre 31 de janeiro de 1961 e 25 de agosto de 1961 – data em que renunciou, alegando que “forças terríveis” o obrigavam a esse ato. Em 1985 elegeu-se prefeito de São Paulo pelo PTB. (Nota da IHU On-Line)

Pouco tempo depois da sua adoção, a maioria da população brasileira, em um plebiscito, que mobilizou o país, votou pelo retorno ao presidencialismo.

**IHU On-Line - Podemos considerar Jango o herdeiro político de Getúlio Vargas?**

**Lucília de Almeida Neves Delgado** - Com certeza, Jango foi herdeiro direto de Getúlio Vargas, mas em muitos aspectos diferenciou-se do velho estadista, que paradoxalmente foi também um ditador. Jango bebeu nas águas do getulismo, mas criou sua própria marca, de um trabalhismo mais moderno e arrojado. Penso que ainda precisamos fazer jus à sua memória e à sua trajetória, não de uma forma ufanista e inconsequente, mas reconhecendo seus limites e suas qualidades de homem público.

#### LEIA MAIS...

>> Sobre a Campanha da Legalidade veja também:

- Do rádio à internet: a legalidade e a mobilização popular. Entrevista especial com Christa Berger, disponível em <http://bit.ly/mUZtCm>
- Leonel de Moura Brizola. 1922-2004. Revista IHU On-Line, número 107, disponível em <http://bit.ly/f1fwfm>
- Campanha da Legalidade. 50 anos de uma insurreição civil. Cadernos IHU em Formação, número 40, disponível em <http://bit.ly/qM14Ml>

23-11-2011

CICLO DE PALESTRAS: ECONOMIA DE BAIXO CARBONO. LIMITES E POSSIBILIDADES

PROF. DR. SERGE LATOUCHE - PROFESSOR DE ECONOMIA NA UNIVERSIDADE DE

PARIS XI - SCEAUX / ORSAY

INFORMAÇÕES EM [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

## Adam Smith, os sentimentos morais e a acumulação da fortuna material

Para André Azevedo, Adam Smith foi capaz de entender e relacionar o desejo individual, egoísta, de melhorar a condição de vida material com a acumulação de riqueza de um país

POR GRAZIELA WOLFART

O primeiro economista era, antes disso, um filósofo. E a partir desta formação é que Adam Smith contribuiu para o pensamento clássico e econômico e continua atual até nossos dias. Tendo isso em vista, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promove o **Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011**, que inicia hoje, dia 29 de agosto. O professor Dr. André Filipe Zago de Azevedo, professor no PPG em Economia da Unisinos, falará sobre o tema “Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material”, das 20 às 22h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, André Azevedo argumenta que, do ponto de vista econômico e influenciado pela ineficiência gerada pelo Estado mercantilista, Adam Smith pendeu para o livre mercado. “Enquanto a ordem imposta pelo Estado gerava desordem, a desordem aparente do mercado conduzia à ordem, uma ordem anárquica das partes. Nesse sistema, para ele, (i) desde que não se violasse as leis da justiça (regras do jogo), (ii) cada homem ficaria livre para buscar seu próprio interesse. Na visão smithiana, essas são as duas variáveis-chave para entender a riqueza das nações”. E André explica por que considera interessante retomar Smith em pleno contexto de crise financeira internacional, ao lembrar que ele “foi um dos primeiros a defender o livre comércio, que seria um mecanismo capaz de promover o aumento da produção via especialização e, com as trocas, aumentar o consumo e o bem-estar das populações dos países envolvidos no comércio internacional. No entanto, ele reconhecia a importância da regulação, ou seja, da necessária obediência às ‘regras do jogo’. A forte desregulamentação financeira, ocorrida desde os anos 1980, não seria vista por ele como algo necessariamente benéfico”.

André Filipe Zago de Azevedo é graduado e mestre em Economia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e doutor em Economia, pela University of Sussex, Inglaterra. É professor do Programa de Pós-Graduação em Economia na Unisinos. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em que sentido os sentimentos morais em Adam Smith se relacionam com as razões da acumulação e da conservação da fortuna material?**

**André Azevedo** - Smith, ao contrário de muitos filósofos morais, que condenavam a riqueza e a ambição material, foi capaz de entender e, mais do que isso, relacionar esse desejo individual, egoísta, de melhorar a condição de vida material com a acumulação de riqueza de um país. Isso não significa que Smith atribuísse à riqueza uma importância indevida para a felicidade do indivíduo. Ao contrá-

rio, ele parecia ser cético quanto à relevância do progresso material para a felicidade das pessoas. Ou seja, ele foi capaz de distinguir entre o desejado e o desejável. Conforme observado por Eduardo Giannetti<sup>1</sup>, em seu livro *A ética na riqueza das nações*<sup>2</sup>,

<sup>1</sup> Eduardo Giannetti da Fonseca (1957): economista brasileiro, formado na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA e em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, ambas da Universidade de São Paulo. Possui doutorado em economia pela Universidade de Cambridge, onde foi professor entre 1984 e 1987 e de 1988 a 2001. Lecionou na FEA/USP. Atualmente é professor integral no Ibmecc São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> GIANNETTI, Eduardo da Fonseca. *Vícios privados, benefícios públicos? - A Ética na Riqueza*

“entre o desejável e o desejado está uma opinião, um juízo de valor que faz daquilo que se deseja algo merecedor do nosso desejo”. A ética incidiria exatamente aí, sendo o filtro que separa o desejado do desejável. Na teoria dos sentimentos morais, Smith enfatiza que a riqueza é desejada pela “grande multidão humana” e que, embora isso fosse moralmente tolerável, estava longe de ser o desejável. O desejável, para ele, seria buscar a sabedoria e a virtude. No entanto, isso não o impediu de procurar compreender quais seriam as causas

*das Nações* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993). (Nota da IHU On-Line)

da riqueza das nações.

**IHU On-Line - Qual a importância da obra *Riqueza das Nações*, de Adam Smith, para a constituição da economia como ciência?**

**André Azevedo** - Para muitos, a importância da *Riqueza das nações* não reside apenas no fato de ter sido a primeira obra que tratou, com profundidade, de assuntos econômicos, mas na sua capacidade de explicar o próprio “homem econômico”. De acordo com Ronald Coase<sup>3</sup>, ao receber o prêmio Nobel de Economia, em 1991, “a principal atividade dos economistas, desde a publicação da *Riqueza das nações*, em 1776, tem sido preencher as lacunas no sistema de Adam Smith, corrigir seus erros e tornar sua análise mais precisa”. Isso mostra a relevância dessa obra para o surgimento da economia como ciência. Portanto, mais de dois séculos após sua publicação, ela não perdeu a capacidade de se manter atual.

**IHU On-Line - Qual a contribuição de Smith para a possibilidade de conjugação entre interesses privados e interesse público, entre a busca do interesse próprio do indivíduo e o bem-estar social, entre o bem-estar de cada um e o bem comum a todos?**

**André Azevedo** - A obra de Smith sofreu forte influência de Mandeville<sup>4</sup>, autor de *Fábula das abelhas: vícios privados, benefícios públicos*, em que o autor afirma que os pecados humanos (egoísmo, lascívia, vaidade, etc.) seriam insumos indispensáveis

<sup>3</sup> Ronald Harry Coase (1910): economista britânico. Foi agraciado com o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel de 1991, como resultado de sua produção da área da microeconomia, em que desenvolveu a Teoria da Firma. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Bernard Mandeville (1670-1733): filósofo, economista político e satírico. Nasceu na Holanda, mas viveu a maior parte de sua vida em Inglaterra, tendo usado o Inglês para a maioria das obras que publicou. Tornou-se famoso (ou infame) devido à sua obra de 1714, *The fable of the bees: or, Private vices, publick benefits* (A Fábula das abelhas: ou, Vícios privados, benefícios públicos). (Nota da IHU On-Line)

## “Ao buscar promover seu autointeresse, o egoísta estaria beneficiando a toda a sociedade”

para o progresso econômico. Assim, o egoísta, que só pensava em si, seria o responsável pelo avanço material da sociedade, ou seja, aquele indivíduo, cujo comportamento era repudiado desde os tempos bíblicos, torna-se um benfeitor público. Por sinal, uma das frases mais famosas da *Riqueza das nações* é: “Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do pai-deiro que esperamos o nosso jantar, mas da consideração que eles têm de seu próprio interesse”.

**IHU On-Line - Em que sentido a metáfora da mão invisível exprime essas conjunções?**

**André Azevedo** - Em outras palavras, que mecanismo seria responsável por transformar os vícios das partes no esplendor do todo? Muitos interpretam como sendo a liberdade econômica com regras gerais de conduta justa, isto é, a mão invisível, é o que levaria o indivíduo a promover um fim, ou seja, o bem-estar da sociedade, que não era parte da sua intenção original. Assim, ao buscar promover seu autointeresse, o egoísta estaria beneficiando a toda a sociedade.

**IHU On-Line - Quais os fundamentos da filosofia moral e da economia política smithiana, e qual a relação entre ambas?**

**André Azevedo** - Embora tenha sido o primeiro economista, Smith foi um filósofo até o fim de seus dias. Segundo James Bonar, seu principal motivo para estudar economia na *Riqueza das nações* e ética na *Teoria dos sentimentos morais* é a descoberta da verdade por ela mesma, o amor de buscar a ordem onde

parecia haver o caos. Do ponto de vista econômico, influenciado pela ineficiência gerada pelo Estado mercantilista, Smith pendeu para o livre mercado. Enquanto a ordem imposta pelo Estado gerava desordem, a desordem aparente do mercado conduzia à ordem, uma ordem anárquica das partes. Nesse sistema, para ele, (i) desde que não se violasse as leis da justiça (regras do jogo), (ii) cada homem ficaria livre para buscar seu próprio interesse. Na visão smithiana, essas são as duas variáveis-chave para entender a riqueza das nações.

**IHU On-Line - Em que sentido Adam Smith pode contribuir com uma reflexão sobre a crise financeira internacional atual?**

**André Azevedo** - Smith foi um dos primeiros a defender o livre comércio, que seria um mecanismo capaz de promover o aumento da produção via especialização e, com as trocas, aumentar o consumo e o bem-estar das populações dos países envolvidos no comércio internacional. No entanto, ele reconhecia a importância da regulação, ou seja, da necessária obediência às “regras do jogo”. A forte desregulamentação financeira, ocorrida desde os anos 1980, não seria vista por ele como algo necessariamente benéfico.

### LEIA MAIS...

>> André Filipe Zago de Azevedo já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira:

\* Brasil será atingido pela crise mundial. Publicada na IHU On-Line número 274, de 22-09-2008, disponível em <http://bit.ly/rrsjll>

>> Veja o que mais o Instituto Humanitas Unisinos - IHU já publicou sobre Adam Smith:

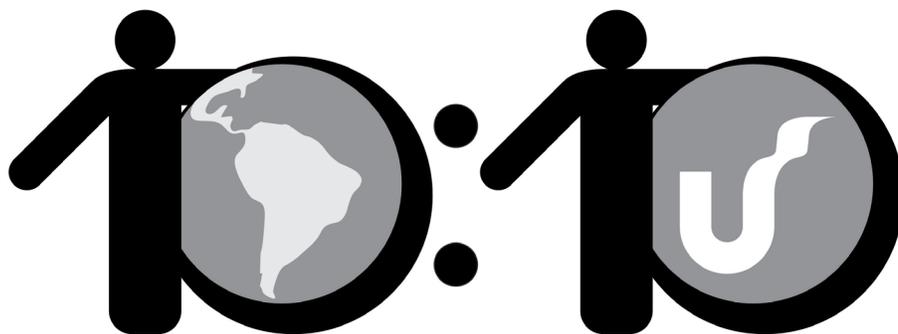
- A atualidade do pensamento de Adam Smith. Entrevista com Ana Maria Bianchi, publicada na IHU On-Line nº 133, de 21-03-2005, disponível em <http://migre.me/xQmm>;
- Cadernos IHU Ideias número 35, de 21-07-2005, intitulado Adam Smith: filósofo e economista, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para download em <http://migre.me/xQnc>

# REDUZIR: uma atitude cada vez maior.

A **C**ampanha 10:10 Global surgiu em 2009 com a ideia de **reduzir** em 10% o **C**onsumo de carbono no mundo a partir de 2010.

Inspirada nessa ideia, a Unisinos implantou o projeto **10:10 Unisinos**, que iniciou no dia 10 de outubro de 2010 com o objetivo de reduzir em 10% a emissão de **carbon****U**<sub>2</sub> na universidade.

A **Agência Experimental de Comunicação** da Unisinos colaborou com essa campanha através da **criação do logotipo**.



**Pra viver, tem que cuidar e fazer acontecer.**

## **ABRACE ESSA CAUSA**

Criada em julho de 2002, a Agexcom reúne em um único espaço professores, profissionais e estagiários dos cursos de Comunicação Social da Unisinos. A agência realiza trabalhos de criação e divulgação para diversos setores e cursos da universidade.

Além disso, é responsável pelo site de comunicação [portal3.com.br](http://portal3.com.br), a revista Primeira Impressão e os jornais Enfoque e Babélia.

twitter | Buscar  Q Página Inicial Perfil

O que está acontecendo?

Histórico @Mencões Retweets Buscas Listas

 **Conteúdo\_Livre** sergyo  
RT @cialetras: 50% de desconto em todos os clássicos da Penguin-Companhia! [bit.ly/nb5kN5](http://bit.ly/nb5kN5) (grátis p/ algumas cidades) via @viledesma  
há 28 segundos

 **democracynow** Democracy Now!  por antounh  
NYC Criticized For Failing To Evacuate Prisoners at #Rikers Island Ahead of #Irene. [owl.li/6fDCX](http://owl.li/6fDCX) @JIMRIDGEWAY.  
há 4 minutos

 **Jose Telmo** José Telmo  
Venha à 4ª edição do TREKinRIO com a presença de Guilherme Briggs! [bit.ly/oEcpCM](http://bit.ly/oEcpCM)  
há 52 segundos

 **gazetadopovo** Gazeta do Povo  
Para Ipea, terminais não estarão prontos até a Copa [t.co/rFziC6N](http://t.co/rFziC6N)  
há 1 minuto

http://twitter

Mensagens Quem Seguir   \_ihu ▾

Seus Tweets **25.946**  
há 2 minutos : Dados censitários e o Vale do Sinos [bit.ly/p...](#)

Seguindo **516** Seguidores **3.007**

Quem seguir · atualizar · ver todos

-  **Tecnisa** Tecnisa S.A.  · Seguir ×  
 Promovido
-  **puc\_sp** PUC-SP · Seguir ×  
Seguido por @editoraboitempo e outros.
-  **observatoriopig** Observatório do PIG · Seguir ×  
*Observatório do PIG - Uma trincheira para a democr...*

Assuntos do Momento: Brasil · alterar

#VMA  Promovido

LADY GAGO

Kate Perry

HAPPY BIRTHDAY TO THE KING

er.com/\_ihu

# IHU Repórter

## Cristina Trisch

POR THAMIRIS MAGALHÃES | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

**C**ristina Trisch, 31, nasceu e mora em São Leopoldo. Há 11 anos trabalhando nas Ciências da Comunicação da Unisinos, Trisch, em entrevista ao IHU Repórter, lembra da infância, família e dos valores que adquiriu dos pais e que pretende repassá-los aos filhos. Emocionada, lembra momentos vividos com a família que marcaram para sempre.

**Quem sou eu** - Têm duas palavras que me definem muito bem: o caráter e a família. Acredito que essas duas coisas estão juntas em tudo o que eu faço e em todas as decisões que tomo. Além disso, sempre reflito muito e penso na minha família antes de tomar uma decisão.

Tenho muito bom coração. Não consigo deixar de ajudar as pessoas. Talvez elas nem peçam a minha ajuda, mesmo assim procuro sempre colaborar. Acho que essa é uma das minhas características mais fortes. Eu acredito que outra característica minha é a confiança, sou muito fiel com as minhas amizades e relacionamentos. Também gosto de sentir confiança nos outros, dessa forma me sinto mais segura. Acredito que a confiança é um fator muito importante.

**Origens** - Meus pais nasceram em Itati-RS, lugar que ainda visitamos bastante, pois minha avó paterna mora lá. Moro com meus pais Nadir e Zulma em São Leopoldo. Tenho uma irmã, Simone, e um irmão Marino, dos quais tenho muita admiração e carinho.

**Formação** - Comecei o curso de graduação na Unisinos em 1999. Optei pelo curso de Secretariado Executivo Bilíngue. Final de 1999, início de 2000, surgiu uma oportunidade de estágio na Unisinos, na secretaria das Ciências da Comunicação. Participei da seleção e

comecei a trabalhar como estagiária. Era o final do ano 2000; fui contratada e estou lá até hoje. Formei-me bacharel em 2006, e concluo esse ano o MBA em Gestão Empresarial, pela Unisinos.

**Trabalho** - Já trabalhei na Receita Federal e na prefeitura de São Leopoldo. Mas, com a vida acadêmica e depois do curso na Unisinos, continuei na universidade. Gosto muito do meu trabalho na secretaria das Ciências da Comunicação. O trabalho aí é realizado de forma compartilhada, apoiando todos os níveis acadêmicos: graduação, extensão, pós-graduação e especialização. Ou seja, trabalhamos em um único espaço físico, de maneira compartilhada, para que sempre fiquem atendidos todos os níveis acadêmicos.

**Lazer** - Gosto muito de passear, viajar e ouvir música. Gosto muito de ouvir *In the arms of the angel*, de Sarah McLachlan. Trabalho 40 horas na Unisinos. A rotina do trabalho e estudo muitas vezes não nos deixa “olhar para os lados”. Adoro o que eu faço, mas às vezes sinto falta de fazer algo mais, e faço: dou catequese. Sou catequista na Comunidade Católica São Judas Tadeu e tenho encontros de catequese com as crianças todos os domingos pela manhã, depois da missa. Os momentos de oração e reflexão fazem com que eu me sinta muito bem.

**Livros** - Gosto de poemas. Adoro os poemas do Mário Quintana. Livros eu leio dos mais variados. Interesse-me por livros de ficção, romance e os que fazem referência ao espiritismo também.

**Filme** - Gosto muito de dois filmes que assisti há algum tempo: *Sete Vidas* e *Diário de uma paixão*.

**Política no Brasil** - Desconfio um pouco da política no Brasil. Penso que é muito difícil ser honesto em um “mundo” onde os políticos têm muitas chances de não sê-lo. Atualmente, acredito que estamos tendo alguns resultados positivos. Porém ainda duvido muito da política e dos políticos.

**Religião** - Minha família tem um histórico muito bonito em termos de religião. Meu pai sempre fez trabalhos na igreja, sendo ministro da palavra. Minha mãe sempre apoiou isso. Então, desde pequeno, a gente convive com grupos de liturgia. Quando eu fiz o crisma, surgiu um convite de um padre, muito amigo nosso, Pe. Orestes, já falecido, para que eu comesse a dar catequese.

A religião é muito importante na minha vida. Em casa, temos o hábito até hoje de rezar antes das refeições. Quando meus irmãos e eu éramos crianças, rezávamos todas as noites. Ninguém ia para cama sem rezar. Meus pais



tinham esse ritual de reunir os filhos e fazer uma oração, agradecer pelo dia. Eu considero isso muito importante. Acredito que ainda existem coisas boas no mundo, porque as pessoas, independentemente de religião, ainda têm fé.

**Trabalho voluntário** - Essa atividade de catequista é um trabalho voluntário, pois a Igreja não tem fins lucrativos e o que ela consegue recolher é usado para manter o prédio, coisas assim. Esse trabalho me faz bem. A troca de experiências que as crianças me proporcionam é muito gratificante. Faço isso desde os 16 anos.

**Unisinos** - Unisinos é reinvenção. Tenho uma relação bastante afetiva com ela. Na verdade, muitas coisas boas eu conquistei aqui dentro. Sempre tive um espaço muito bom no meu trabalho. Com os colegas de trabalho, coordenadores, professores e alunos sempre tive uma relação muito boa. Aprendo muito com eles, todos os dias.

Tenho uma opinião que, independentemente do tempo que a gente trabalha em um lugar, o que importa é a motivação, a vontade de querer fazer as coisas diferentes e o quanto você contribui para a instituição e o trabalho que realiza.

Acredito que consegui contribuir com muitas coisas boas na Unisinos e da mesma forma adquirir muitas coisas boas aqui também. Além disso, conheci muitas pessoas importantes na minha vida, como o meu namorado Mateus, que trabalhou aqui. A gente se conheceu em 2000, aqui na Unisinos, mas éramos apenas amigos. E, em 2006, ele já não trabalhava mais na instituição; nos reencontramos por acaso e continuamos mantendo contato, até que em 2008 começamos a namorar. Então, a Unisinos contribuiu com isso também. Conhecemos um ao outro há 11 anos e namoramos há 3 anos e meio. Temos objetivos profissionais e pessoais, com muita vontade de construir uma família juntos.

**IHU** - Sempre acompanho as entrevistas do IHU Repórter. Acho que essas entrevistas com professores e funcionários são uma forma de conhecermos um pouco mais do colega de trabalho. Muitas vezes conversamos e trocamos informações por telefone e e-mails e acabamos não conhecendo quem está do outro lado. O IHU nos dá essa possibilidade. Além disso, sempre recebemos a revista na secretaria e eu acompanho online também.

**Sonho** - Meu sonho é construir minha família e conseguir passar valores a ela. Valores que eu recebi dos meus pais, como respeito, solidariedade e luta por ideais. As famílias estão muito desestruturadas, e isso é ruim, pois a família é a base, o início de uma vida. Outro sonho que sempre tive e que realizei este ano foi conhecer a Europa. Meu namorado teve a possibilidade de viajar pela empresa e eu aproveitei a oportuni-

dade. Fiz uma viagem bem legal. Conheci vários países, como Suíça, Alemanha, França, Itália. E o melhor: conheci o Vaticano, que era um sonho meu! Como o tio do Mateus, Pe. João Roque é reitor no Colégio Pio Brasileiro de Roma, conseguimos fazer um passeio histórico pelo Vaticano, inclusive vimos o Papa!

**Valores** - Meu pai e minha mãe são casados há 36 anos. E eles prezam muito a união da família, prezam a família amiga. Eu e os meus irmãos somos muito unidos. Cada um tem as suas tarefas, o seu trabalho, a sua individualidade, mas ninguém esquece a família. Sempre estamos juntos no café da manhã, final de semana e no almoço de domingo. Esses são alguns valores que tenho e que passarei a meus filhos.

**Lembranças** - Meus pais têm uma história muito bonita. São pessoas humildes. Minha mãe trabalha no Hospital Centenário e o meu pai é aposentado, mas ainda trabalha numa empresa metalúrgica. Eles vieram do interior sem recursos financeiros. Nunca passaram fome, mas quando casaram, colocaram um fogão, uma cama e uma pia em cima de caminhão e vieram para São Leopoldo. Não sabiam muito bem o que encontrariam por aqui, mas tinham o objetivo de construir uma casa e uma vida! Então, há alguns dias nos reunimos na sala de casa e buscamos algumas fotos antigas. Meu pai gosta muito de rever essas coisas. Ele diz que é importante recordarmos o passado. Num dos álbuns encontramos fotos da primeira casa deles, que era muito humilde. Fizemos a comparação com a casa e o lar que eles têm hoje e percebemos o quanto eles foram guerreiros. Com honestidade e humildade conseguiram chegar, ou melhor, superar o objetivo.

[WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

# Destaques

## Perdendo e encontrando a criação

“Perdendo e encontrando a criação na tradição Cristã”, autoria de Elizabeth A. Johnson. Esse é o tema do Caderno Teologia Pública, nº 57, que acaba de ser lançado. A autora afirma que, por aproximadamente 1500 anos, nossos antepassados medievais mantiveram o mundo natural em alguma forma de relacionamento estreito com a humanidade e com Deus. Para ela, por uma variedade de razões, a teologia tornou-se intensamente antropocêntrica e “devemos desenvolver o pensamento religioso e a ação ética, com dimensão ecológica e tangível”. O texto completo estará disponível no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) a partir de 23-09-2011 em formato PDF. E a versão impressa pode ser adquirida na Livraria Cultural da Unisinos ou pelo e-mail: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br).



## Derrida, a educação e o acontecimento do impossível

“Derrida e a educação: o acontecimento do impossível” é o título do artigo de Verónica Pilar Gomezjurado Zevallos, publicado na 36ª edição dos Cadernos IHU, recém lançado. Segundo a autora, embora Derrida não tenha abordado diretamente a educação como tradicionalmente se costuma pensar, dentro de estruturas e esquemas preestabelecidos, a leitura do mesmo nos conduz a realizar uma tarefa de desconstrução, examinando mecanismos conceituais que permitam contestar os limites impostos e possibilitem a criação de novos conceitos de todo e qualquer discurso.

Para adquirir a versão impressa basta ir até a Livraria Cultural da Unisinos ou solicitar pelo e-mail [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) A partir de 23-09-2011, o texto estará disponível na íntegra em fomato PDF no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br).



## Cadernos IHU em Formação lembra 50 anos da Campanha da Legalidade

O Cadernos IHU em formação, em sua 40ª edição, apresenta “Campanha da Legalidade: 50 anos de uma insurreição civil”. Com uma seleção de várias entrevistas, o caderno destaca este movimento importante, embora muitas vezes esquecido, da história brasileira, que foi a Campanha da Legalidade. As vidas de Jango e Brizola, protagonistas da época, são abordadas nesta edição de Cadernos IHU em formação. Passados 50 anos, qual seria o legado deixado à democracia brasileira? Caderno IHU em formação “Campanha da Legalidade: 50 anos de uma insurreição civil” já pode ser acessado no sítio do IHU, em: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Para adquirir a versão impressa basta ir até a Livraria Cultural da Unisinos ou solicitar pelo e-mail [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br). A partir de 23-09-2011, o texto estará disponível na íntegra em fomato PDF no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br).

Siga o IHU no



([http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu))

E também no

facebook

(<http://bit.ly/ihufacebook>)

Apoio:



UNISINOS

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

IHU Contracapa